



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE

LINHA 01 - PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E
PLURALIDADE CULTURAL.

ROGÉRIO RODRIGUES GOMES

ENTRE “CABEÇAS” E “MALAS-SUJAS”: UM ESTUDO SOBRE OS SABERES,
SIGNIFICADOS E PRÁTICAS DE JOVENS DA ZONA URBANA DE
ALAGOINHAS/ BAHIA SOBRE AS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS.

Salvador

2013

ROGÉRIO RODRIGUES GOMES

ENTRE “CABEÇAS” E “MALAS-SUJAS”: UM ESTUDO SOBRE OS SABERES,
SIGNIFICADOS E PRÁTICAS DE JOVENS DA ZONA URBANA DE
ALAGOINHAS/ BAHIA SOBRE AS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito da linha de pesquisa I – Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

ORIENTADOR: PROF. DR. MARCOS LUCIANO LOPES MESSEDER

Salvador

2013

ROGÉRIO RODRIGUES GOMES

ENTRE “CABEÇAS” E “MALAS-SUJAS”: UM ESTUDO SOBRE OS SABERES,
SIGNIFICADOS E PRATICAS DE JOVENS DA ZONA URBANA DE
ALAGOINHAS/ BAHIA SOBRE AS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS.

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito da linha de pesquisa I – Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural em 13/06/2013, Salvador, Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes Messeder (Orientador)
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, UNEB, BRASIL.

Prof. Dr. Edward John Baptista das Neves MacRae
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, UFBA, BRASIL.

Prof. Dr. Osvaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, UNEB, BRASIL.

Prof. Dr. Augusto César Rios Leiro
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, UNEB, BRASIL.

*A meus pais, meu filho
Miguel, família e amigos.*

AGRADECIMENTOS

Aos jovens, sujeitos desta dissertação.

A meu orientador Prof. Dr. Marcos Messeder por ter aceito o desafio de pensar este tema complexo e inquietante.

Aos colegas e professores do Mestrado de Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia

Aos meus familiares e amigos de forma geral.

“Na sociedade brasileira contemporânea há, pelo menos, dois tipos de acusação em que se pode perceber como a ideia de doença mental funciona como elemento explicativo e exorcizador. São as categorias de drogado e subversivo. Ambas as acusações têm sido feitas, predominantemente, a indivíduos jovens, (...)”. Gilberto Velho – *Individualismo e Cultura.*

RESUMO

Esta dissertação é o resultado da pesquisa realizada no município de Alagoinhas / Bahia com jovens pobres da faixa etária de 14 a 18 anos sobre seus saberes e práticas a respeito das substâncias psicoativas, particularmente da maconha. Pesquisamos também os significados atribuídos ao uso e aos usuários de substâncias psicoativas por uma equipe pedagógica de uma instituição escolar e seus alunos. Discutimos a questão geral da interface entre o uso de psicoativos pela juventude na contemporaneidade e suas implicações para a educação. A perspectiva teórica adotada nesta dissertação é o interacionismo simbólico. Neste sentido, as categorias de “desvio” e de “estigmatização” foram fundamentais para entender os referidos processos de exclusão social. A metodologia utilizada foi de base qualitativa e como técnicas foram utilizadas entrevistas. A análise dos dados revelou as relações conflituosas geradas pela criminalização de certas substâncias psicoativas e sua capacidade de mobilização subjetiva e simbólica da juventude pobre, associando a produção de sociabilidades próprias. Este trabalho é, portanto, uma contribuição para se pensar um tema importante relacionado a juventude e suas articulações com o ambiente escolar, familiar e a sociedade contemporânea. Pensamos que é necessário abrir espaços de escuta dos discursos, desejos e saberes destes sujeitos sobre as substâncias psicoativas.

Palavras-chave: Juventude, substâncias psicoativas, saberes e práticas, educação escolar, sociabilidade.

ABSTRACT

This dissertation is the result of research conducted in the city of Alagoinhas / Bahia with poor youngsters aged from 14 to 18 about their knowledge and practices regarding psychoactive substances, particularly marijuana. The meanings attributed to the use of psychoactive substances by a teaching staff of a school and its students was also researched. The interfaces between the use of psychoactive drugs by youth in contemporary society and its implications in education have been discussed. The theoretical perspective adopted in this thesis is a symbolic interactionism. In this sense, the categories of "diversion" and "stigmatization" were essential to understand these processes of social exclusion. The methodology used was based on qualitative data and techniques such as interviews and focus groups. Data analysis revealed the conflicting relationships generated by the criminalization of certain psychoactive substances and their ability to mobilize the symbolic and subjective world of the poor youth, associating the production of sociability own generation. This paper is therefore a contribution to an important topic related to youth and their connections to the school environment, family and contemporary society. We think that is necessary to open spaces to listen to their speech, needs and knowledge about psychoactive substances.

Key Words: Youth, psychoactive substances, knowledge and practices, education, sociability.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDECA – Centro de Defesa da Criança e do adolescente da Bahia

CREAS – Centro de Referência Especializada da Assistência Social

CMA – Colégio Municipal de Alagoinhas.

CMDCA- Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente

CPB – Casa de Passagem Belém.

E – Entrevistador.

PROERD - Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência.

SUAS – Sistema Único da Assistência Social

SPAs – Substâncias Psicoativas

A letra E nas entrevistas sempre se refere ao entrevistador

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	PERSPECTIVAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	7
2.1	DESCRIÇÃO DO AMBIENTE DE PESQUISA.	12
2.2	PERCURSO METODOLÓGICO.	15
2.3	APRESENTAÇÃO DAS FONTES E DOS DADOS.	19
3	A PROBLEMÁTICA DA JUVENTUDE, DAS DROGAS E DA EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE.	21
4	OS JOVENS, SEUS DESVIOS E INTERAÇÕES SOCIAIS: A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA INTERACIONISTA.	31
4.1	O CASO DE MATEUS: DIFERENTES LUGARES, DIFERENTES FACETAS IDENTITÁRIAS ATÉ O DIA... QUE “BADALOU! OS CARAS CONHECERAM MINHA CARA AÍ JÁ ERA, BADALOU! SE OS CARAS TE VEREM DE NOVO É CORTE”.	40
4.2	DESDOBRAMENTOS DA SOCIOLOGIA DO DESVIO: DIFERENTES TIPOS DE USOS, DIFERENTES TRAJETÓRIAS.	53
5	DOIS CASOS ONDE O USO DA MACONHA PARTICIPOU DA SOCIABILIDADE DOS JOVENS: OS CASOS DE VANESSA E LUCIANO.	59

5.1	O CASO DE VANESSA: ENTRE AS GARGALHADAS, O SONO E A “LARICA”.	59
5.2	O CASO DE LUCIANO: A QUADRA COMO LUGAR DE SOCIABILIDADE, MAS TAMBÉM DE USO DE PSICOATIVOS.	64
6	O MAPEAMENTO DOS SIGNIFICADOS SOBRE AS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NUMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.	68
7	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O LUGAR SOCIAL E O ESTILO DE VIDA DOS JOVENS DESTA PESQUISA.	78
8	DOIS CASOS EM QUE O DISCURSO PROIBICIONISTA E AS CONCEPÇÕES PAUTADAS NO PRECONCEITO ENCONTRAM SEUS LIMITES: OS CASOS DE ROMILDO E GILBERTO.	86
8.1	O CASO DE ROMILDO – NEM SEMPRE AS DROGAS CONDUZEM À “CADEIA OU AO CAIXÃO”.	86
8.2	O CASO DE GILBERTO: “QUANDO O CARA FUMA MACONHA O QUE O CARA PARAR PRA PENSAR O CARA PENSA”.	91
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
10	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
11	APÊNDICES	117

Introdução:

O desejo de pesquisar sobre os saberes, significados e práticas de jovens de classes populares da região de Alagoinhas com relação às substâncias psicoativas surgiu da confluência de um percurso de estudos na problemática do uso de psicoativos com o interesse em retratar uma realidade que fosse mais próxima dos verdadeiros sujeitos envolvidos neste fenômeno social. Estes sujeitos são jovens de 14 a 18 anos que vivem, amam, transitam e se arriscam pelo meio urbano, levando consigo um vasto conhecimento sobre as substâncias psicoativas, suas formas de uso, suas formas de comércio e seus efeitos esperados e desejados. Este conhecimento não é dissociado da forma de viver destes jovens, portanto estes saberes, significados e práticas são intrinsecamente relacionados com sua sociabilidade e sua forma própria de estar no mundo. Em que se baseiam estes saberes, significados e práticas destes jovens? Na experiência? Em informações? São diversas questões instigantes que circundam a questão principal: O que estes jovens sabem, praticam e como dão sentido às substâncias psicoativas e seus usos?

Esta dissertação apresenta discussões e análises sobre a pesquisa exploratória realizada na zona urbana de Alagoinhas / Bahia, sobre os saberes, significados e práticas dos jovens sobre as substâncias psicoativas. O estudo foi desenvolvido ao longo dos anos de 2011 a 2013. Esta pesquisa foi de caráter integralmente acadêmica não sendo proposto nenhuma promessa ou projeto de intervenção com as instituições ou com os sujeitos abordados. Os sujeitos tiveram suas identidades plenamente preservadas utilizando-se de pseudônimos para a transcrição de parte das entrevistas. Não foram utilizados qualquer subterfúgios para obter os relatos coletados sendo estes completamente espontâneos. Foi explicitado que seria selecionada parte dos relatos e

que os sujeitos tinham total liberdade para solicitar a supressão de algo que tivessem dito até a entrega da dissertação. A pesquisa foi claramente explicada e não contou com nenhuma fonte financiadora proveniente de instituição de fomento à pesquisa ou de outras.

A literatura específica sobre os saberes de jovens sobre as substâncias psicoativas e de suas relações com a educação no Brasil é escassa e ainda pouco desenvolvida. A necessidade de aprofundamento do tema é de fundamental importância tanto para ser melhor abordado em tratamento de temas transversais com os alunos quanto para modificar a relação escola-usuário que diante das entrevistas coletadas tem sido uma relação de disjunção e de segregação. Neste sentido vale cotejar a afirmação de AQUINO (1998) de que os usos e abusos de substâncias psicoativas participam e interferem direta ou indiretamente na intervenção pedagógica e no cotidiano da ação educativa por ser um fenômeno que se relaciona às demandas sociais do atual contexto sócio histórico brasileiro e afirma sobre o assunto:

“Por mais que suponhamos que se trata de uma temática alheia ao âmbito pedagógico stricto sensu, qualquer educador cioso de seus deveres profissionais concordaria que não se pode permanecer incólume mediante suas manifestações no cotidiano prático. Sem dúvida, as demandas sociais têm exigido respostas cada vez mais complexas e abrangentes por parte dos educadores”. (AQUINO, 1998, PÁGINA 97).

Os jovens pertencentes à população de estudo frequentam a escola pública municipal e são oriundos de contextos onde existe vulnerabilidade social com relação às questões econômicas, sociais e de direitos. Segundo CASTEL (1997) a vulnerabilidade

social caracteriza-se pela fragilidade dos suportes materiais e afetivos que tendem a colocar o sujeito em situação de desamparo social e violações de direitos. A fragilidade dos suportes materiais se refere às impossibilidades que estes jovens têm de ter acesso a bens e serviços essenciais como moradia digna e segura além de outros bens simbólicos referentes à educação. Além desta última característica citada acima e associadas à população que pesquisei, vale demarcar que o significado da expressão “classe pobre” utilizada acima se aproxima do que ZALUAR (2000) analisa:

“Fica-nos o paradoxo final de Perlman quando conclui simultaneamente que os pobres urbanos são integrados em todos os níveis da sociedade brasileira, embora marginalizados e não marginais, excluídos e não apáticos, explorados e não parasitários”. Página 44.

A característica de ser marginalizado e excluído é muito marcante nesta população estudada e se eles são “integrados” em algum nível da sociedade por outro lado permanecem no limite da ruptura social e recebem toda uma carga de estigma por pertencerem a famílias pobres, por serem considerados vagabundos, por utilizarem e comercializarem substâncias psicoativas, por utilizarem roupas extravagantes, por frequentarem festas em que geralmente ocorrem brigas com agressões, por cometerem furtos, dentre outros hábitos e características considerados pela sociedade como estranhos ou desviantes.

Há 08 anos trabalho como psicólogo na região de Alagoinhas nas áreas da educação, assistência social e saúde. Na minha prática profissional na assistência social atuo no âmbito do SUAS (Sistema Único de Assistência Social) na sua subdivisão relativa a “alta complexidade”. Esta subdivisão comporta os serviços especializados que prestam atendimento à população em alto risco social e em situação de violação de

direitos como é o caso do CREAS (Centro de Referência Especializado da Assistência Social). O atendimento é multiprofissional com uma equipe composta de psicólogo, assistentes sociais e advogado. Os atendimentos são realizados em sessões individuais, em grupo e no contexto dos usuários: em suas comunidades, associações e em suas casas. Atendo predominantemente os jovens pobres de ambos os sexos e na maioria das vezes com grandes dilemas sociais e existenciais. Estes jovens são encaminhados para o serviço através do Conselho Tutelar ou pelo sistema judiciário que estabelece uma medida socioeducativa em decorrência do cometimento de algum ato infracional, dentre eles o porte e comercialização de substâncias psicoativas. Por violação de direitos entendem-se as violências dos mais diversos tipos: sexual, física, moral e psicológica.

Neste âmbito conheci jovens usuários de substâncias psicoativas ameaçados de morte por traficantes em decorrência de dívidas e que segundo as diretrizes do SUAS necessitam ter sua vida preservada com medidas especiais de proteção. Muito destes jovens foram encaminhados e acolhidos em uma instituição que abriga jovens com problemas de uso compulsivo de drogas. Esta instituição parceira da rede de assistência chama-se Casa de Passagem Belém. Os jovens permanecem internados e após o terceiro mês de estadia avalia-se a possibilidade do retorno à vida escolar. Neste último caso eles permanecem internados, mas passam a frequentar as escolas do município. Foi deste âmbito que retirei algumas das histórias de vida que coletei através de entrevistas. Tanto dos jovens entrevistados no CREAS quanto dos internos na Casa de Passagem Belém e do colégio que alguns deles frequentam que é o Colégio Municipal de Alagoinhas na educação de Jovens e Adultos à noite.

A Casa de Passagem Belém é uma ONG de utilidade pública municipal situada na Rua Santa Maria, sem número, no conjunto Pinto de Aguiar em Alagoinhas. É uma

instituição dirigida por religiosos que militam no campo da juventude já há alguns anos onde os jovens permanecem abrigados de forma consentida. Tanto estes religiosos como outros que participam e dirigem ONGS no município de Alagoinhas tiveram um papel fundamental na conquista de garantia de direitos dos jovens desta região. Segundo os mesmos era muito frequente o extermínio destes jovens estigmatizados que apareciam mortos repentinamente nas plantações de eucalipto no entorno da cidade. Nesta época o mecanismo de exclusão era direto e impiedoso. Atualmente este mecanismo é indireto, porém não menos atuante. O estilo de vida de jovens de classe pobre é atualmente muito pouco entendido e aceito pelos agentes socializadores o que tem causado acirramento de choques simbólicos e rupturas entre estes dois universos. Neste sentido, vale ressaltar as afirmações do fundador da Casa de Passagem Belém, o pastor João Maria de Araújo que mostra não só como foi fundada esta instituição, mas contextualiza de forma histórica como a sociedade de Alagoinhas percebia e percebe atualmente os jovens usuários de psicoativos oriundos de periferias. Esta entrevista é reproduzida em anexo, porém é necessário destacar neste ponto que os jovens usuários de substâncias psicoativas em Alagoinhas foram alvo de intenso processo de estigmatização e exclusão. Segundo o mesmo interlocutor, 64 jovens usuários de substâncias psicoativas foram executados na cidade, fato que gerou mobilização da sociedade civil, particularmente de setores ligados a entidades religiosas.

Segundo dados coletados por assistentes sociais que entrevistaram a família destes jovens, a renda familiar dos mesmos é baixa chegando ao nível de um salário mínimo por família e suas condições de moradia são precárias. A história de vida destes jovens mostra que eles estão constantemente tentando se inserir no mercado informal de trabalho: trabalho na feira, como vendedores ou carregadores, trabalho no parque de diversões, em bares e bancas, como auxiliares de pedreiros ou mecânicos. Existe

também o trabalho em atividades ilícitas como o carregamento e venda de pequenas quantidades de drogas e furtos. Há também o envolvimento amoroso das jovens com uma figura social local denominado de “mala-suja”. Este é geralmente um jovem usuário de drogas que as comercializa no intuito de ter dinheiro para “curtir” com as meninas, vestir e comprar a própria substância que na maioria das vezes é a maconha. Tive a oportunidade de entrevistar e coletar algumas histórias de vida destes “malas-sujas” que são estigmatizados socialmente, porém são em sua maioria jovens sociáveis e que conversam abertamente sobre suas questões inclusive sobre seu consumo de drogas e prática de atos infracionais. Varia muito a relação dos “malas-sujas” com o cometimento de atos infracionais, existem jovens que fazem pequenas vendas de drogas, mas existem jovens que já cometeram delitos graves e homicídios e que sofreram sérias retaliações levando tiros, então este envolvimento tem que ser discutido no caso-a-caso.

No primeiro capítulo desta dissertação se discute as diretrizes teóricas, técnicas de coleta de dados, ambientes de pesquisa e percurso metodológico. As diretrizes teóricas são vetores de entrelaçamento entre o objeto de pesquisa e a teoria que sustenta as discussões e considerações sobre o mesmo. O suporte teórico utilizado advém em grande parte de autores da sociologia e da antropologia e são mais discutidos e aprofundados em capítulos subsequentes.

Em seguida problematizo a questão geral da interface entre o uso de psicoativos pela juventude na contemporaneidade e suas implicações para a educação. Discorre-se sobre alguns aspectos teóricos sobre a contemporaneidade da exclusão social e discute-se a categoria *Outsiders* como fundamental para as análises que se seguem. É considerado que os jovens que fazem parte do universo desta pesquisa são *Outsiders*,

pois sofrem uma grande carga de estigma e exclusão por parte da sociedade em geral e em particular das instituições de ensino. Neste capítulo é discutido inicialmente o choque que existe entre o uso de psicoativos e a escola concebida classicamente como o lugar privilegiado do uso da razão. É utilizado alguns conceitos da teoria de Zigmunt Bauman, Norbert Elias e outros autores que discutem as características e os processos de exclusão na contemporaneidade.

No capítulo seguinte faço uma discussão sobre os conceitos cruciais para a análise do objeto. Tais conceitos são advindos da escola interacionista de Chicago e seus principais autores, destacando-se Erving Goffman, Howard Becker e Gilberto Velho. Neste capítulo os conceitos de estigma, fachada, manipulação da identidade estigmatizada e carreiras desviantes com relação ao uso de substâncias psicoativas são elencados para cercar teoricamente o objeto de pesquisa em questão. Em seguida, passo para a análise do caso de Mateus por considera-lo um caso que demonstra as principais reflexões realizadas no âmbito teórico. É um caso muito ilustrativo, transparente e que me remeteu a uma série de outras reflexões. É uma entrevista que serve também como uma ponte para o capítulo seguinte.

As reflexões que se seguem enfatizam de que o fenômeno do uso de psicoativos é contextualizado socialmente a as análises de Edward MacRae são fundamentais para esta discussão uma vez que o autor tem inúmeras produções sobre o tema. Através dos textos e do contato com MacRae foi sugerido pelo mesmo um breve desenvolvimento conceitual sobre dois outros autores: Norman Zinberg e Jean-Paul Grund. Este desenvolvimento é feito em outro capítulo e trata além da questão do uso controlado x uso compulsivo de psicoativos, dos autocontroles, controles sociais e heterocontroles,

dos conceitos de Set e Setting e da questão do acesso e do proibicionismo com relação às substâncias psicoativas como um fator que intervém na qualidade de vida do usuário.

A seguir trabalho na análise de uma série de entrevistas com jovens usuários de substâncias psicoativas e com a análise do discurso da equipe pedagógica e de alunos de uma instituição de ensino de Alagoinhas. Estes capítulos da dissertação configuram-se como o momento principal de apresentação e análise dos dados colhidos em campo.

No capítulo seguinte retomo gradativamente às análises teóricas tecendo considerações sobre algumas concepções do conceito de juventude e no que estas concepções me ajudam a entender o tema do uso de psicoativos por jovens de classe social pobre. Analiso algumas características e o lugar social da juventude pobre, do contexto familiar de jovens pobres, de seus estereótipos, afetos, expressividade e corpo.

No último capítulo teço as considerações finais a luz do que pesquisei durante a dissertação. Exponho algumas expressões nativas dos entrevistados e o que estas significam no contexto dos seus saberes e práticas. Discuto sobre as influências da mídia sobre o saber de uma equipe pedagógica sobre o uso das substâncias psicoativas.

Perspectivas teóricas e metodológicas

A perspectiva teórica assumida no âmbito deste trabalho procura contextualizar o fenômeno das drogas na juventude numa concepção interacionista. Não é possível entender a questão das drogas e demais atos desviantes com pressuposições universalizantes sem que se leve em consideração o conjunto de crenças, valores, estilos de vida e visões de mundo que expressam modos particulares de construção social da realidade (VELHO, 2008). Seguindo-se este raciocínio, a realidade social é construída num processo ativo onde os saberes e experiências dos sujeitos são de fundamental importância. Nas falas dos jovens que foram pesquisados podem-se entrever diferentes matrizes de influência na construção de seus discursos, porém nota-se também que tais discursos são elaborados e construídos a partir de um processo ativo onde suas experiências e troca de saberes com seus pares são de fundamental importância.

A escolha em entender os significados atribuídos pelos jovens às substâncias psicoativas e seus usos demarca uma escolha epistemológica e um posicionamento do pesquisador diante da problemática. O objetivo geral desta dissertação foi o de se pesquisar os saberes e práticas de alunos jovens sobre as substâncias psicoativas, com ênfase na *Cannabis Sativa*. Os jovens pesquisados são em sua grande maioria poliusuários, ou seja, usuários de várias substâncias psicoativas de forma concomitante ou ao longo de suas experiências com drogas, mas possuem em comum uma grande experiência com o uso da maconha. Segundo MACRAE e SIMÕES (2004), a maconha é uma substância *sui generis* do ponto de vista farmacológico. Não se enquadra adequadamente como estimulante, nem como depressor, nem como alucinógeno. Seus

efeitos não costumam ser nítidos e perceptíveis à primeira vista, e uma mesma pessoa consumindo doses equivalentes da mesma amostra de maconha pode ter experiências subjetivas bastante diversas de situação para situação.

De acordo com MACRAE e SIMÕES (2004), a maconha (*Cannabis Sativa*) é provavelmente a substância psicoativa ilegal de uso mais difundido no Brasil. Os autores afirmam que embora a prática do uso da maconha seja altamente difundida entre a população jovem do Brasil o tema é tratado abordando-se quase sempre os supostos efeitos danosos da substância sobre o organismo ou sobre a personalidade do sujeito que a utiliza. Será que muito destes efeitos acontecem de forma isolada no indivíduo? Será que o jovem usuário de maconha estabelece sempre uma relação de afastamento de instituições responsáveis por formá-los como é o caso das instituições de ensino?

Para os interacionistas, a moralidade de uma sociedade não é uma realidade fixa criada por um fato totalmente supra-individual, ela é relativa aos atores, ao contexto social e a um dado momento histórico. Se essa moralidade não nasce por si, é preciso que haja os “construtores”. Dessa maneira, a moralidade pode ser definida pelas pessoas cujas reivindicações são baseadas em seus próprios interesses, valores e visão de mundo. Considerando-se que o desvio é uma definição social, os interacionistas se preocupam com sua construção, com a forma que certos rótulos são colados em algumas pessoas, quais as conseqüências que tal fato pode engendrar neles e nos que os rotularam assim. Segundo H. BECKER (2008), o desvio é sempre o produto de um “empreendimento”, dirigido por dois tipos de “empreendedores de moral”: os que criam as normas e os que as fazem aplicar. Os primeiros empreendem uma “cruzada” para a

reforma de costumes. Os segundos são os agentes institucionais encarregados de fazer respeitar as novas leis estabelecidas por essa “cruzada”.

SPOSITO (2011) problematiza a atual situação dos jovens no Brasil situando-os entre a crise das instituições que tradicionalmente exerciam a função de transmitir e oferecer àqueles uma matriz simbólica relativamente estável de valores cívicos e de convivência e as novas formas fluidas de pensar, agir e desejar da contemporaneidade ao analisar:

“Os jovens que hoje estão no sistema de ensino experimentam a condição juvenil em espaços não escolares e já adentram na instituição com essas práticas e modos de vida consolidados porque possuem alternativas e querem, certamente, preservá-las”.

(SPOSITO, 2011, p. 123).

Dentre estas instituições às quais a autora se refere destacam-se a escola e a família como espaços de sociabilidade fundamentais dos jovens. E vale notar que segundo a pesquisa desta autora estas instituições não deixam de ter seu devido valor na vida dos jovens brasileiros, porém não exercem mais o lugar de normatizadoras dos saberes e modelos únicos de caminhos a serem seguidos.

De acordo com GROPPPO (2000, p. 8), a juventude é uma categoria social, ou seja:

“... criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos”.

Ainda segundo GROPPPO (2000) a expressão “juventudes” – no plural – passou a ser empregada com bastante frequência como forma de enfatizar que, se tratando de jovens, é preciso ter em mente que esses constituem realidade plural e multifacetada. Ou seja, é necessário não perder de vista o fato de não existir um modo único de vivência do tempo de juventude. Na verdade, há diferentes maneiras de ser jovem na heterogeneidade econômica, social e cultural contemporânea, onde transitam identidades em fluxo, bem como possibilidades e códigos culturais múltiplos e diferenciados. Desse modo, a noção de “juventudes” remete a um complexo processo sócio-cultural e econômico que se expressa simultaneamente em diversidades e desigualdades objetivas e subjetivas. Toda e qualquer inferência possível acerca da “juventude” – no singular – ganha plausibilidade somente se matizada pela transversalidade que caracteriza a diversidade das experiências juvenis.

Os saberes e a socialização dos jovens em contexto escolar no Brasil têm sido abordados de forma fragmentária por diversas razões incluindo a inadequação da escola aos jovens das camadas populares (CHARLOT, 2001). Este aspecto que o autor cita é comprovado na prática com os sujeitos pesquisados no âmbito desta dissertação, seus saberes são completamente desconsiderados no âmbito escolar e em parte no da família. Principalmente se tais saberes fizerem alusão a temas considerados como desviantes como é o caso dos usos de substâncias psicoativas. O horror à diversidade e às diferentes possibilidades de estilos de vida torna a escola um campo de batalha ao invés de um espaço amplo de democracia e sociabilidade. Os professores acreditam numa situação de alunos ideais convivendo pacificamente, motivados e dispostos a assimilar o conhecimento que vem do outro. Esta idéia ainda é tributária de uma concepção racionalista e iluminista da educação e traz como principal problema a construção de

um tipo ideal de aluno que seria a-histórico, universal e desvinculado de seu meio sócio-cultural (TOURAINÉ, 1998). Nesta crença está claramente implícita a não consideração do aluno concreto advindo de classes de situação econômica desfavorecida e com claros sinais de vulnerabilidade social. Segundo CHARLOT (2001) e também corroborado pelo discurso dos jovens desta pesquisa, estes culpam a escola por excluir de sua pauta os saberes relacionados à vida. Não é uma crítica leve, pois atinge a própria disposição de poder e de suas relações com a democracia. E o que seriam os saberes relacionados com “a vida”?

Os saberes relacionados com a “vida” ou os saberes do cotidiano abrangem todos aqueles conhecimentos informais que são essenciais para a convivência em um determinado contexto quanto para a sobrevivência social dos atores envolvidos em um determinado aspecto das inúmeras possibilidades de interação humana. Particularmente das interações que envolvem certo tipo de risco e exposição. Os saberes relacionados com a vida são tão cruciais para a sobrevivência social quanto os itens que satisfazem as necessidades mais fisiológicas. Pois estes saberes estruturam as cognições sociais, ou seja, as possibilidades de cognição e ação diante de certas contingências que se apresentam aos sujeitos sociais. Em outras palavras, estes saberes se misturam com as práticas que auxiliam o sujeito em sua jornada cotidiana pela manutenção de seu equilíbrio psíquico e social. Equilíbrio, neste contexto se aproxima muito do conceito de resiliência.

A escola é considerada pelos jovens pesquisados como um lugar de encontro, “troca de idéias” e socialização de forma geral, porém a equipe pedagógica formal tenta artificializar este espaço tornando-o asséptico às questões pessoais e grupais que se referem à cultura ou subcultura de cada um. Esta assepsia tem seu preço, pois em nome

da eficácia pedagógica se extrai as possibilidades de diálogo e de construção de interesses coletivos.

De acordo com MACRAE (2009) a experiência com psicoativos é sempre permeada por valores, idéias, práticas e conceitos construídos na interface entre indivíduo e seu entorno sócio-cultural. Ainda segundo o autor, uma das razões pelas quais durante a maior parte da história o uso de psicoativos não apresentava maiores ameaças à sociedade constituída é que ele geralmente se dava no âmbito de rituais coletivos ou orientado por objetivos que a sociedade reconhecia como expressão de seus próprios valores. Porém, como fica este uso de psicoativos diante das mudanças na subjetividade e na cultura iniciada na contemporaneidade?

A questão dos psicoativos, seus usuários e seus reflexos na sociedade tem sido apresentada na contemporaneidade como um mal a ser combatido, como um refugio perigoso e naturalizado das sociedades contemporâneas. A questão dos psicoativos e suas modalidades de uso e sua relação com a educação assumem uma configuração específica na atualidade, produzindo novas modalidades de exclusão. A complexidade desta questão na contemporaneidade traz no centro da sua problemática a população jovem. Portanto, foi de grande relevância a discussão sobre o fenômeno do uso de psicoativos na contemporaneidade e sua relação com a educação, a relativização da questão do estigma e do desvio utilizando-se da perspectiva interacionista e a discussão sobre a categoria “juventude” e seu estilo de vida na sociedade brasileira.

Descrição do ambiente de pesquisa.

De acordo com PEREIRA E LIMA (2007), o município de Alagoinhas possui área de 1179 km², correspondendo a 0,21% da área do estado da Bahia. É o município mais populoso e urbanizado da região litoral norte, abrigando mais de um quarto da sua população. É também o mais importante em termos comerciais, se destacando como um relevante entreposto, com o maior número de estabelecimentos e pessoal ocupado, e a maior receita da região Alagoinhas é considerada atualmente uma cidade com alto grau de urbanização, um centro urbano regional, sendo o setor de serviços e recentemente o industrial os que mais se destacam em sua vida econômica. A cidade tem aproximadamente 140.000 habitantes com alta concentração na sede do município. O município limita-se ao norte com Inhambupe, ao sul com o município de Catu, a leste com o município de Araças, a oeste com o município de Aramari, a nordeste com o município de Entre Rios e a sudoeste com o município de Teodoro Sampaio.

A cidade de Alagoinhas teve sua origem semelhante a de várias outras da Bahia. Seu surgimento é relacionado à construção de uma capela, erguida às margens de um caminho usado como passagem de boiadas. Ao longo dos anos, firmou-se como ponto de parada e descanso dos boiadeiros e tornou-se povoado. Na segunda metade do século XIX, teve sua história marcada pela implantação da Estrada de Ferro Bahia ao São Francisco que ligava a cidade da Bahia – como era denominada na época a capital, Salvador – ao vale do Rio São Francisco, em Juazeiro, cujo traçado passava por Alagoinhas.

O tom alarmista das campanhas antidrogas tem sido a tônica da abordagem do uso e abuso de psicoativos também na região de Alagoinhas. Campanhas estas que tem sido desenvolvidas por programas da polícia militar como o PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência), do conselho antidrogas e de iniciativa de docentes nas escolas e nos demais locais onde se julga que há uma incidência do fenômeno que acomete a juventude, principalmente a juventude em processo de escolarização. Vale ressaltar que até o momento esta região não conta com nenhum serviço especializado de saúde mental para esta população específica, ou seja, carece de profissionais que poderiam contribuir de forma mais problematizadora com relação ao tema.

As três turmas da educação de jovens e adultos do Colégio Municipal de Alagoinhas eram turmas compostas predominantemente por jovens. O Colégio Municipal de Alagoinhas está situado na antiga Praça Mario Laerte atualmente rebatizada e reinaugurada como Praça Primo Shincariol ao lado do estádio de futebol Antônio Carneiro conhecido como “Carneirão”. O colégio passou por várias mudanças ao longo do tempo e inicialmente era conhecido como “Escola Normal e Ginásio de Alagoinhas” dirigido pela figura histórica do professor Alcindo de Camargo. Principalmente por motivos financeiros a instituição chegou a um colapso e passou a ser gerida por uma cooperativa mudando seu nome para “Cooperativa de Educação e Cultura Escola Normal e Ginásio de Alagoinhas” que se tornou responsável pelos ativos e passivos da antiga escola. Neste processo de mudança destaca-se a figura do senhor Carlos de Souza Cunha que juntamente com a sociedade percebia a importância social da antiga instituição

Em 1943 este nome foi mais uma vez alterado por conta do decreto 0123 que reservava a denominação de “Escola Normal” apenas para escolas oficiais passando-se a se chamar de “Escola Pedagógica de Alagoinhas”. A cooperativa foi uma solução paliativa que possibilitou o funcionamento da instituição por mais algum tempo, porém durante anos a unidade acumulava dívidas, o prédio já não recebia manutenção adequada tendo sua estrutura imprópria para o desenvolvimento das atividades escolares além do não pagamento dos vencimentos dos professores e dos impostos devidos. Situação que perdurou até a década de 1990 quando a Secretaria de Educação do Município se apropriou do prédio, municipalizando totalmente a instituição que passou a ter seu nome atual Colégio Municipal de Alagoinhas.

O colégio sempre agregou alunos de diferentes regiões de Alagoinhas desde bairros centrais e periféricos até a zona rural, configurando-se como uma instituição historicamente eclética em termos da origem de seu público.

O olhar e a escuta do corpo técnico atual desta escola bem como de seu espaço físico gerou em mim a sensação de que existe um discurso de elitização do colégio. Existem falas do corpo técnico que retomam a tradição histórica da instituição para justificar uma ideia de que “algumas famílias boas de Alagoinhas querem matricular seus filhos aqui”, “o público do colégio está cada vez mais constituído de alunos de bairros centrais”. A equipe fala sobre alunos em cumprimento de medidas socioeducativas ou que estão internos em instituição para tratamento do abuso de substâncias psicoativas que frequentam a escola na Educação de Jovens e Adultos à noite com reserva e temor: “hoje em dia professor é uma profissão de risco”. A escola presa por um disciplinamento rígido adotando quando acredita ser necessária a revista de mochilas e da vestimenta dos alunos, adotando regras duras quando as normas do

colégio são quebradas. É expressamente proibido o uso de cigarros e bebida alcoólica e quanto a outras drogas nem sequer existem regras por se pressupor algo totalmente inaceitável. Em nova visita a instituição em 2013 foi constatado a instalação de câmeras de monitoramento e central de visualização na direção da escola. Que tipo de sociabilidade se propõe numa instituição que caminha com estas características? Será que este caminhar se aproximará ou criará barreiras ainda maiores com o estilo de vida da juventude local que necessita da escola pública? Nesse sentido concordo com as afirmações de DUBET (2003) no que tange à reflexão de que a escola, mesmo pública não é neutra e participa ativamente dos processos de exclusão e desigualdades sociais. Será difícil conciliar uma crescente visão elitista com a evidência histórica de que a partir da década de 1990, com a expansão do ensino público, as escolas passam a receber um contingente cada vez mais heterogêneo de alunos, marcados pelo contexto de uma sociedade desigual, com altos índices de pobreza e violência. Esses jovens trazem consigo para o interior da escola os conflitos e contradições de uma estrutura social excludente, interferindo nas suas trajetórias escolares e colocando novos desafios à escola (SPOSITO, 2011).

Percurso metodológico

A coleta de dados também esbarrou com as dificuldades apontadas por FERNANDEZ (2007) ao colher histórias de vida de usuários de drogas ilícitas uma vez que estes contatos são cercados de desconfiança e não acontecem com muita frequência de forma espontânea. Houve muita dificuldade no início da pesquisa, o tema ainda é tratado como um tabu para os jovens e para os agentes socializadores, embora para estes últimos existisse certa facilidade em falar sobre o tema, uma vez que suas falas partiam do lugar da moralidade e da análise do outro como externo a si mesmo, como um ser excêntrico. Havia facilidade também dos alunos não usuários em falar sobre o tema, pois também se colocavam a parte, no máximo se referiam a alguém da família que já passou por um grave problema com drogas, que vendeu tudo em casa e se desestruturou como um exemplo de onde retiravam seu conhecimento da questão. Com os usuários havia muita variação em termos de disponibilidade para falar. As entrevistas foram totalmente consentidas e eu percebi que tal disponibilidade para assumir um discurso em primeira pessoa sobre as drogas era função de alguns fatores, dentre eles: a integração da identidade de “usuário” com a identidade de uma pessoa que tem outras qualidades como: estudante, trabalhador, namorado, ou seja, quanto mais o jovem se significava para além de seu uso atual ou progresso de drogas mais ele podia falar abertamente sobre o tema, ele não se reduzia a um estigma de drogado, marginal, mala-suja ou outro. Este aspecto é de suma importância, foi ao mesmo tempo um ponto de partida e um resultado da pesquisa e em minha opinião este fenômeno é bem explicado pela escola interacionista quando os autores desta escola que serão trabalhados em

capítulo seguinte teorizam sobre carreira, estigma, manipulação da identidade de desviante e integração de papéis a princípio discrepantes.

Há na realidade brasileira atual um intenso movimento de reação contra as substâncias psicoativas e seus usuários, particularmente os jovens, que encontram na escola um lugar que tem sido marcado pela intransigência diante do tema em questão (CARLINI-COTRIM, 1998). O problema das drogas é muitas vezes amplificado numa seleção da realidade que projeta sobre alguns grupos sociais o estigma de desviante e posteriormente estratégias de exclusão, controle e anulação dos estilos de vida, saberes e experiências destes grupos. Neste sentido, as drogas são elevadas a um status sobre-humano e atribuído a estas a responsabilidade de grande parte das mazelas humanas. O combate às drogas quase sempre vêm acompanhado de um combate aos humanos que as utilizam, portanto o alvo droga esconde outro alvo: os jovens em processo de exclusão.

A metodologia adotada nesta pesquisa foi qualitativa abordando-se os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos a determinada realidade da qual participam e vivenciam. De acordo com LUDKE E ANDRÉ (1986) este esforço é condizente com a característica deste tipo de estudo em capturar a “perspectiva dos participantes”, ou seja, o emaranhado de significados e percepções que orientam os atores diante de determinado fenômeno.

De acordo com BERGER e LUCKMANN (1973) os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos nos processos de narrativa de suas próprias histórias são construídos de forma ativa num processo de humanização e de criação de um ambiente essencialmente humano e contextualizado em determinada “formação sociocultural”. Seguindo-se este pensamento, a formação da consciência de si e do mundo e a construção das narrativas pelo sujeito e interpretações sobre sua vida, seus projetos e

relações com os outros ocorrem de forma “inextricavelmente entrelaçada” com a contínua construção e modificação da realidade social.

QUEIROZ (1988) situa a metodologia de coleta de dados utilizando-se a “história de vida” no quadro amplo da história oral que também inclui depoimentos, entrevistas, biografias e autobiografias. Considera que toda história de vida encerra um conjunto de depoimentos e, embora tenha sido o pesquisador a escolher o tema, a formular as questões ou a esboçar um roteiro temático, é o narrador que decide o que narrar. Afirmção que dialoga com o pressuposto de BECKER (1994) que acrescenta que na história de vida, a história valorizada é a *história própria* da pessoa, nela são os narradores que dão forma e conteúdo às narrativas à medida que interpretam suas próprias experiências e o mundo no qual estas se desenrolam. O sentido da pesquisa sobre a história de vida dos sujeitos em questão neste projeto se aproxima do que NICE E COSTA (2008) afirmaram sobre o termo *autobiografia*:

“... trabalho de construção (oral ou escrita) de uma narrativa sobre a própria vida, realizado por um sujeito em formação, com a finalidade de apresentar, a um ouvinte e/ou leitor pré-determinado, a história de sua trajetória pessoal.” NILCE E COSTA (2008) – página 54.

As autoras supracitadas afirmam ainda que a autobiografia produz “*ficções de si*” uma vez que tais narrativas estão intimamente ligadas com a significação que o sujeito atribui a cada conjunto de acontecimentos significativos em sua história pessoal. Toda a história de vida colhida através de entrevista destes jovens foi levada em consideração, porém se privilegiou o que MOREIRA (2002) denomina de “história de vida tópica”, pois foram enfatizados os trechos que de forma direta ou indireta tenham relações com o uso de substâncias psicoativas.

Portanto, os dados coletados advêm dos encontros realizados na escola com a equipe docente e com os alunos bem como das entrevistas realizadas individualmente com os alunos usuários de substâncias psicoativas. As entrevistas individuais permitiram um aprofundamento do tema uma vez que era assegurada a manutenção do sigilo sobre a identidade do jovem. O tipo de dados coletados foram relatos colhidos através de entrevistas abertas e através de grupos focais realizados na escola. Procurou-se interferir o mínimo possível nos relatos colhidos, não foi realizada nenhuma fala dirigida por parte do pesquisador do tipo palestra ou outra similar. Não foi oferecido tampouco nenhum material didático preparatório para a discussão do tema.

A análise do material colhido segue de forma não doutrinária ou plenamente formal as sugestões de Roland Barthes, principalmente no seu livro *S/Z*. Um texto não deve ser puramente legível, mas se remeter a um conjunto de outros textos, sentidos e histórias pessoais e coletivas numa tessitura aberta e dialógica (BARTHES, 1992). Ao invés de se buscar um sentido único e global para as narrativas colhidas se buscou enodar as falas dos sujeitos com formulações que poderiam em algum nível dialogar e exercitar interpretações com o auxílio dos autores escolhidos para a composição do quadro teórico.

Nesta dissertação utilizei a combinação de duas técnicas usualmente filiadas às pesquisas de matriz qualitativa: grupos focais para discussão mais geral sobre o tema, realizados com alunos e equipe técnica do Colégio Municipal de Alagoinhas e a coleta de história oral realizada através de entrevistas abertas com jovens declaradamente usuários de substâncias psicoativas que estavam internos na Casa de Passagem Belém ou foram entrevistados no CREAS.

Apresentação das fontes e dos dados

As entrevistas e grupos focais foram realizados dentro de três instituições em Alagoinhas onde os jovens usuários de substâncias psicoativas transitam e recebem em cada uma delas um tipo específico de atendimento. Na instituição “Casa de Passagem Belém” os jovens permanecem recebendo auxílio técnico de equipe especializada contendo psiquiatra, psicólogo e assistente social e auxílio religioso, ambos no intuito de promover a abstinência. No CREAS estes jovens são atendidos quando existe uma medida socioeducativa pelo cometimento de algum ato infracional ou quando são encaminhados pelo Conselho Tutelar para se realizar uma avaliação da situação de risco daquele jovem. Na instituição escolar o serviço oferecido é a educação formal e os jovens frequentam as aulas noturnas da educação de Jovens e Adultos.

Nesta pesquisa, portanto eu utilizei de três diferentes fontes para a composição dos dados de campo:

1. Gravação e transcrição de grupos focais e entrevistas sobre o tema dos usos de psicoativos e suas relações com a escola, sociedade e a família realizadas no Colégio Municipal de Alagoinhas.
 - a. Entrevistas realizadas com professores, diretores e pessoal da escola, a exemplo dos vigilantes.
 - b. Entrevistas com os alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos) desta mesma instituição escolar sobre o mesmo tema.

2. Histórias de Vida Colhidas através de entrevistas gravadas e transcritas realizadas na Casa de Passagem Belém.
 - a. 06 Jovens internados com grandes dilemas sociais, com histórico de “desvio” das normas socialmente aceitas como é o caso de atos infracionais: assaltos, porte de armas, drogas, tráfico em diferentes graus.
 - b. 01 História de vida do Pastor da Igreja Batista Belém responsável pela fundação da casa de Passagem Belém.
3. Dados colhidos dos casos que acompanho no Centro de Referência Especializado da Assistência Social do Município de Alagoinhas (CREAS).
 - a. Casos que pude acompanhar por longo período de tempo acompanhados de suas respectivas famílias e que me auxiliaram a traçar um perfil do jovem “pobre” desta região.

A problemática da juventude, das drogas e da educação na contemporaneidade.

“A juventude, vista como categoria geracional que substitui a atual, aparece como retrato projetivo da sociedade. Nesse sentido, condensa as angústias, os medos assim como as esperanças, em relação às tendências sociais percebidas no presente e aos rumos que essas tendências imprimem para a conformação social futura.” (Abramo, 1997, Página 29).

Enquanto “retrato projetivo da sociedade” a juventude na contemporaneidade vem ofertando diversas situações que são interpretadas como uma ameaça à continuidade da coesão social, particularmente quando associada ao tema do uso de substâncias psicoativas. A problematização das questões relativas à juventude se olhadas por um prisma funcionalista tendem a se transformar em preocupações com a coesão moral da sociedade e do indivíduo. As análises segundo esta concepção tendem a engendrar interpretações que dão margem ao “pânico moral” e enfatizar a questão da transgressão como um fenômeno automático. A questão do uso de drogas na juventude, particularmente quando incide sobre dimensões de sociabilidade e escolarização tem seguido, em sua maioria, esta tônica do “pânico moral”. Vale ressaltar que a expressão “pânico moral” foi elaborada pelo sociólogo britânico Stanley Cohen para abarcar os fenômenos sociais em que determinado setor da sociedade adota medidas drásticas de

controle social relacionados a situações sociais desviantes e culpabiliza os atores destas situações classificando-os também como desviantes (GUIMARÃES, MACRAE, ALVES, 2012).

De acordo com MERTON (*apud* VELHO, 2003) os comportamentos desviantes aumentam em larga escala quando um sistema de valores culturais prescreve metas que determinados grupos não podem atingir por meios legítimos. E não é isto que acontece com a maior parte da juventude pobre e subalternizada do Brasil? Espremida entre metas de consumo e estilos de vida idealizados e suas realidades concretas que os colocam aquém de tais metas, os jovens são empurrados para o lugar social dos *outsiders* ou estranhos. Apesar da contribuição indiscutível do pensamento supracitado de Merton e da dinâmica social disfuncional onde os jovens brasileiros estão inseridos atualmente é necessário pontuar a contribuição de VELHO (2003) de que a teoria de Merton concebe uma sociedade doente, instável e mal integrada nas situações onde o desvio se expressa com maior intensidade. O que quer dizer que tal teorização, embora de grande valor, absolutiza a vida social e deixa pouca margem para o entendimento das ações coletivas e interativas.

Os jovens estudantes inseridos nesta dinâmica social que tem como tônica a moral do consumo nem sempre acompanham o ritmo frenético do imperativo do adquirir sempre o que está em evidência: seja no caso de vestimentas, dos *gadgets* eletrônicos ou veículos como motocicletas. Diante desta situação de impossibilidade e frustração, os jovens constroem identidades mistas, mescladas, criando muitas vezes um corpo mosaico onde está inscrito ao mesmo tempo as marcas do imperativo consumista, mas também portam as marcas de seu contexto sócio-histórico. Esta construção não passa despercebida pelo crivo da crítica social que muitas vezes cria ou reforça estigmas para denominar tais sujeitos a exemplo das expressões como “brau” e “mala suja”. O

processo de estigmatização com relação aos sujeitos da pesquisa será analisado em capítulo subsequente sob a luz da teoria interacionista, porém vale marcar de antemão o lugar social de deslocamento que estes sujeitos ocupam, o lugar de estranhos.

BAUMAN (1998, 27) utiliza justamente esta expressão para se referir aos alvos desta nova modalidade de excluídos: os “estranhos”, segundo o autor:

“Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável.”

Que tipo de estranhamento cerca o fenômeno dos usos de psicoativos pela juventude na contemporaneidade? E que tipo de estranho é o usuário, seus saberes e aqueles que o cercam? Um estranho que é ao mesmo tempo excluído do consumo legal de objetos e serviços, porém consumidor numa outra lógica de mercado paralelo. Este estranho, particularmente quando ele é também um aluno, é geralmente significado por seus pares sociais como um transgressor, como um desviante, portanto a contribuição teórica da sociologia do desvio, especificamente a corrente interacionista será importante neste desenvolvimento.

Esta denominação de “estranhos” de BAUMAN (1998) faz referência às pessoas que não se encaixam no modo de vida dos considerados “estabelecidos” se aproximando muito do que ELIAS e SCOTSON (2000) concebem como *Outsiders*. Vale ressaltar, porém, que estes últimos autores atribuem à dialética entre estabelecidos e outsiders não somente um acervo de relações interpessoais dissimétricas, mas a um conjunto de comportamentos, crenças, valores e concepções que entram em conflito.

Portanto, mesmo para BAUMAN (1998) é como se os estranhos fossem espectros simbólicos que se estendem para além das pessoas concretas, afirmação que pode ser corroborada no seguinte trecho:

“... se eles poluem a alegria com a angústia, ao mesmo tempo que fazem atraente o futuro proibido; se, em outras palavras, eles obscurecem e tornam tênues as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas; se, tendo feito tudo isto, geram a incerteza, que por sua vez dá origem ao mal-estar de se sentir perdido – então cada sociedade produz esses estranhos.”

Estes espectros simbólicos que emanam dos estranhos e “poluem a alegria com a angústia” adentram na contemporaneidade na área da educação, incrementando o que BAUMAN (1998) cita como uma das características da pós-modernidade: a incerteza. Tais espectros emanam visgos das quais os estabelecidos querem se livrar. E este visgo, no contexto deste trabalho em diálogo com o objeto de pesquisa desta dissertação, diz respeito aos saberes e práticas de alunos adolescentes sobre as substâncias psicoativas. O visgo é algo que se quer eliminar e tem sido assim que o tema viscoso referente aos psicoativos tem sido tratado na área da educação. Porém, como todos sabem, particularmente quem já comeu jaca (fruta típica do nordeste do Brasil) o visgo insiste em incomodar e não desgruda pela simples vontade de quem está preso a ele. Este visgo é semelhante a uma via de contágio e nesse sentido é como se o sujeito que usa drogas, ou a categoria acusatória “drogado” contaminasse a sociedade ao seu redor desarrumando e desorganizando uma “ordem natural” com ideias e comportamentos deslocados e disruptivos (VELHO, 2008).

Ainda segundo BAUMAN (1998) a diferença entre os estranhos modernos e os pós-modernos é que estes últimos estão aí para ficar, ou seja, assim como o visgo, não é tão simples se livrar deles. É como se os estranhos pós-modernos oferecessem aos estabelecidos uma oposição necessária para a manutenção da própria identidade. O estranho é o estabelecido transfigurado numa identidade que não pode assumir. Contextualizando estas afirmações para o campo da pesquisa, o aluno usuário de substâncias psicoativas ou aqueles que convivem com este trazem para o lugar da ordem e da disciplina, como muitos ainda concebem o espaço escolar, outro ritmo, uma resistência que muitas vezes é concebida como um mal a ser combatido e eliminado.

É no escopo das formas de agir, pensar e sentir das juventudes atuais que se podem identificar certos traços do que Bauman denomina como modernidade líquida. A profanação do sagrado, a ultrapassagem das tradições e modos convencionais de existência, a explosão de novas formas de amar, conviver e utilizar o corpo. Se “tudo que é sólido se desmancha no ar” como afirmava Marx no clássico manifesto, a juventude tende a catalisar este desmonte numa velocidade ultrassônica. Por esta razão a juventude *outsider* tende a ser o *alter ego* indispensável dos normais estabelecidos, polaridades opostas e complementares, lei e transgressão, controle e contra controle. Transitoriedade pura que se interpõe até mesmo na díade da vida e da morte. As proposições de Bauman nos auxiliam, no âmbito desta dissertação, a pensar a questão da exclusão dos Outsiders na contemporaneidade e também a situar a relação entre o uso de psicoativos e a educação como um fenômeno que se desenrola numa modernidade líquida com característica própria. Dentre algumas dimensões citadas por ALMEIDA et all (2009) desta modernidade líquida destacam-se a transitoriedade do conhecimento e a flexibilidade dos parâmetros de conduta dos indivíduos, assim, segundo o autor, o mundo fora dos muros da escola cresce de forma diferente do tipo de

projeto de mundo para o qual as escolas se prepararam para educar os jovens. É como se houvesse uma instituição de projeto “moderno-sólido” subsistindo dentro de uma nova configuração social.

Seguindo-se este raciocínio, sou levado a pensar de que o espaço escolar ordeiro, imutável e que “educa para toda a vida” do cidadão retira seus fundamentos dos ideais da modernidade sólida e do iluminismo. Como afirma SILVA (2000, 214):

“Ela (a escola) corporifica as idéias de progresso constante através da razão e da ciência, de crença nas potencialidades e desenvolvimento de um sujeito autônomo e livre, de universalismo, de emancipação e de libertação política e social, de autonomia e de liberdade, de ampliação do espaço público através da cidadania, de nivelamento dos privilégios hereditários, de mobilidade social. A escola está no centro dos ideais de justiça, igualdade e distributividade do projeto moderno de sociedade e política. Ela não apenas resume estes princípios, propósitos e impulsos: ela é a instituição encarregada de transmiti-los, de torná-los generalizados. A escola pública se confunde, assim com o próprio projeto da modernidade. Ela é a instituição moderna por excelência”.

De acordo com o pensamento supracitado infiro que havia um “projeto” para a escola moderna, um ideal de mobilidade social e de desenvolvimento intelectual e moral do sujeito em longo prazo e calcado no racionalismo e na perspectiva do progresso social. Porém, o projeto moderno-sólido desconsiderou que os seres humanos não são homogêneos, não podem estar sujeitos a forças universais que os conduzirão necessariamente ao mesmo ponto, existe uma diversidade que não se encaixa de forma prevista na mesma lógica.

A escola, portanto, não é uma instituição neutra, é, sobretudo, um lugar simbólico fruto de um intenso movimento civilizatório onde são construídos, reconstruídos e reformulados saberes, práticas e poderes (BOURDIEU & PASSERON, 1975). Existe, portanto, uma força reprodutora de símbolos e de elementos do discurso que tendem a perpetuar as relações sociais de dominação e de selecionar e ocultar temas e idéias que não obedecem necessariamente a uma lógica da produção. De acordo com ABRAMOVAY & RUA (2002) as equipes que compõem o corpo gerencial e técnico das instituições de ensino-aprendizagem têm assumido uma tendência a eximir sua responsabilidade diante do fenômeno dos usos de psicoativos e de sua repercussão no contexto escolar. Atualmente, os freqüentadores das escolas públicas do Brasil convivem de forma constante com o fenômeno do uso de psicoativos por parte de seus alunos. No cotidiano escolar informações são fornecidas por professores e dialogadas entre alunos, criando-se assim uma rede de saberes e práticas sobre as substâncias psicoativas e de suas consequências para o usuário e seu entorno.

O estilo de vida engendrado pelo individualismo em sua expressão atual: o ideal empreendedorista cujo lema pode ser sintetizado na expressão de EHRENBERG (2010): “vencer é empreender” acentua a expectativa de uma ascensão econômica individualizada e agressiva. Esta expectativa traduz-se no “gosto de se lançar a uma batalha, de lutar com a realidade (...)” [idem, 47] e atualmente não está restrita aos donos do capital. A luta com a realidade necessita ser vencida, ou seja, a realidade precisa ser subjugada, testada, levada ao limite muitas vezes com o auxílio das substâncias psicoativas que neste contexto não exercem mais o papel de instrumento de fuga e sim de coadjuvante e de ferramenta para a criação de uma realidade vertiginosa. O raciocínio do autor dialoga com o que CARNEIRO (2002) afirma quando relaciona o

uso de psicoativos e a farmacologia a uma mudança expressiva na subjetividade humana:

“A ciência da farmacologia vem tornando disponíveis para a humanidade recursos técnicos para a produção de estados de consciência alterada, ou, em outras palavras, técnicas para a intervenção planejada sobre a subjetividade, com o poder de produzir mecanismos mentais específicos, como determinados estados de humor, de prazer, de excitação de capacidades sensoriais, perceptivas, intelectivas, cognitivas, mnemônicas e emocionais.”
(CARNEIRO, 2002, página 06).

Neste sentido, os possíveis efeitos provenientes dos usos de psicoativos sejam de origem farmacologicamente lícitos ou não seriam homólogos aos efeitos provenientes de outras formas de alteração da consciência como esportes radicais e jogos de realidade virtual onde o sujeito assume uma identidade fictícia, um “avatar”, suspendendo temporariamente a obrigação de ser o mesmo no decorrer do tempo.

Henrique Carneiro prossegue seu texto com uma reflexão que não poderia deixar de citar, pois está em total consonância com este capítulo:

“A sociedade contemporânea é cada vez mais viciada: em alimentos, em roupas, em carros. Diversas práticas sociais tomam características compulsivas: as torcidas esportivas viciam-se em seus times e adotam comportamentos de dependência, os próprios esportistas, pressionados pela indústria da quebra dos recordes, viciam-se literalmente em suas próprias endorfinas, quando não tomam simplesmente aditivos

hormonais ou excitantes. Diversas práticas como o alpinismo ou a direção de carros velozes, tomam a mesma dimensão viciante e socialmente arriscada de certos consumos de drogas.” (CARNEIRO, 2002, página 12).

A rapidez vertiginosa dos processos modernos citada acima cria hiperespaços cujas influências nem sempre estão no local onde se desenvolvem as ações e interações humanas, ou segundo GIDDENS (1991, 36):

“Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais *fantasmagórico*: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a "forma visível" do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza.”

A virtualização dos espaços que se tornam mais fluidos, mais maleáveis, ou nas palavras de GIDDENS (1991) “desencaixado” da sua concretude incide também na subjetividade humana, particularmente nas questões identitárias, ou seja, nos processos pelos quais os humanos significam a si mesmos, aos outros e ao mundo.

A modernidade oferta uma multiplicidade de possibilidades de identidades que não se configuram mais como blocos bem sedimentados, ou nas palavras de HALL (2000, 10):

"uma mudança estrutural está fragmentando e deslocando as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade - se antes, estas

identidades eram sólidas localizações nas quais os indivíduos se encaixavam socialmente, hoje elas se encontram com fronteiras menos definidas que provocam no indivíduo uma crise de identidade".

Neste sentido, o mundo contemporâneo tributário da modernidade vive esvaziamentos simbólicos onde a história e as origens identitárias são substituídas por processos de identificação com o estilo consumista de ser e de viver. Surgem progressivos rompimentos da articulação entre passado, presente e futuro, gerando o eterno presente, uma eterna narcose. A palavra de ordem do mundo globalizado é *sedução*, tendo o imediatismo como suporte e emblema característico (SARAIVA, 2000). Aliado ao imediatismo, o sistema capitalista segundo ZIZEK (2011) postula o excesso como força propulsora, o sistema cria subjetividades que estão constantemente tentando superar seus próprios limites e assim retroalimentá-lo.

Neste sentido vale a opinião específica de Aquino sobre a questão:

“O mundo contemporâneo parece ser sacudido intermitentemente por legiões frenéticas de pessoas em busca de paraísos mais que artificiais, oportunizados por substâncias químicas que as tornem “diferentes”, mais potentes – seja no corpo, no espírito ou na aparência. Paraísos não mais lenitivos, mas propulsores, drásticos, instantâneos. Paraísos plásticos, herméticos, exasperados. Paraísos que se desdobram não mais em torno da experiência pregressa dos homens perante as mesmas vicissitudes, mas de algo fantástico a se descortinar. O que será?” (AQUINO, 1998, página 88).

A característica multifacetada da identidade pós-moderna não é em si um problema. Porém, quando se agrega a esta característica um rompimento com elementos

condutores entre passado e presente, elementos estes anteriormente dados pela tradição e pela ancestralidade corre-se o risco de uma “sideração do sujeito”. Utilizei esta expressão no sentido em que MELMAN (2003) concebe alguns fenômenos psíquicos da pós-modernidade como a busca do gozo a qualquer preço que faz com que o homem torne-se sem gravidade, um homem sem gravidade é um homem “siderado”, que flutua sem uma força que o amarre a uma consistência existencial. Neste sentido existe uma influência entre a dissolução de valores e práticas culturais que amarravam o sujeito a um determinado tipo de existência e a determinadas práticas, como é o caso do uso de substâncias psicoativas como se dava no âmbito da tradição e a prática do consumo de tais substâncias tal como ela é feita atualmente.

O uso de psicoativos é tão heterogêneo quanto a própria sociedade que o produz, com vários significados e modulações que precisam ser entendidas em seus contextos específicos. Existem usos que são considerados como desviantes e usos aceitos socialmente e incentivados pela lógica do capitalismo na contemporaneidade como o de produção de performances para o rendimento empresarial, para estimular a criatividade em campanhas de publicidade, os desempenhos do esporte de alto rendimento (EHRENBERG, 2010).

Segundo CALLIGARIS (2004) o sujeito humano em seu processo de formação identitária pode se constituir mediante identificações simbólicas, através de valores, obrigações e tradições advindas de sua cultura, ou por identificação narcísica, assumindo uma imagem que satisfaz aos outros, como por exemplo, a imagem de perfeição estética ditada pela mídia. Recusando o patrimônio herdado e o legado da tradição, o indivíduo, livre, autônomo, suplanta a própria comunidade e, desde o século XVIII, vem construindo sua subjetividade na sociedade mediante a referida

identificação narcísica, na idolatria do individualismo, deixando-se levar pela sedução de imagens e estéticas de gozo.

Na perspectiva da lógica do consumo na contemporaneidade o uso de psicoativos e a busca desenfreada por objetos de gozo favorecem o entorpecimento como modo de enfrentamento ao mal estar próprio da pós-modernidade. Porém, há uma diferença considerável entre os “estabelecidos”, ou seja, consumidores compulsivos ou não, mas que permanecem úteis à sociedade e aqueles que não puderam ser reprocessados para se tornar novamente integrados e estão fora como uma anomalia a ser curada (BAUMAN, 2005). É justamente como uma “anomalia a ser curada” que os alunos usuários de psicoativos têm sido tratados pelos “estabelecidos” do sistema educacional.

A questão que subjaz a estas reflexões e que está conectada aos processos de transformação da contemporaneidade é: qual o processo que faz com que alguns humanos sejam considerados como refugos, *outsiders*, desviantes e como entender seus desvios? Fez-se bastante uso do referencial proposto por Bauman nestas reflexões ao se conceber que existem fortes fatores sócio-culturais e políticos que incidem na distinção social entre estabelecidos e *outsiders*. Porém, entendo que esta distinção e toda a trajetória de formação de um desviante é dialeticamente forjada num processo que depende da perspectiva do sujeito e da atribuição dos outros sociais, depende, pois de um processo de interação entre indivíduo e sociedade.

São diversas as formas de abordagem teórica que podem servir como guias para a análise dos usos dos psicoativos pelos jovens na contemporaneidade, nesta dissertação privilegiei a abordagem de matriz sócio-antropológica. Dentro desta abordagem se destacam as formulações pioneiras de Gilberto Velho sobre o tema no Brasil. Este autor

contribuiu de forma decisiva com os estudos da escola interacionista, dialogando permanentemente com Howard Becker. Em um estudo clássico sobre o tema, intitulado “Nobres e Anjos” é abordada a problemática do consumo de psicoativos através do entendimento do contexto dos sujeitos envolvidos na questão, de seu “*ethos*”, visões de mundo e estilos de vida. O autor considera que a vivência dos usuários de psicoativos é extremamente heterogênea, embora possa se afirmar que todos estejam envolvidos em uma atividade considerada como desviante por se tratar do consumo de drogas ilícitas (VELHO 2008). Este último aspecto justifica o meu interesse em aprofundar a discussão destes autores sobre a questão do desvio na juventude. Passarei para o capítulo de maior identificação teórica da dissertação que diz respeito à escola interacionista e depois ilustrarei estes pressupostos com alguns casos, particularmente com o caso de Mateus onde a carreira de desviante, a manipulação da identidade desviante e os demais processos discutidos no capítulo são bem observados.

Os jovens, seus desvios e interações sociais: a contribuição da escola interacionista.

“O problema de desviantes é, no nível do senso comum, remetido a uma perspectiva de patologia. Os órgãos de comunicação de massa encarregam-se de divulgar e enfatizar esta perspectiva quer em termos estritamente psicologizantes, quer em termos de uma visão que pretende ser culturalista ou sociológica”. (VELHO – Desvio e Divergência pag. 11.)

Foi utilizado o referencial teórico da escola interacionista de Chicago para abordar a questão dos psicoativos na juventude em processo de escolarização, ressaltando a complexidade de elementos sócio-culturais que incidem de forma interativa neste processo. O significado do uso de psicoativos é compreendido como uma construção: cada grupo social constrói o seu significado sobre o uso, o usuário e sua aceitação ou não na comunidade em que está inserido. Sobre este último aspecto, vale notar a importância crucial dos teóricos que trabalham com a questão do estigma social e da teoria do desvio. Estes teóricos são classicamente agrupados como pertencentes à escola de Chicago e tendo como expoentes Howard Becker e Erving Goffman que problematizam a questão do desvio. O desvio não é um fenômeno intrínseco a uma individualidade e dependendo, sobretudo das interações face a face, não é, portanto um fenômeno natural e nem próprio a determinados grupos ou indivíduos, a acusação de desviantes sempre tem uma dimensão moral já que estes denunciam a crise de certos padrões ou convenções que dão ou davam sentido a um

estilo de vida de uma sociedade, de uma classe, de um grupo ou de um segmento social específico (VELHO, 2008).

Dentre os estudos sobre as interações sociais face a face, as formas de representação dos sujeitos sociais perante seus pares e a questão do estigma social destaca-se a obra de Erving Goffman. O autor utiliza-se da metáfora teatral para descrever a realidade das interações sociais. Nesta metáfora as pessoas são como atores que encenam papéis e influenciam outras pessoas, a este desempenho de papéis o autor denominou de “representação”. Esta é composta de recursos verbais e não-verbais que servem para dar ao ator maior ou menor legitimidade à sua atuação perante os outros.

Ainda segundo o autor, as representações são acompanhadas por “fachadas”. Estas configuram o repertório expressivo empregado pelo indivíduo em determinada interação social na qual existe um desempenho de papel (GOFFMAN, 2009). A fachada é geralmente constante para situações específicas e de certa forma define certos aspectos identitários do sujeito em questão. Um sujeito social pode desenvolver diversas fachadas e aprimorá-las no seu contato com os outros e ainda segundo o autor supracitado a fachada tem uma função primordial de “impressionar favoravelmente a platéia” e “evitar sanções”.

Os jovens usuários de psicoativos desenvolvem fachadas que expressam seus interesses, gostos, cuidados e atitudes e que servem como pontos identificatórios para o convívio em determinado grupo. Os sujeitos estabelecem representações que são constantemente avaliadas pelos demais integrantes de seu grupo. Estas avaliações servem para configurar as diversas possibilidades de influência, prestígio, liderança, risco e confiança estabelecidas em grupo.

Porém, esta mesma fachada que é funcional nos grupos onde se desenvolvem o uso de determinada substância é disfuncional em outros lugares sociais. A manutenção desta pode deixar à vista certos indícios que categorizem o sujeito como um desviante gerando o estigma. GOFFMAN (2008) descreve o estigma como um sinal ou uma marca que designa o portador como “deteriorado” e, portanto, menos valorizado do que as pessoas “estabelecidas”. Seguindo-se a perspectiva deste trabalho pode-se definir o estigma como uma marca social de conotação negativa que leva o sujeito a ser marginalizado ou excluído. O estigma pode causar forte impacto na vida da pessoa estigmatizada, pois envolve aspectos amplos da vida dos sujeitos, assim como a formação e a transformação da identidade social desvalorizada num dado contexto social. Indivíduos estigmatizados são tidos como “desviantes” e comprometidos com relação às suas possibilidades de contratos sociais. Levando em consideração o fator sociocultural do estigma, o contexto tem, portanto, um forte papel em relação ao nível de conseqüências para o indivíduo estigmatizado. Portanto, fazem-se necessárias algumas considerações sobre a importância do contexto cultural na questão dos psicoativos, seus usuários e estigmas.

Os jovens pesquisados apesar de expressarem certa segurança quanto às suas opções de estilo de vida e de gostos mencionam preocupações com relação à questão da estigmatização, de acordo com Marcio de 15 anos:

“Ter fama é ruim! O sujeito que começa a ter fama fica marcado e é um beco sem saída. As pessoas, todo mundo diz – lá vai fulano que fez isso e aquilo...A partir daí o cara fica visado, fica visado pela polícia e por outros também que querem mandar na área.”

Neste trecho, o estigma é significado e se consolida na expressão “fama”, ou seja, no quanto o sujeito é conhecido nas comunidades em que transita por ter cometido atos de transgressão como: tráfico de drogas, assassinatos e outros. Os jovens mantêm uma relação de aproximação, porém de medo destas pessoas que tem fama. Precisam delas para o fornecimento do suprimento das substâncias psicoativas que utilizam, porém não querem ser cúmplices diretos de seus atos. A descoberta de que um jovem faz uso de substâncias ilícitas e em alguma medida as comercializa é também fator estigmatizante, nos termos de Goffman (2008), fato que muitas vezes impulsiona os usuários a criar estratégias no sentido de manipular sua identidade e suas práticas em determinadas situações e em alguns ambientes. Mas de alguma forma, em algum lugar, essas pessoas executam suas práticas, mantêm seus hábitos. Talvez muitas dessas pessoas possam mantê-las em ambientes particulares, domésticos, mas existem indícios de que alguns espaços públicos no interior de cidades urbanas em determinados horários são dotados de uma lógica própria no que diz respeito à tolerância do uso de substâncias psicoativas ilícitas.

Segundo SANTOS (2008) os moradores de bairros socialmente estigmatizados, como é o caso dos sujeitos desta pesquisa, necessitam desenvolver formas específicas de convivência que salvaguardem suas vidas e as vidas de seus familiares:

“Residir num lugar que carrega o estigma de marginal pressupõe estratégias individuais de circulação, aceitação e reconhecimento, onde formas de interações sociais são regidas por uma ordem estabelecida que exige certos tipos de comportamento.” SANTOS (2008, p. 143).

Apesar dos jovens e seus familiares muitas vezes apresentarem opiniões opostas sobre temas e comportamentos de seus cotidianos como é o caso do uso de drogas eles entendem que se faz necessário certa relativização de suas opiniões em determinadas situações sociais para que um nível mínimo de convivência seja preservado. Os familiares muitas vezes condenam o uso de drogas, porém modulam seu tom com medo de represálias por parte dos usuários com carreiras mais desviantes. Por outro lado estes também não querem confusão em sua área e rechaçam de lá os usuários mais descompensados, assim como usuários que roubam ou cometem algum tipo de violência que chame a atenção das autoridades. Em alguns casos o rechaço de certos elementos que provocam confusão no bairro recebe o apoio tácito da autoridade policial que simplesmente se omite no conflito que algumas vezes resulta em homicídio.

Segundo MACRAE e SIMÕES (2004), uma das razões pelas quais durante a maior parte da história o uso de psicoativos não apresentava maiores ameaças à sociedade constituída é que ele geralmente se dava no âmbito de rituais coletivos ou orientado por objetivos que tal sociedade reconhecia como expressão de seus próprios valores. Mesmo hoje, quando as regulações tradicionais da sociedade se mostram menos eficazes para enquadrar o consumo de substâncias psicoativas lícitas ou ilícitas, este ainda raramente ocorre de maneira totalmente desregulada. É como se os grandes rituais coletivos tivessem se fragmentado em pequenos rituais regulados por micro relações grupais que acontecem em pequenos grupos. Por serem pequenos não significa que sejam sem regras, nestes geralmente são estabelecidas normas de convivência e são transmitidos saberes e práticas sobre o uso de determinada substância e sobre como se comportar após este uso na presença de não-usuários. Saber se comportar fora do grupo de uso é também fundamental, pois resguarda o usuário e o próprio grupo. Neste sentido, o usuário de substâncias psicoativas não é entendido como um manipulador

nato e sem caráter, mas como um sujeito que necessita administrar algumas representações e fachadas com o intuito de não ser totalmente excluído de suas relações sociais mais amplas.

Ainda segundo MacRae (2009), as pesquisas de Becker mostraram como os usuários de substâncias psicoativas devem aprender a usar a sua droga corretamente para obter os efeitos desejados. Esse aprendizado cobre os métodos de aquisição do produto, as maneiras de consumi-lo, o reconhecimento dos seus efeitos e as maneiras de justificar, para si mesmo e para membros da sociedade envolvente, seu engajamento nessa prática, ilícita e estigmatizada. Becker deixa de considerar como intrinsecamente nefasta a cultura da droga e argumenta que o efeito do uso de psicoativos vai, portanto, depender do grau de engajamento do usuário em uma rede em que esse saber possa se desenvolver e circular.

Sempre existe um percurso na relação do usuário com sua substância, uma “carreira” que nem sempre aponta para uma degeneração de caráter ou de uma falha intrínseca, uma incursão em ritos, práticas e narrativas que se constroem na dialética entre o individual e o coletivo. Corrobora com este desenvolvimento a afirmação de VELHO (2008):

“As pessoas aprendem a usar drogas e têm determinadas regras, quer dizer, em todos os grupos que investiguei ou conheci havia uma etiqueta, havia um determinado limite que não podia ser ultrapassado; as pessoas não poderiam se tornar inconvenientes. E havia maneiras de lidar quando a pessoa perdia, ou parecia que ia perder, certo tipo de controle, ou seja, não é o uso desabusado simplesmente.” (P. 133).

MESSEDER e NERY FILHO (2004) utilizam-se do referencial do interacionismo de Becker para afirmar que as múltiplas formas de exclusão, marginalização e rotulação dos usuários de psicoativos acontecem numa dialética onde os processos sociais e as construções de trajetórias individuais tecem as possíveis combinatórias da díade: norma e desvio. Os autores entendem que esta díade seja socialmente construída através de embates e entendimentos, que de forma interativa, constrói símbolos, significados e códigos que regem a conduta dos sujeitos sociais. A relação norma / desvio institui parâmetros de comportamento que modulam o desencadeamento das ações individuais e coletivas.

De que forma se configuram e se perpetuam na contemporaneidade relações sociais de rotulação, atribuição de periculosidade e anulação do saber dos considerados desviantes? Esta é a questão que poderia ser feita aos autores que se propõem a analisar o tema de forma dialética. Entre estes autores se destacam o já citado H. Becker e G. Velho. De acordo com GOULART (2008, p. 262) este último autor concebe que:

“... o conteúdo das acusações ou os tipos de desviantes apontam para a legitimação ou, inversamente, para a ameaça de determinados padrões de comportamento, papéis sociais, concepções e estilos de vida de uma ordem social, acionando diferentes domínios dela.”

A partir destas reflexões entende-se que o desvio é um fenômeno socialmente elaborado e individualmente assimilado através do jogo dos papéis sociais, perspectivas do sujeito e estilos de vida. Para se configurar como desvio é necessário que aconteça a visibilidade social de determinado comportamento e uma atribuição social de que aquele comportamento ou conjunto de condutas

seja realmente merecedor de um julgamento específico. Acontecem na sociedade diversos comportamentos transgressores que por não ganharem visibilidade social não recebem a marca de desviantes. Portanto, nesta concepção, o desvio não é função unicamente das características individuais, nem tão pouco é consequência linear do meio onde se insere o sujeito, mas de uma complexa interação entre estes dois, onde o indivíduo participa de tomadas de decisões baseadas em experiências grupais e interpretação destas experiências a nível pessoal:

“O que é então, que pessoas rotuladas de desviantes têm em comum? No mínimo, elas partilham o rótulo e a experiência de serem rotuladas como desviantes.” (BECKER, 2008, página 22).

A questão do processo de rotulação é de suma importância na perspectiva interacionista tanto para o autor em questão quanto para outros autores como é o caso de E. GOFFMAN citado anteriormente. E Becker segue com uma afirmação bastante intrigante: algumas pessoas podem ser rotuladas de desviantes sem ter de fato infringido uma regra e alguns infratores podem escapar à detecção e deixar de ser incluídos nesta categoria. Nesta afirmação, o autor expõe a reflexão de que a inclusão na categoria de desviante não decorre da natureza do ato desviante em si, mas de um conjunto de atribuição social e de significados partilhados coletivamente:

“O grau em que outras pessoas reagirão a um ato dado como desviante varia enormemente. O grau em que um ato será tratado como desviante depende também de quem o comete e de quem se sente prejudicado por ele.” (BECKER, 2008, p. 25).

O autor entende que assim como as normas, leis e regras de convivência são criadas socialmente também as transgressões a estas estão sujeitas à interpretação coletiva. O desviante constrói seu percurso de forma heurística tendo como balizas tanto o grupo de desviantes do qual deverá se aproximar quanto os grupos de estabelecidos os quais deverá evitar ou manejar (BECKER, 2008). O desviante não pode permanecer isolado por muito tempo, uma vez que depende também de outros, de um grupo de semelhantes de onde retira aprendizados e estratégias de sobrevivência. No caso do uso de psicoativos, em cada etapa do contato com a substância, o sujeito desenvolve saberes e práticas que são significadas e remodeladas também pelo grupo. Os sintomas e as alterações de consciência não são fenômenos puramente fisiológicos, pois recebem do grupo legitimação e instruem o sujeito sobre o aprendizado da discriminação de diferentes qualidades de sensações e conseqüências destas no corpo.

Para enfatizar o processo temporal de formação dos “desviantes”, Becker introduz o conceito de carreiras de desvio. Existem várias etapas no desenvolvimento dessas carreiras. Para cometer o primeiro ato considerado desviante, o ator precisa estar em uma situação em que isso é possível e pensável – tipicamente em um grupo de outros que já praticam esse ato. Para se justificar nos primeiros experimentos com o desvio, o indivíduo usa “técnicas de neutralização”, que tornam inoperantes os valores convencionais. Existem várias dessas técnicas. O ator pode alegar para si mesmo que não tem responsabilidade, ou não consegue controlar suas ações. Também pode pensar que o ato não prejudicará ninguém. Pode achar que o ato é necessário para defender outros valores importantes, ou que é uma maneira de punir ou vingar-se da imoralidade de outros – uma justificativa muito comum pela violência. Finalmente, pode alegar que os que condenam o ato são hipócritas, que fazem a mesma coisa.

Experimentos transitórios com atos considerados desviantes são bastante comuns, mas não são suficientes para a pessoa ser considerada desviante pelos outros nem para ela se definir assim. Precisa praticar a atividade com certa regularidade. Problematizo um pouco a questão que VALENÇA (2010) pontua em que considera que os usuários de psicoativos não poderiam ser considerados desviantes e somente os envolvidos em atos violentos. Para mim os usuários também não são intrinsecamente desviantes, porém quando as agências socializadoras como é o caso das instituições escolares e da mídia os estigmatizam estes passam a serem diferentes, rotulados, excluídos e conseqüentemente desviantes. O desvio é socialmente atribuído e os sujeitos sociais não passam imunes a esta categoria acusatória. No caso do pesquisador citado a população de estudo é distinta da desta dissertação e se constituía em jovens universitários o que talvez o faça pensar que o grau de estigmatização seja menor, mas acredito que com os jovens pobres a situação é distinta, como diz o ditado popular: “pobre só tem seu nome” e quando este nome é maculado uma situação de tudo ou nada parece se ativar, ou seja, ou o jovem é um bom moço ou é um perdido, ou frequenta a igreja, ou a “quebrada”, ou é esforçado e trabalha mesmo que seja em condições desumanas ou é vagabundo.

Para esta abordagem, uma etapa crucial na construção do desviante acontece quando o praticante de atos desviantes é descoberto e rotulado, sobretudo pelas autoridades. Isso muda a identidade pública da pessoa e o tratamento que recebe dos outros. Uma vez categorizada como “criminosa” ou “desordeira”, por exemplo, a pessoa automaticamente vira suspeita de novos crimes. “Desviante” e os vários adjetivos equivalentes na linguagem comum, como “pervertido”, “marginal”, e muitos outros rótulos mais específicos para os praticantes de atos específicos, são tratados pelos outros como categorias-mestres, com prioridade sobre as outras formas de identificação.

O rótulo tende a reforçar a atividade desviante. Muitas vezes produz a separação dos “normais” e dificulta formas de comportamento associadas como a normalidade. Por exemplo, ser preso por algum ato ilegal pode resultar na perda do emprego, com a consequência de que a pessoa precisa recorrer a mais atividades ilegais para ganhar a vida. A estigmatização muitas vezes leva à associação com outros da mesma categoria, o que produz uma subcultura do desvio e reforça a autoidentificação como desviante. Também permite que a pessoa aprenda técnicas e estratégias para o sucesso no desvio e para praticá-lo sem ser descoberta pelos “normais” ou pelas autoridades. O grupo desviante tende a desenvolver uma ideologia própria, ou conjunto de idéias para se justificar, o que facilita a continuação da atividade sem receios.

O interacionismo de H. BECKER problematiza a questão do comportamento criminoso e amplia o debate sobre o tema. A questão da rotulação descrita pelo autor não sugere ao rótulo um fim em si mesmo. Há um processo na rotulação que envolve a construção de um eu. Neste processo, o indivíduo não simplesmente absorve o rótulo e age a partir dele, ele constrói a si mesmo a partir deste processo.

O desvio e seu controle são para a teoria interacionista encarados de maneira dialética, através de um processo de interação dinâmico e variável. Várias correntes interacionistas foram desenvolvidas, baseadas em tais fundamentos. A concepção de H. Becker sobre o fenômeno do desvio privilegia o papel da ação coletiva, cujas regras são impostas por um processo social que define coletivamente certas formas de comportamento como tipos de problemas. O autor considera o desvio “como o produto de uma transação efetuada entre um grupo social e um indivíduo que, aos olhos do grupo, transgrediu uma norma”, interessando-se “menos pelas características pessoais e sociais dos desviantes do que pelo processo através do qual estes são considerados

estranhos ao grupo , assim como por suas reações a esse julgamento” (Becker, 1985, p. 33).

O caráter desviante ou não de um ato depende então da maneira que os outros reagem. Segundo as teorias da rotulação, o desvio é o resultado das iniciativas do outro, visto que ele encadeia um processo de intervenções colocado em prática para selecionar, identificar e tipificar os indivíduos. Uma das mais importantes contribuições desse enfoque foi chamar a atenção para as conseqüências que implicam, para um indivíduo, o fato de ser rotulado como desviante. Um aspecto essencial enfatizado por Becker é que o processo social em que certos indivíduos são definidos coletivamente como desviantes engendra uma nova categoria de problema social. Como conseqüência, métodos de controle são colocados em prática e a institucionalização do “tratamento” das pessoas rotuladas é estabelecida.

As reflexões de H. Becker propõem uma mudança de perspectiva. O autor abandona o “tratamento” das formas de desvio que visa a procura da origem dos atos na psicologia individual dos desviantes ou estritamente em seu ambiente sociocultural. Seu interesse principal é o papel dos agentes que contribuem para a definição desse desvio. Vejamos agora um caso colhido no universo da nossa pesquisa que nos ajuda a entender o sentido desta abordagem teórica do desvio.

O caso de Mateus: diferentes lugares, diferentes facetas identitárias até o dia... que “badalou! Os caras conheceram minha cara aí já era, badalou! Se os caras te verem de novo é corte”.

A entrevista foi realizada na Casa de Passagem Belém em janeiro de 2013 ao final da tarde. Mateus é um jovem de 16 anos e estava recém-chegado à instituição. Quando eu adentrei na mesma ele se encontrava descansando e conversando com Luciano que é um jovem que eu já conhecia e já tinha entrevistado. Sentei-me ao lado deles e comecei a conversar com Luciano. Perguntei coisas simples a Luciano do tipo: como ele estava, que atividades eles tinham feito naquele dia e a conversa foi se desenrolando. Tinha uma intenção naquela interação que era chegar até Mateus que eu já sabia através da assistente social que era um jovem novo na instituição e que segundo a mesma tinha um percurso de vida interessante e cheio de percalços. Apresentei-me a Mateus como psicólogo e pesquisador, afirmei que estava entrevistando os jovens daquela instituição para saber mais sobre suas histórias de vida e sobre seu conhecimento sobre as drogas, particularmente a maconha. Neste momento Luciano me ajudou afirmando que eu não era “alemão” e que Mateus poderia confiar em mim. Fiz o convite para Mateus perguntando se ele aceitava conversar comigo numa sala reservada. Ele aceitou e nos conduzimos a uma sala fechada geralmente utilizada pelos técnicos desta instituição para realizar seus atendimentos. A entrevista de Mateus trouxe uma série de pontos de análise imprescindíveis para a compreensão do objeto de pesquisa e segue abaixo alguns destes pontos:

E- Mateus me conte um pouco da sua trajetória de vida... do seu percurso...

M- Velho com drogas eu nunca tive problemas, não vou mentir...

Estas primeiras palavras de Mateus desvelam um aspecto inquietante: como um sujeito que está interno numa comunidade terapêutica para jovens dependentes de drogas não tem problemas com drogas? E qual seria o problema de Mateus então, se existisse?

E- Você usava o que?

M- Maconha e cheirava cocaína. Comecei a usar maconha com 13 anos com um parceiro que colava comigo 24 por 8...

E- 24 por 8? Como é isso?

M- Que colava comigo todo dia, sempre...(risos). Aí ele saiu de casa, alugou uma casa porque teve uma filha aí eu tinha sido expulso do colégio.

E- Por que você foi expulso?

M – Porque vieram uns caras lá que me tiraram como otário e eu nem quis correr deles nem eles de mim aí eu fiz uma besteira... dei uma voadora em um lá rumei a cadeira em outro...aí fui expulso. Aí ficava bastante com esse meu colega, a gente fumava cigarro...

E- Cigarro comum?

M- Era cigarro mesmo, aí depois comecei a fumar maconha por causa de meu amigo que me ofereceu, mas falou: “rapaz não estou te forçando a nada, você fuma se quiser”. Aí eu fui ver qual é do procedimento, mas nem foi nada, eu praticamente não senti nada, não

senti lombrar aí ficou nisso eu fumava até mais cigarro normal. Aí comecei a trabalhar com ele, a vender droga né aí tinha as amigas da mulher dele que iam pra lá aí ficava todo mundo lá...Aí fui preso duas vezes.

Este trecho confirma o que BECKER (2008) analisa no capítulo “Tornando-se um usuário de Maconha” de que o usuário inexperiente em geral não fica no “barato” na primeira vez que fuma maconha, e várias tentativas são necessárias para induzir este estado. A palavra “barato” era muito utilizada por autores de gerações anteriores para referir os efeitos de determinada substância psicoativa. Todos os jovens entrevistados no âmbito desta dissertação utilizaram-se da palavra “lombra” para se referirem ao mesmo significado.

E- Você foi preso por que?

M- Besteira, molecagem, eu saia pra rua pra bagunçar aí se eu pegasse um cara assim no meio da rua que eu não fosse com a cara dele...(pausa) eu quebrava ele todinho, quebrava placas de rua...

O trecho acima mostra um comportamento que poderia ser interpretado de forma unilateral associando-se o uso de psicoativo e o desvio com características patológicas da personalidade do sujeito como as teorias patologizantes do desvio assim o faziam (BECKER, 2008). O mesmo autor analisa de que comportamentos desviantes podem ser momentâneos não dependendo unicamente das características psíquicas do indivíduo ou de uma sequência causal lógica que elicie determinada conduta. Não que as características do sujeito não interfiram em suas interações sociais ou no uso de psicoativos, mas estas não ocorrem de forma deslocada e sim numa dialética onde o

contexto intervém decisivamente. Em capítulo seguinte analiso a dialética entre disposições individuais (Set) e o contexto (Setting) a luz da teoria de Norman Zinberg.

E- Por que isso era alguma raiva?

M- Não, não sentia raiva não era mais vontade de bagunçar, uma adrenalina... minha mãe pegava muito em meu pé, dava 9 horas ela já começava a me ligar.

A resposta do sujeito confirma a análise acima de que seu comportamento não era função unicamente de nenhuma raiva ou motivo interno específico.

E- Fale um pouco de sua família...

M- Meu pai nunca me assumiu só depois que aconteceu uma parada ele apareceu querendo perdão aí eu falei que se ele encostasse em mim eu ia matar ele e falei na frente dele e de minha mãe – não apareça em minha casa nunca parceiro negócio de vim atrás de perdoar, pra mim homem que é homem tem que assumir o que faz não é sair fora e depois quando seu filho tomou um bocado de tiro e está prestes a morrer aí vem o superman querendo botar os peito pra cima, pegar o barril dos outros pra que os outros sintam pena de você...e perdoe você.

O pai só quis assumir Mateus como filho recentemente depois que o jovem sofreu uma retaliação por parte de um grupo rival em que quase perde sua vida. Seu padrasto é sócio de um mercadinho e sua mãe trabalha como caixa deste estabelecimento. O trecho acima mostra como a figura paterna fez falta para o jovem, talvez esta falta não seja responsável especificamente por seus conflitos com a ordem e

a lei, mas tenha gerado um sentimento de falta de acompanhamento, de companheirismo e de uma figura masculina que pudesse ter como modelo.

E- Qual foi destes tiros?

M- Estes tiros foi porque badalei, comecei a colar com uns caras muito psicopatas com altos homicídios...matava mesmo...

E- Você chegou a matar?

M- Cheguei, levei um por causa de besteira, por causa de droga... Aí nisso badalei, badalei, tá ligado comecei a colar com os caras mais pior do meu bairro. Porque teve uma vez que uns caras de moto enquadraram minha mãe quando ela ia comprar pão e botaram uma pistola nela e falaram seu filho está demais...

E- No seu bairro você era conhecido, tinha fama?

M- Não, de jeito nenhum eu sempre fui daquela pessoa assim que... porque meu bairro é assim tem uma parte que é uma parte nobre e aí passa mais um pouco e tem a parte que o governo fez e é lá que rola o tráfico. Eu sempre..... na frente do meu bairro eu queria mostrar outra pessoa uma pessoa que eu não era quando eu estava na outra parte do bairro em que eu andava com os maloqueiros. Na frente do meu bairro eu conversava com os caras, mas não dava aquela pala que eu tava traficando, já me vestia de outro jeito, não botava Cyclone, metia uma calça, uma blusinha decente, tá ligado? Eu não queria dar aquela pala, não queria badalar, mas a questão é que badalou!

Este trecho é muito significativo e ilustra o que GOFFMAN (2008) denominou como representação e manipulação da identidade “deteriorada”. O sujeito adequa sua conduta, seu vocabulário, suas vestimentas a depender da impressão que quer despertar no público que o assiste e julga.

E - Como assim badalou?

M- Porque a outra facção começou a me ameaçar dizer que iam arrancar minha cabeça, aí tive que mostrar minha cara mesmo. Teve um dia que rolou confronto e ficou as duas facções escondidas e gritando pra outra – “qual foi bota a cara!” Aí eu botei minha cara, a galera do meu lado tudo armado com 12 aí eu alterei – “bota você otário”. Nisso aí os caras conheceram minha cara aí já foi! Badalou! Se os caras te verem de novo é corte! Aí eu pensei que agora eu ia me jogar mesmo já não me escondia ia pra frente do meu bairro todo paloso, aí o povo já me olhava com medo porque eu comecei a colar com os caras de bonde e já andava armado, com a arma na cintura, aí badalou! O povo começou a me olhar com medo e a dizer: “Vixe Mateus mudou” aí começaram a dar ideia a minha mãe e quando eu chegava em casa ela me enquadrava “fulano disse que você estava com isso, isso e isso...”

O trecho acima demonstra que a carreira de desviante segue um modelo de análise sequencial do desvio, ou seja, um modelo que leva em consideração as mudanças ocorridas nas estratégias de interação do sujeito durante a passagem do tempo. (BECKER, 2008). Segundo o autor cada passo do sujeito em sua carreira desviante tem um conjunto lógico de disposições e de que uma explicação da sequencia

de acontecimentos em uma determinada etapa da carreira pode não ter sentido em outra. Segue adiante de onde o autor retirou o conceito de “carreira”:

“Originalmente desenvolvido em estudos de ocupações, o conceito se refere à sequência de movimentos de uma posição para outra num sistema ocupacional, realizados por qualquer indivíduo que trabalhe dentro deste sistema. Além disso, inclui a noção de “contingência de carreira”, aqueles fatores dos quais depende a mobilidade de uma posição para outra.” (BECKER, 2008, PÁGINA 35).

O termo “badalou” neste contexto quer dizer: não é possível mais esconder a identidade de desviante aos olhos do público. Não é mais possível desempenhar o papel de bom moço trabalhador e o papel de integrante de gangue ligada ao consumo e venda de drogas. O momento em que o jovem “badalou” expressa uma “contingência de carreira” onde o sujeito muda sua posição e avança em sua carreira desviante. O sujeito torna-se mais hábil, mais especializado no desvio.

E- Era você, sua mãe e que mais em casa?

M- era eu, minha mãe, meu padrasto e as filhas dele... Meu padrasto era muito conhecido no bairro por isso que eu tinha medo de badalar. Antes eu trabalhava no mercadinho dele também e falava pra minha mãe que eu queria trabalhar logo e depender dela só na comida, mas minha beca eu mesmo comprar. Trabalhei também no açougue do mercadinho, aprendi a tratar a carne...Mas eu ia trabalhar cheiradão, comecei a cheirar por causa do filho do sócio de meu padrasto que vendia cocaína, a gente cheirava num depósito aí já descia pra trabalhar no Speed.

[no trecho seguinte Mateus conta o seu percurso no trabalho com a venda de drogas, seu aprendizado com arma de fogo, o encantamento pelo dinheiro e pelas mulheres que cercam o comércio ilegal].

M- Aí neste período eu já tinha largado a escola e minha mãe falava: “tá virando traficante?” eu falei: “não vou virar traficante, mas também não vou estudar mais não”.

Neste trecho Mateus coloca uma questão relativa a seu percurso de vida que provavelmente interferirá no desenrolar de seu futuro. É uma decisão firme e pouco aberta a questionamentos: “não vou estudar mais”. O que leva um jovem a fazer uma afirmação deste tipo? Através da fala dele se nota de que o mesmo ainda não tem uma definição do que quer fazer exatamente: “não vou virar traficante”. Este é um exemplo do choque simbólico existente entre a juventude e a educação na realidade brasileira atualmente. O jovem significa como impossível o fato de ele ser usuário e pequeno comerciante de drogas com a possibilidade de continuar sendo aluno. Esta conclusão simplesmente brotou de sua cabeça? Tenho como hipótese de que não, esta conclusão é fruto de um percurso de estigmatização infringido pelos agentes socializadores responsáveis pela educação formal e pelos demais agentes sociais que participam direta ou indiretamente do complexo jogo de interações e redes sociais das quais o sujeito faz parte e que tem como resultado a exclusão e o imperativo forçado ao sujeito em forma de “escolha”: ou você se adequa ou está fora. A suposta adequação como se tem pensado que deveria ser o aluno ideal e que aparece na análise do discurso de uma equipe pedagógica sobre os jovens usuários de psicoativos mais a seguir nesta dissertação é impossível para Mateus e me arrisco a afirmar que se faz impossível também para muitos outros jovens com características semelhantes.

E- Antes de largar a escola, você frequentava as aulas, chegava a ir para o colégio?

M- Ia eu sempre respeitei o colégio, eu sempre pensava em não me sujar com este colégio, porque eu pensava assim “se sujou com um, se sujou com todos...”. Eu nunca desrespeitei as professoras tá ligado? Eu fumava maconha e ficava brincando: Qual é professora e tal e tal... aí a professora falava “Rapaz você é perturbado, mas você é gente boa!”

Esta fala é a prova de que Mateus muito provavelmente tinha preocupações com as consequências de suas ações e as consequência da rotulação social ao afirmar: “se sujou com um, se sujou com todos”. Não é um jovem sem noção de respeito, ou sem uma introjeção subjetiva da lei, é um jovem com toda a capacidade de estabelecer relações sociais de reciprocidade.

E- O uso da maconha atrapalhou sua vida no colégio? Você assistia as aulas?

M- Assistia, assistia sossegado, por exemplo, a aula de história que eu achava a professora gente boa, que entrava na resenha com a gente, tinha ora que a professora estava dando um negócio lá e eu viajando! Tem vezes que você está de cara você não entende, mas quando você está lombrado passa muita coisa em sua cabeça aí você fala é isso, isso e isso ... eu mesmo quando queimava um eu gostava de ir pro fundo por que na frente as meninas esparravam demais, olhavam pra

minha cara, me viam de cabeça baixa e gritavam: “Mateus está lombrado!” Aí pronto chamavam minha mãe e era aquela onda com ela e a diretora – “Tá usando drogas?” Aí começaram a me botar badalação dentro do colégio que eu era isso e aquilo... Saí mais do colégio porque eu estava colando muito com os caras e vi a hora da outra facção aparecer no colégio e me matar.

E- Você saiu pela preocupação...

M- Pela preocupação de os caras me pegarem, porque neste tempo eu não andava armado não tinha a confiança dos caras para eles me darem uma peça. Até que eu pedi: “a questão é essa vou vender pra você, mas você vai botar uma peça na minha mão”.

[continuação do relato de envolvimento na venda de drogas que M. chamava de “corre”]

M- ... aí eu falei pra ele que vinha pra boca de manhã e só volto pra casa de noite, porque não ia pro colégio pra os caras armarem pra mim e me pegarem...aí eu ia pra lá e pra casa de minha nega que era na rua de baixo...

E- Você está com ela ainda?

M- Não terminei é tanto que no dia que os caras me deram essa rajada na porta do colégio ela estava do meu lado, ela quase viu minha morte aí a mãe dela deu a ideia pra mim que não dá reggae não que a filha dela é muito nova e também porque badalaram pra mãe dela que eu estava andando com arma no meio da rua...aí eu

terminei porque sabia que o bagulho é doido e eu não ia ficar arriscando ela...

E- Você costumava a vender mais o que M?

M- Eu gostava de vender mais maconha, mas quando vi que a pedra tava dando mais lucro...a pedra não para na mão! esse mesmo nóia que comprou na minha mão agora, dá cinco minutos ele arranja dinheiro não sei da onde e já tá voltando pra comprar de novo...

E- A maconha ficava mais parada?

M- A maconha ficava mais parada por que... de manhã cedo quando os trabalhadores vão trabalhar e querem trabalhar sossegado aí pá...querem comprar de manhã cedo e na hora de voltar de noite do trabalho pra dormir sossegado!

Este trecho da entrevista é muito revelador e é um dado que até então não se tem prestado o devido esclarecimento técnico e teórico. O sujeito de pesquisa que é um jovem com certa experiência no uso e comercialização de substâncias psicoativas faz uma relação estreita entre o uso da maconha e o mundo do trabalho. Provavelmente, o tipo de trabalhador ao qual este jovem se refere se insere no mundo do trabalho proletário. O jovem é sagaz em insinuar de que a substância psicoativa maconha participa cotidianamente da rotina de vida destes trabalhadores que por sinal estabelecem um padrão de horários constantes e frequentes. É feita uma referência de que a maconha induz um estado de consciência de tranquilidade que auxilia os trabalhadores no início do seu percurso de trabalho e os auxilia também no relaxamento após a jornada de atividades. A relação entre o uso da maconha e as atividades sociais

do cotidiano foi pioneiramente analisada no trabalho de MACRAE e SIMÕES (2004) e serão retomadas em outras passagens deste texto particularmente ao analisar a relação entre o uso da maconha e o desempenho do papel de aluno.

E- E você fumava e cheirava os dois?

M- Nunca gostei de misturar, porque pode dar um cardíaco no coração... se eu fumasse a massa aqui agora esperava um pouco...se o cara misturar tudo o cara fica mais doido ainda aí é pro cara que quer ver bicho aí complica porque o cara com a arma na mão o cara quer dar tiro aí ... já era... Só às vezes quando eu estava lombrado e estava muito lezado aí eu falava porra quero acordar, bota um raio aí pivete! Aí cortava logo o efeito da maconha.

Este trecho revela um conhecimento prático e intuitivo das propriedades farmacológicas das substâncias psicoativas. É neste sentido que utilizo a expressão “saberes e práticas”, são conhecimentos retirados da própria experiência concreta do sujeito com seu objeto. São conhecimentos que resultam da experiência sensorial que se processa no próprio corpo do sujeito, entendendo-se que corpo e consciência não são entidades disjuntas.

E- E a maconha você acha que corta o efeito da coca?

M – Não, depende da maconha né?

E- Quais são os tipos que você conhece?

M- A impresada que bate uma lombra muito forte, a solta que não é tão forte, a natural...o alecrim, o alecrim já bate mesmo o cara fica lombrado um tempão...

E- Qual é a que você chama de alecrim?

M- É tipo a natural, é verdinha, bem verdinha mesmo e se você fizer um beck grande já foi parceiro você fica lombrado...

E- Você já ouviu falar em dar banho na maconha? Misturar ou borriifar com conhaque ou cachaça junto com melão?

M- Eu não misturava com nada, acho que esse banho estragava com a maconha...

E- Você acha que estraga? A maconha fica vermelha...

M- Eu acho que perde o gosto, porque gosto cada um tem o seu tem gente que diz que quando joga álcool nela fica bom, mas pra mim eu não achava não...

E- Mas você já experimentou?

M- Já, mas não foi uma lombra que eu gostei não...

E- Então essa coisa de misturar é mais....

M- É!, mas também cada um pega a sua droga e faz o que quiser, tem gente que gosta de misturar com outras coisas, pra mim não funcionava, pra mim era besteira isso aí... Quem é maconheiro mesmo

das antigas sabe se a maconha é boa só pelo cheiro... a gente geralmente experimentava o produto que a gente vendia

E- Vinha com sementes a que você vendia?

M- Vinha de tudo que é jeito, com semente, sem, vinha até de pé plantado tá ligado...que os caras plantam no quintal.

E- Você já chegou a plantar?

M- Rapaz não, porque é muitos anos pra um negócio daquele crescer, é anos e anos e anos, só um cara que é doido mesmo pra esperar...e também tem um risco de o cara rodar por causa de um pé de maconha no quintal...os caras me falaram que demora de 10 a 15 anos aí eu dizia porra nem sei se até lá eu vou estar vivo. Eu comecei a pegar de grama depois comecei a pegar de quilo...

E- Você fumava mais ou menos que quantidade

M- Pra mim parceiro tinha vezes que de cinco da manhã até 10 eu já fumei mais de 15 a depender dos parceiros...

E- a lombrá aumentava ou era mantido o mesmo efeito

M- Variava muito a depender do tipo da maconha às vezes mantinha o mesmo efeito e às vezes aumentava, eu ficava mais chapado...aí a gente fumava fumava e às vezes ia bater um play (Playstation) ou fazer outra coisa pra gastar aí ia cortando o efeito e lá pra 12 horas a fome monstra. Aí depois do almoço já voltava pra vender porque os caras que trabalham às vezes voltam para o almoço e queriam

almoçar já na larica lombrado. Aí lá pra uma e meia já voltava pra fumar de novo, tava todo mundo lá de novo e era o mesmo esquema!

E- Que tipo de seda você usava?

M- Rapaz existem vários tipos de seda tem a Colomy que é mais barata tem a de playboy que esqueci o nome dela que custa treze conto e vende até no Shopping e é da cor da maconha não é igual ao Colomy branco, você enxerga a massa todinha e também o gosto dela que você sente, eu fumei com várias sedas...dependia da companhia.

E- O tipo de seda muda o gosto, a sensação?

M- Muda pô, todo mundo fala...um dia fumei esta mais cara aí perguntei pô velho que coisa diferente você comprou aonde, aí o pivete disse aaaa treze conto, só vem 7 no pacotinho, tá ligado que maconheiro é maconheiro né? Maconheiro tem que valorizar parceiro o beck...Aí sentia mais leve e um gosto bom da zorra!

E- Você gostava de fumar geralmente aonde e em que situação?

M- Ahh em todo lugar, já fumei até com meus irmãos na laje, era onde eu gostava mais, fumava ouvindo um Bob Marley e Edson Gomes...

E- Qual o som que você curte?

M- Escuto mais Reggae, comecei a escutar uns Mcs mais não gostei muito não, prefiro o reggae, Bob, Edson, o Rappa, Soja...

O caso de Mateus traz diversas nuances do que os autores interacionistas citados acima denominam como “carreiras de desviantes” ilustrado nesta carreira de usuário de maconha e outras substâncias. Voltando-se ao início da entrevista onde o jovem afirma categoricamente que não tem problemas com drogas, entendo que esta afirmação seja totalmente legítima, pois a interação com Mateus durante a entrevista não mostrou nenhum traço crônico de compulsão e dependência às substâncias psicoativas. Seu raciocínio é estruturado e coerente, seu discurso diversificado e aberto às questões que lhes foram dirigidas, em suma, o jovem não apresentou qualquer sintoma psicopatológico indicativo de dependência de substância psicoativa. É bem provável que as dificuldades de percurso de vida de Mateus fossem mais provenientes das vicissitudes de sua carreira de desviante com todos os percalços, estigmatizações e exclusões que esta comportou do que propriamente seu uso de drogas. Uma questão surge desta constatação: O que fez com que o uso de drogas de Mateus não se configurasse como um uso compulsivo característico de uma dependência? Quais os tipos de controles envolvidos no uso de drogas feito por Mateus que tem características de um uso não compulsivo. O que diferencia um uso compulsivo do uso controlado de drogas e quais os fatores que pesam na configuração de um ou do outro? Para responder a estes questionamentos se fez necessário avançar na teorização de autores que deram continuidade a teoria interacionista particularmente quanto aos diferentes tipos de usos de substâncias psicoativas. Análise que segue neste próximo subcapítulo.

Desdobramentos da sociologia do desvio: diferentes tipos de usos, diferentes trajetórias.

De acordo com MacRae (2009), a importância dos aspectos psicossociais no uso de substâncias psicoativas foi reconhecida e exaustivamente estudada pelo médico americano Norman Zinberg. Este autor retomou as análises da sociologia do desvio desenvolvidas por Becker confirmando em muitos aspectos tais análises e acrescentando através de suas próprias pesquisas o que denominou de ‘uso controlado’ em contraposição ao “uso compulsivo” das substâncias psicoativas. O destaque que MacRae faz a atenção destes autores, particularmente deste último à possibilidade de um uso de psicoativos que não seja necessariamente compulsivo é de suma importância para a análise do tema em questão. Zinberg reconhece, assim como Becker, a importância do saber do usuário, o que na visão deste último, é a base para a construção da sua carreira. O que estes autores afirmam e que tem se comprovado no campo de pesquisa desta dissertação é de que o uso de drogas nas suas mais variadas modalidades é um elemento constituinte da cultura juvenil, decorre de um aprendizado social e não necessariamente conduz estes sujeitos à compulsão ou ao flagelo pessoal. As formulações feitas pelos teóricos supracitados sugerem que em última instância, os usuários regulariam seu uso de drogas, através de processos baseados na aprendizagem social com os pares, nos quais rituais e regras específicas seriam desenvolvidos em adaptação aos efeitos da interação entre a substância, o *set* e o *setting*. De acordo com Norman Zinberg o termo Set diz respeito à atitude do indivíduo no momento do consumo englobando também a sua estrutura de personalidade e expectativa sobre a

experiência. O termo Setting se refere ao ambiente físico e social no qual este uso se desenvolve.

De acordo Norman Zinberg as teses de Becker de que os novatos dependem de alguém com mais experiência que os mostrassem como fumar corretamente para identificar os gradativos estados de percepção e consciência e poder extrair os efeitos desejados e evitar os indesejados ainda são válidas e pertinentes. Nem sempre os jovens experimentam logo um tipo de “lombra” condizente com o uso da maconha. A associação do uso da maconha com álcool pode gerar efeitos a princípio extremamente indesejados para os jovens para quem as características do Set e do Setting serão de extrema relevância. Como é fumado, quando, em que local, com que música, com que disposição anímica, com que grau de confiança nos parceiros que partilham aquela experiência, se a substância é utilizada em associação com outras substâncias – todos estes fatores irão interferir diretamente na vivência do jovem com a maconha e consequentemente nas suas interações sociais.

As inovações teóricas propostas por GRUND (1993) influenciaram uma série de teóricos brasileiros que pesquisam a relação entre drogas e cultura (LABATE [et al], 1998). Estes teóricos são unânimes em afirmar que a política de redução da oferta, ou seja, a restrição ou total proibição do acesso do usuário às substâncias psicoativas sem a devida problematização, contextualização, diálogo, ou tentativa de entendimento da perspectiva do usuário tende a se transformar em políticas autoritárias, de alto custo social e iatrogênicas. Esta última característica teria um efeito de “tiro pela culatra”, ou seja, ao invés de curar pela abstinência forçada expõe o usuário a danos e riscos e retroalimenta um comércio ilegal extremamente violento. Em alguns dos casos que pesquisei com estes jovens nesta dissertação ficou evidenciado de que os riscos sociais e à saúde e os desvios empreendidos por estes eram muito mais em função do

envolvimento mesmo que ainda iniciante com o comércio ilegal de drogas e armas do que com a experiência vivenciada com a maconha ou com outra substância psicoativa. A ilegalidade das substâncias psicoativas em si já cria o ambiente social propício para o crime e para a estigmatização do usuário, uma vez que participa de mecanismos sociais e políticos que condenam e definem estas mesmas substâncias e seus usuários como potencialmente perigosos e devastadores para a ordem social.

As teses de GRUND (1993) são extremamente provocativas para o contexto em que vive o Brasil atualmente com relação ao uso de drogas. Presenciamos os veículos de comunicação fazendo apologia às internações compulsórias e mostrando esta prática em execução com o argumento de que o Crack é uma droga com alto poder aditivo. Vale lembrar que as pesquisas desenvolvidas por Grund se debruçaram sobre sujeitos usuários de heroína e cocaína e que nem por isso o autor deixou de afirmar a possibilidade de uma auto-regulação no uso destas substâncias. Esta regulação é função da disponibilidade da droga, de regras e rituais construídos pela própria cultura de uso e pela estrutura de vida do usuário. A disponibilidade da droga influencia nos demais aspectos uma vez que segundo o autor sem a preocupação excessiva em obter nova dose, os usuários tenderiam a estabelecer rituais e regras mais protetivas de uso controlado. O autor descreve o que denomina de uso controlado em contraposição ao uso compulsivo e sobre este tema destaca-se a pesquisa de MALHEIROS (2012) sobre esta questão.

As pesquisas que analisam as interfaces entre o uso controlado e compulsivo de drogas, como a citada acima, têm muito a contribuir com o tema do uso de psicoativos, pois abordam o fenômeno de forma contextualizada. Compreender que nem todo uso de drogas é compulsivo ainda é uma novidade para muitas pessoas como mostra o discurso

de uma equipe pedagógica sobre o uso de substâncias psicoativas tratada em capítulo subsequente. Além disto, o denominado “uso compulsivo”, seguindo a linha de raciocínio que adoto neste trabalho deveria ser abordado também de forma contextualizada tentando-se entender o que os sujeitos envolvidos no fenômeno sentem, percebem e processam sobre a questão. Esta afirmação engendra consequências intensas para a área de estudos dos psicoativos, pois relativiza a ideia de que a compulsão é função exclusivamente das características farmacológicas das substâncias ou de características psicopatológicas do indivíduo. Nesse sentido vale observar este trecho de entrevista feita com Adriano, onde o sujeito utiliza-se de categorias nativas para descrever o que ele considera um uso compulsivo de maconha e seu respectivo ator social por ele denominado como “Cabeção”:

E- Você tinha ideia do quanto você estava fumando por dia?

A – Um beck dois beck e ficava lombrado logo!

E – Dois beck só?

A – E dois beck não faz uma mente não é?

E- Que faz faz! Mas eu ouvi gente dizendo que chegava a fumar dez ou mais

A – Isso aí já é mente de elefante! É cabeção tá ligado? Que fuma pra dizer que é o tal! Isso é mentira, ele fuma 10 aí chega em casa e fica passando mal! Pra que isso? Isso aí já é cabeção tá ligado?

E – Você acha que o cara que fuma 10...

A – É cabeção!!!! Não fuma maconha pra se sossegar, fuma maconha pra dizer que fuma, não aproveita a lombra, chega em casa e fica passando mal, aí é cabeção meu irmão.

E- Você conheceu muitos cabeções?

A – Oxi demais! O cara chega na quebrada e passa mal na quebrada mesmo! Por que não guentava fumar e fumava muito pra tirar onda, vomitava, dizia que ia bater o barro, suava frio, também tem muito aí que diz que fuma dez beck e é mentira! Dou minha cara a tapa! Cabeção é o cara que fuma pra tirar onda de muito doido...

Adriano descreve com precisão esta outra figura social do meio de uso de psicoativos até então não notada por mim que é a figura do “cabeção”. O cabeção é o jovem usuário iniciante que perfaz a típica imagem do adolescente querendo testar todos os limites e provar sua virilidade. O cabeção está pouco interessado nos efeitos reais das substâncias que consome, se interessa, sobretudo pela vertigem, pelo exagero e pela máscara de que é um ser mais resistente e mais viril. Existem opiniões diversas sobre se a quantidade que Adriano cita como exagerada é realmente excessiva e houve afirmações de uso intenso de 20 a 30 cigarros por dia sem a menção de efeitos indesejados como náuseas ou vômitos.

Ainda sobre os desdobramentos da teoria do desvio tem-se que as atitudes de pessoas e instituições sobre os usuários de psicoativos engendram diferentes tipos de controles e sanções sobre estes. A relação entre tais controles, o estigma social e a atribuição de desvio formam um complexo pelo qual o usuário geralmente transita e necessita construir estratégias para lidar com este. Neste sentido, faz-se relevante a

distinção que TRAD (2009) retoma entre autocontroles, heterocontroles e controles sociais na questão do uso de psicoativos. O autocontrole refere-se à forma com que cada usuário administra seu uso em função dos ganhos e prejuízos que este uso traz para sua existência. A ideia de um autocontrole por parte do usuário não está atrelada à noção de um indivíduo isolado e independente do seu meio social, mas de uma concepção que entende o usuário como um sujeito capaz de avaliar os possíveis riscos e os danos envolvidos em sua prática. Esta distinção feita por Sérgio Trad dialoga muito com os pressupostos de Jean-Paul Grund ao afirmar a existência e a importância de controles que estão além dos heterocontroles, ou seja, da redução forçada da oferta e da demanda e da ação interventiva dos agentes de repressão.

São os controles sociais, aqueles que dizem respeito à ação protetiva e vigilante dos grupos primários e secundários, bem como da comunidade da qual o usuário de substância faz parte que mais tem sido dissolvido na contemporaneidade (TRAD, 2009). Os controles sociais ou informais formam um complexo que dialetizam o que se oculta e o que se mostra, o sigilo e a confraternização e o grau de interlocução entre usuários e não-usuários. O autor pressupõe uma relação interativa entre o sujeito e os controles sociais e inclui nestes últimos o papel regulador do próprio grupo que compartilha uma determinada substância psicoativa. O grupo de usuários é um grupo social sujeito às lideranças, diferenças de status, normas implícitas e explícitas, diferenciando-se, portanto de um bando desordenado. Tal grupo estabelece parâmetros entre o uso individual e o coletivo, permitindo aos seus membros formar sua própria cota de quanto e com que frequência consumir. A alteração de consciência é, portanto, modulada seguindo-se padrões pessoais e grupais. Influem também neste processo de modulação de consciência: as características farmacológicas da substância, o grau de

experiência do sujeito no seu uso, as condições gerais de saúde e sociais deste sujeito, bem como a estrutura de ritualização envolvida neste uso.

Na esteira destas reflexões é bem vinda a afirmação de VIDAL (2009) de que as práticas de preparo, consumo e efeitos da maconha não são homogêneas. As experiências individuais com estas substâncias dependem de diversas características e fatores que se inter-relacionam mutuamente: os indivíduos consumidores e suas características psíquicas, emocionais e culturais, suas expectativas sobre o uso e o efeito, a qualidade da substância e a quantidade consumida, as modalidades e padrões de consumo, as circunstâncias ambientais e sociais onde ocorre o consumo, as implicações legais do consumo e as conotações sociais e políticas associadas aos consumidores e às substâncias consumidas.

Estas práticas heterogêneas e multifacetadas do uso da maconha acontecem em grupos étnicos e sociais específicos que estão sujeitos às peculiaridades de determinados momentos históricos (VIDAL, 2009). Os usos da maconha no Brasil oscilaram entre momentos de tolerância e percepção social de que tal prática era contextualizada e aceita como um costume de alguns grupos sociais e de momentos de intolerância onde houve forte influência da ideologia de “guerra às drogas” advinda dos Estados Unidos. A partir do momento em que a sociedade brasileira é invadida pela política de terror com relação às drogas, o uso da maconha ficou associado às populações socialmente marginalizadas e intensamente estigmatizadas. O uso da maconha tornou-se associado às pessoas sem caráter, preguiçosas e potencialmente perigosas.

Apesar de tal estigma, a substância sempre foi considerada popular e acessível em contraste com outras drogas consideradas como “droga de rico” como a cocaína e heroína. A maconha tem participado ativamente do cotidiano de trabalhadores populares como o discurso de Mateus acima o demonstra e do cotidiano de jovens de classe pobre.

A substância participa de diversos momentos de sociabilidade dos jovens desta pesquisa como as entrevistas abaixo com Vanessa e Luciano demonstram. Estas entrevistas além de situar o uso da maconha como instrumento de interação social e produtor de sociabilidades apontam para o fato de que a substância pode ser utilizada como um medicamento popular, como um atenuador dos sintomas do uso de outras drogas como o crack como atesta a entrevista com Luciano. Este último aspecto é importante para políticas de redução de danos que como afirma GOMES (2012) não estão direcionadas unicamente para a abstinência em primeiro plano. Neste texto afirmei também que a redução de danos é a estratégia de saúde pública que mais se afina com uma perspectiva social e interacionista, pois leva em consideração, sobretudo a perspectiva do sujeito e de seu entorno social.

Dois casos onde o uso da maconha participou da sociabilidade dos jovens: os casos de Vanessa e Luciano.

O caso de Vanessa: entre as gargalhadas, o sono e a “larica”.

Vanessa, a única mulher deste universo de pesquisa, foi entrevistada no Centro de Referência Especializada da Assistência Social. Adolescente de 14 anos cursando a quinta série, reside com mãe, padrasto e outros 05 irmãos. Vanessa tem passagem na delegacia e no conselho tutelar. Segundo a mesma é usuária de bebida alcoólica, “cigarro comum”, maconha e cocaína. Foi flagrada vendendo maconha na escola. Foi encaminhada ao CREAS pelo Conselho Tutelar. Geralmente quando um adolescente comete um ato infracional é encaminhado para a instância judicial para que o juiz estabeleça uma medida socioeducativa, no caso de Vanessa a adolescente fora encaminhada diretamente ao CREAS com o objetivo de prevenção e acompanhamento para que outros atos infracionais não fossem praticados pela mesma. A partir de então comecei a atender a jovem numa perspectiva de acolhimento e orientação quanto aos possíveis percalços advindos de sua conduta significada pela escola e pelo conselho tutelar como desviante.

O pai de Vanessa faleceu de doença, que a jovem não soube especificar ao certo, quando esta tinha 05 anos de idade. Seu padrasto trabalha como vigilante e sua mãe não exerce trabalho formal e é beneficiária do programa bolsa família. Vanessa reside no bairro chamado de Alecrim, extremamente estigmatizado por ser o bairro onde estão situados os bordéis da cidade. “Para Alagoinhas o Alecrim é lugar de puta ou traficante”

diz a mãe de Vanessa. A família reside numa das ruas paralelas aos bordeis que ficam todos alinhados na considerada rua principal de onde sai o bloco “Mudanças do Alecrim” na micareta da cidade. O bairro é considerado perigoso, porém não existem facções ou grupos ligados ao grande tráfico de drogas. Vanessa preocupa sua família, pois tem um comportamento de dormir vários dias fora de casa sem avisar onde está. Ela diz que mantém um bom relacionamento com as pessoas do bairro, que tem amigos de todo o tipo, incluindo vários amigos que vendem drogas. Afirma que acredita em Deus, mas não frequenta a Igreja e por isso é discriminada “uma menina como eu que não vai à igreja, o pessoal fala logo que é maloqueira”. Apesar dos 14 anos Vanessa tem corpo de mulher, usa shorts bem apertados mostrando o umbigo, camisa decotada, piercing, brincos e maquiagem, fez algumas tatuagens artesanais com seiva de castanha e com caneta e sonha em fazer uma tatuagem profissional.

Seguem abaixo alguns trechos e análise da entrevista com Vanessa que podem trazer contribuições ao entendimento do tema:

E- Como foi isso Vanessa? Você estava vendendo o que na escola?

V- “Estava vendendo maconha, mas não foi esse exagero que disseram que eu estava com 1 quilo, ninguém vai com 1 quilo de maconha pra vender na escola, isso foi mentira inventada pelas professoras”.

E- Quem foi que descobriu?

V- “Foi minha professora que depois falou para a diretora e me chamaram para conversar”.

E- E elas fizeram o que?

V- *“Conversaram muito comigo, me levaram ao conselho tutelar e disseram que não iam me denunciar para a polícia, mas que seria bom que eu conversasse com um psicólogo”.*

Têm sido constantes os encaminhamentos de jovens que são flagrados consumindo ou vendendo drogas nas escolas do município e região para atendimento psicológico. Persiste na lógica de tais encaminhamentos ora uma ideia de que se trata de um aluno com algum distúrbio psíquico ora uma concepção de que este aluno é um canalizador de todos os problemas familiares e sociais que os cercam, portanto um jovem com autoestima em pedaços devido ao contexto social ao qual faz parte. Ambas as ideias são fragmentárias e acabam por reforçar os estigmas de “delinquente com distúrbios” ou de uma “coitada vítima das mazelas sociais”. O problema é encarado como um fenômeno de fora da escola, que adentra na mesma como um corpo estranho e que precisa de especialistas para operar uma remoção deste invasor.

E- *“E você estava com o que quando te pegaram?”.*

V- *“Estava com 10 balinhas de maconha mais ou menos do tamanho de uma gude, tinha de 5 e de 10 reais”.*

E- *“E era você que preparava as balinhas ou já vinham prontas?”.*

V- *“Tinha vezes que já vinham prontas e tinha vezes que nós mesmos que fazia”.*

E- *Você e quem mais?*

V- *“Mais duas amigas e um amigo que arranjava”*

E- “E vocês vendiam para alunos de mais ou menos que idade?”.

V- “a maioria tinha entre 11 e 18 anos”.

Vanessa como a maioria dos jovens desta pesquisa não se encaixam em categorias já conhecidas de empresas criminosas organizadas como descritas por BILL E ATHAYDE (2010). Provavelmente os entrevistados dos autores citados denominariam Vanessa como um “Vapor” – jovem que vende a droga. Porém, o “Vapor” e os “Falcões” estão em um contexto onde predomina uma engrenagem muito mais racional de divisão de trabalho do que os jovens desta dissertação. Vanessa tem liberdade para trabalhar com o preparo e distribuição de drogas em troca de dinheiro e deixar de fazer isso de forma tranquila e sem represálias, liberdade que penso não ser dada com tanta facilidade aos “meninos do tráfico” aos quais os atores se referem.

E- Você é nova Vanessa, quando experimentou a maconha já sabia tragar?.

V- “já, com 11 anos a gente já comprava cigarro comum, daí eu aprendi a fumar aí”.

E- “E a maconha como foi que experimentou?”.

V- “Tem uma quadra perto de casa que eu fico com minhas amigas, daí outros amigos sempre chamavam a gente, aí um dia a gente foi experimentar...”.

No trecho acima Vanessa se refere a dois elementos que participam ativamente da sociabilidade da juventude pesquisada: a reinvenção simbólica de um espaço que a princípio serviria como quadra poliesportiva, mas que serve também como um ponto de

encontro, como um lugar parcialmente livre dos controles usualmente exercidos pelos agentes costumeiros de socialização como professores, pais e outros. É um lugar onde novas possibilidades de identificação são possibilitadas, onde o jovem ressignifica seu acervo simbólico e constrói ativamente suas formas próprias de existir e estar no mundo. A experimentação é o outro elemento citado por Vanessa que traz pontos importantes de reflexão neste contexto: o que se está experimentando quando um jovem utiliza a maconha ou outro tipo de psicoativo pela primeira vez? Penso que a resposta a esta questão está para além dos efeitos puramente farmacológicos das substâncias utilizadas. Por que quando se experimenta a maconha se experimenta também o “proibido”, a “liberdade”, “a celebração de estar em grupo com amigos”, “os amores”, “a sexualidade”, “a vida” e “a morte”, se experimenta, portanto, um grande leque de combinações de significados e sentidos construídos pelos sujeitos em interação e dialogicidade.

E- E você sentiu o que?

V- “Fiquei calma, tranquila e comecei a gargalhar com minhas colegas, ria muito e me senti muito bem e animada”.

E- Além das gargalhadas você sentiu algum outro efeito? Alguma alteração na percepção do tempo? Você sentiu que o tempo passava mais devagar?

V- “não, não tinha isso não, só depois sentia fome, a tal da larica e um sono danado.”

E- “Você usava antes de ir para a escola?”.

V- *“Usava, eu costumava a fumar mais ou menos três vezes por dia – uma antes de ir para a escola de manhã, uma perto do almoço e outra mais tarde...”*.

E- *“Como era fumar e ir para a escola? Ajudava? Atrapalhava?”*.

V- *“Ajudava porque eu ficava mais tranquila, mas às vezes as professoras reclamavam porque eu ria muito e atrapalhava a aula, tinha vezes também que eu ficava agressiva.”*

E- *“Você acha que ficava agressiva pelo uso ou porque você já estava com um pouco de raiva?”*

V- *“Pelo uso...”*.

Neste ponto da entrevista a adolescente atribui à substância psicoativa a causa da sua agressividade, porém vale ressaltar que a jovem já fora encaminhada para polícia e para o Conselho Tutelar por brigas sérias com outras garotas, uma das quais a mesma estava portando uma “peixeira” e que segundo Vanessa por sorte não mata a outra menina. Este comportamento indica uma relação com a violência que provavelmente esteja situada para além dos possíveis efeitos das substâncias utilizadas, embora a jovem seja também usuária de cocaína que possui um efeito euforizante e em algumas circunstâncias pode acentuar comportamentos agressivos.

Além deste aspecto vale considerar a análise de ESPINHEIRA (2008) sobre o atual comportamento das jovens de classe social pobre que em muitas situações transitam entre um universo matrilinear e comportamentos tipicamente associados à masculinidade:

“Nas relações de gênero, as diferenças de papéis sociais de homens e mulheres aparecem em dois planos: na afirmação das diferenças de gênero, em que cabe às mulheres maiores interações com o universo doméstico, na mais pura tradição da família brasileira, cada vez mais matrilinear; e a adoção de disposições para agir – reagir – masculinas pelas mulheres, masculinizando certas relações que poderiam ser acobertadas pela suposta e tão somente suposta – delicadeza ou fragilidade feminina. Assim, as jovens não só defendem, como confessam, que brigam, que saem na mão grande e que é esta a forma mais adequada de agir, reagir, porque é assim que as coisas se configuram.” (ESPINHEIRA, 2008 Pagina 238).

E- E a cocaína? Como é sua relação com essa substância?.

V- “a cocaína agente cheira menos vezes, só mesmo quando tem festas....”

E- Que tipo de festa?.

V- “Festa de rua mesmo, quando tem algum trio, ou alguém bota um carro com som...”.

E- E aí vocês cheiram aonde?

V- “Aí a gente vai para algum banheiro, para trás de alguma árvore ou para uma casa abandonada que a gente sabe. Dá ultima vez que a gente cheirou montamos 4 pessoas numa moto e saímos, daí caiu todo mundo, eu me machuquei ó...”

Vanessa mostra a ferida extensa no braço e ombro causada por arranhão no asfalto. A jovem afirmou ainda que existe um grande conflito familiar por conta de seu

comportamento e o que sua família espera dela. A atitude de seu padrasto tem sido rígida, proibitiva, o mesmo já não permite que a jovem saia de casa para outros fins que não a escola e quando esta se aventura a sair leva uma surra bastante intensa. A família demonstra desespero com tal situação e este choque entre o que a família espera de seus filhos e o comportamento dos jovens tem sido uma constante e objeto de grande curiosidade nesta dissertação.

O caso de Vanessa demonstra um uso regulado de maconha onde a jovem apesar de utilizar-se de outras substâncias não apresentava sintomas de compulsão e dependência. O uso da maconha era inserido nos momentos de sociabilidade e tornava-se um elo entre a jovem e suas amigas. Vanessa é um caso de uma jovem testando seus limites, querendo ser popular entre as amigas e se impondo diante de outras garotas. É uma jovem vaidosa e que provavelmente a venda de maconha está relacionada ao desejo de obter recursos para se vestir a seu gosto, ir a festas e se mostrar poderosa. É um caso em que a conduta de “teste de limites”, de badalações ainda sem a devida experiência certamente oferece risco maior do que o uso das drogas em si. É um caso que difere um pouco do de Luciano relatado abaixo em que o jovem apresentou alguns sintomas de compulsão e dependência particularmente com o uso do crack.

O caso de Luciano: a quadra e o campo como lugar de sociabilidade, mas também de uso de psicoativos.

Luciano é um rapaz de 17 anos interno na Casa de Passagem Belém. A aproximação com o jovem se deu de forma gradativa onde inicialmente fui apresentado e observei uma aula de artesanato onde os jovens aprendiam artes feitas com material reciclado. Após a aula me aproximei de Luciano, disse que além de psicólogo estava fazendo uma pesquisa sobre o uso da maconha entre jovens e se eu poderia realizar algumas entrevistas com ele na próxima vez que eu fosse ao centro. O jovem concordou e marcamos nosso encontro.

Durante a entrevista Luciano me contou que sua mãe trabalhava como empregada doméstica e arrumadeira e está atualmente desempregada. Seu pai faleceu por conta de uma crise decorrente de doença mental. A família de Luciano: mãe e irmãos moram num bairro chamado Mangalô, que é distante do centro de Alagoinhas e em um de seus extremos se aproxima da BR101. O bairro é considerado de periferia e com intensa atividade de tráfico de drogas. A história familiar de Luciano me pareceu conhecida e durante a entrevista cheguei a conclusão de que eu já havia atendido sua mãe no CREAS que procurou ajuda justamente por conta do comportamento dos filhos, particularmente o de Luciano que era usuário de drogas e que segundo ela estava sendo ameaçado por traficantes. Expressei isto ao jovem e notei que ele a princípio se sentiu constrangido, mas que depois este fato se tornou um elo entre nós. Segue abaixo alguns trechos da entrevista com o jovem importantes para a análise do tema em questão.

E - O que aconteceu Luciano por que você está aqui?

L – Porque eu estava usando drogas demais.

Já neste começo a entrevista mostra uma atribuição diferente das anteriores onde os jovens afirmavam não ter problemas com drogas. Luciano se situa de forma diversa ao afirmar que o uso de drogas pode ter lhe causado prejuízos.

E- Que tipo de drogas?

L- Crack, maconha e cocaína.

E – Como você começou

L – Quando eu tinha 14 anos me ofereceram aí eu comecei a usar direto, depois de algum tempo acordava de noite já com o pensamento de usar drogas aí comecei nessa vida acordava para fumar e fumava para dormir...

E- você começou pela maconha?

L – Foi pela maconha, depois a cocaína e depois o Crack.

E- Você teve problemas com o uso de drogas

L – Estava usando todo o dia, estava magro, usava todo dia maconha, cocaína e crack. Eu só conseguia dormir e comer se fumasse maconha

E – Chegou a um ponto que você só se alimentava se fumasse maconha?

L- Só comia se fumasse maconha, não tinha jeito!

Este trecho mostra que o jovem atribui uma propriedade curativa ao uso da maconha em relação aos efeitos adversos do uso do crack. A maconha tem para o

sujeito a propriedade de anular em certo grau os efeitos estimulantes do uso do crack. A maconha estimula o apetite e o sono que são dois mecanismos fisiológicos fundamentais para a conservação da saúde do indivíduo.

E- Que diferença de efeitos você sentia no uso destas drogas

L- Assim, a maconha se você fumasse um não dava vontade de fumar mais, você fica beleza, agora o Crack quanto mais você fuma mais você quer ...

E- Em que situações você costumava fumar a maconha?

L - Os caras do campo lá fumavam direto, sempre que eu passava tinha uns caras conversando, dando risadas, as meninas às vezes se chegavam... eu era mais na minha, nunca fui muito de conversar. Depois que comecei a usar maconha colava com essa galera direto e me sentia mais tranquilo, sentia que eu estava fazendo mais amizades e até comecei a ficar mais com as meninas. A gente ouvia som, trocava uma idéia, batia um baba, às vezes a gente ia para outra quadra assistir ao ensaio de uma peça das meninas...

Este trecho da entrevista é revelador do que DAYRELL (2007) denomina como espaços de sociabilidade do jovem de classe pobre. O campo de futebol é sem dúvida um exemplo destes espaços onde os jovens se encontram, conversam, namoram e também utilizam as substâncias psicoativas. O autor atribui grande importância a estes espaços para jovens de classe pobre como pontos que criam possibilidades de novas construções identitárias e de proteção de sua autoestima frente a uma identidade subalterna estigmatizada atribuída a eles pela sociedade em geral. O jovem de classe

pobre na sua diversidade apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o diferenciam e muito das gerações anteriores. Quando se trata de jovens pobres a vinculação à ideia do risco, do hedonismo e da violência é ainda maior, tornando-os uma “classe perigosa”. Diante dessas representações e estigmas, o jovem tende a ser visto na perspectiva da falta, da incompletude, da irresponsabilidade e da desconfiança. É deixado de lado a reflexão de que o jovem pobre de meio urbano possui uma dimensão simbólica e expressiva próprias que se expressam no seu gosto musical, na dança, nas formas próprias de utilização da linguagem e do corpo. Neste sentido o autor utiliza a expressão “territorialidades transitórias” para analisar de que espaços urbanos são reinventados pelos jovens que necessitam de momentos de sociabilidade que expressem sua maneira de viver. Estes territórios se multiplicam para além dos muros das instituições escolares, mas guardam com estas uma relação de abertura e de diálogo.

O que o autor supracitado afirma é que nem sempre as instituições escolares estão abertas ao diálogo em relação à necessidade que os jovens de classe pobre têm em exercer um trabalho intenso de ressignificação da própria identidade diante de grupos de socialização extremamente variados e heterogêneos. O jovem que frequenta o campo de futebol e fuma a maconha muitas vezes é o mesmo que trabalha numa oficina como ajudante, que participa de uma apresentação de música, que ajuda a família na feira nos finais de semana, que é amigo, que tem suas carências afetivas e seus dilemas existenciais e que frequenta a escola. Como a escola tem entendido o tema do uso das substâncias psicoativas por seu público? Estas questões me fizeram pesquisar também a opinião de uma equipe pedagógica e dos alunos de uma instituição escolar sobre a temática do uso de psicoativos por seus alunos. Tema do qual se trata o capítulo seguinte.

O mapeamento dos significados sobre as substâncias psicoativas numa instituição escolar.

Este capítulo versa sobre os discursos dos sujeitos da pesquisa em relação aos seus saberes e práticas com relação às substâncias psicoativas, bem como o discurso dos outros sociais, como familiares e membros da equipe pedagógica das instituições onde estudam sobre as interações destes jovens nestes contextos. Tais saberes e práticas são entendidos de forma contextualizada levando-se em consideração o cotidiano destes jovens e as formas específicas que estes têm de existir e se relacionar com os outros. O desenvolvimento destes saberes e práticas acontecem mediadas por formas comunicativas que envolvem linguagem, comportamentos, corpo e demais formas de expressão.

Discurso01- Entrevista com um aluno usuário regular de maconha de 16 anos e estudante do E.J.A.

- *“Comecei a usar maconha com mais ou menos 14 anos. A galera quase toda de minha rua fuma. Às vezes um sai na rua assoviando e chamando os outros, aí já sabe vamos para um terreno vazio e fumamos ali. Quando dá nos reunimos neste terreno levamos vinho, o baseado e até uma carne pra assar. Alguns levam também seu canhão (revolver – geralmente uma pistola ou 38). As mulheres não se dão quando a gente mete um canhão na cintura. A gente é patrão doutor, nos não vamos atrás das minas não, as minas e que vem atrás de nos”.*

Este trecho indica um uso compartilhado da substância psicoativa, um uso que tem a finalidade principal de lazer e de estreitar laços através de um processo contínuo de sociabilidade. A maconha é encarada predominantemente como um objeto de ligação entre estes jovens, um objeto de transgressão como as armas, um objeto que dá a eles um status e os coloca em certas posições diante do grupo.

“A gente tem um cara que fornece que vem tudo de lá de Salvador, só vê os tijolo chegando embrulhados. O cara é gente boa, nunca ameaçou ninguém, eu comecei a usar indo na casa dele com meu outro amigo, ele dava de graça pra gente e ensinava como tratar a erva e como puxar. No início me senti meio tonto e enjoado acho que eu puxei demais e depois fui me acostumando. Ele sempre nos aconselhou a ficar longe das pedras e só fumar a maconha, ele mostrava as pedras pra gente e falava – ta vendo isso aqui, isso aqui é a miséria não quero ninguém da rua utilizando esta merda, se eu souber que algum de vocês fumou pedra o bicho vai pegar. Pedra é coisa de nóia e nos não queremos nossa rua invadida por nóias.”

Este trecho mostra uma relação de hierarquia e respeito ao fornecedor e conseqüentemente aos membros do grupo que tem acesso mais direto a este. Indica também uma relação de iniciação com um usuário mais experiente e com a companhia de um de seus amigos. Este usuário mais experiente oferece as coordenadas para uma utilização preliminar da maconha. Esta utilização preliminar, segundo o relato, não traz de início grandes *baratos* e sim sintomas adversos como mal estar e enjoô, se configura como uma indicação quase mecânica. O usuário experiente também dá conselhos e regula o perfil de usuário que é permitido na rua sendo taxativo quanto à proibição do uso do crack. Realmente a rua destes jovens não se caracteriza pela presença de usuários de crack, existem dois grandes grupos que geralmente não

se misturam e guardam entre si certas reservas – os jovens usuários de maconha e os adultos usuários intensos de bebidas alcoólicas.

Após a iniciação com os primeiros sintomas adversos e *baratos* o jovem afirma que vai se apropriando do seu uso, ou seja, pessoaliza sua relação com a substância e pode sentir os efeitos de forma mais tranquila e sem pressões. Apesar do estabelecimento de uma forma mais subjetiva de uso, os momentos e sensações decorrentes deste são partilhados como mostra o trecho a seguir:

“depois das primeiras fumadas fomos aprendendo a usar do nosso jeito sem agonia e sem pressa, ai a coisa ficou melhor, meu colega me perguntava se era normal sentir o corpo mais leve e eu disse que era, sei lá cada um tem uma sensação diferente, mas nos sentimos uma mudança na forma de sentir o corpo, na forma de pensar e na forma com que o tempo passa”.

Esta parte indica a apropriação feita pelo usuário de uma forma própria de usar e sentir os efeitos da maconha e o partilhamento destes efeitos com o amigo. Saber se tal efeito é normal ou adverso torna-se fundamental para a condução da experiência.

“Eu fumo com a galera, mas não é sempre não, como diz minha tia – puta só ladrão só, não se deve estar sempre aglomerado. Escondo uns nos tijolos perto de casa e ali mesmo eu pego. Também costumo enrolar meu próprio baseado pra não pegar um misturado com outra coisa como o crack”.

“Quando a gente fuma a gente pega até a manha para não ser pego com o baseado quando aparece a policia. Eu escondo assim na mão (faz um tipo de concha com a mao) ou dou um piteleco e caio fora”.

Discurso02- Entrevista com um aluno de 15 anos que não usa e nunca utilizou nenhum tipo de drogas ilícitas, porém presenciou um caso de uso problemático.

“o cara que usa droga começa a roubar para sustentar aquele vício, não tem jeito, está perdido. Não dá pra ser, por exemplo, aluno e usuário. “Você sabe o que o crack disse para o viciado: “você me acende hoje e eu te apago amanhã”. Passa todo dia aí no “Se Liga Bocão” [programa da rede Record – Bahia que vai ao ar às 12:00h] não sei quem foi preso na festa do pó, aqui em Alagoinhas também está tendo esta festa do pó com um bocado de gente nova”.

O aluno acima expressa uma visão fatalista e excludente do usuário de drogas sabendo que ao seu redor existem colegas usuários e que nem sempre seguem esta sina. Nas observações das interações em sala de aula percebe-se que tal aluno é também deixado de lado e em certa medida estigmatizado como “bobão”, alguns alunos se referiram a ele como “aquele abestalhado que não pega ninguém“. O aluno reproduz um conhecimento que provavelmente não é baseado em experiências diretas com as substâncias psicoativas, mas fruto de discursos que tem como tônica: o medo e a associação das drogas ao fracasso, a morte e a violência. O referido aluno apresenta uma visão estereotipada veiculada através da mídia sensacionalista que ele inclusive menciona no seu discurso.

E continua:

“As drogas são uma coisa destrutiva, um usuário de droga não pensa em estudar, trabalhar, não pensa em fazer nada de bom. Conheci uma menina de 14 que já está viciada, não estuda, não ajuda a mãe em nada. Todo o dinheiro que ela vê ela pega, rouba a família para comprar o pó. A mãe dela já não sabe o que fazer, já foi no conselho tutelar, mas ela não quer saber de ouvir conselho de ninguém. É muito triste ver uma pessoa nesta situação.”

Discurso03- Entrevista com um ex-usuário que experimentou uma grande quantidade de drogas, entrou num quadro de dependência e através de auxílio religioso atualmente não é usuário regular:

“eu acho que tem jeito para o usuário de drogas. Eu fui um e agora estou aqui estudando. Usava todo tipo de drogas e cheguei a ficar pela rua igual a um mendigo. Usei maconha, cocaína e crack e minha família já não aguentava mais. Fui me envolvendo com a droga e quando vi já estava no vício, ficava a maioria das noites pela rua porque é quando rola a droga com mais facilidade. Vendi tudo que era meu e só não vendi as coisas dentro de casa porque meus irmãos não deixaram. Quando fui para o primeiro centro de recuperação foi pior porque os caras usavam lá mesmo você vai para um centro e chega lá tá rolando drogas também!”

Este aluno relata uma trajetória típica de um jovem que apresentou um problema grave com relação às substâncias psicoativas. O que se interpreta deste relato é um uso cada vez mais acentuado e desregulado de substâncias sem o devido amparo social e técnico diante de tal quadro. O jovem relatou um histórico de 06 internamentos em centros de recuperação com recaídas severas quando voltava ao convívio familiar. Relatou também acentuados conflitos familiares que persistem até o momento.

“Meu pai trabalhava como catador de reciclagem, com papelão e outros materiais. Quando chegava em casa era bêbado e batia em todo mundo principalmente em minha mãe, mas eu e meus irmãos também apanhávamos muito. Ele era negro, muito forte e tinha uma mão bem grande. Um dia eu enfrentei ele, ele me espancou e me botou pra fora de casa ai fui pra casa de uma tia que gosta muito de mim e depois passava grande parte do tempo na rua. Um tempo depois minha mãe e irmãos saíram de dentro de casa porque ela já não aguentava mais”

Este trecho mostra de forma explícita a questão social da pobreza e da violência no contexto destes jovens. Eles têm que lidar com a violência interna decorrente de questões familiares e da violência presente no próprio contexto social em que vivem. A rede de apoio social varia imensamente de caso para caso assim como algumas características de cada jovem o que faz com que estes tenham trajetórias bastante diferenciadas. Socialização, sociabilidade e rede de interações sociais formam um tripé essencial na construção de saberes e práticas sobre as substâncias psicoativas e na construção também de práticas que preservem a riqueza das relações sociais do indivíduo.

Discurso04 – Entrevista com o guarda municipal do colégio – “J.” responsável pelo turno da noite. “J” pernoita no colégio.

E- Quanto tempo você trabalha no colégio?

J. – Há aproximadamente 01 ano e 09 meses.

E – Qual a sua impressão geral do colégio? O que você percebe das pessoas que estudam aqui?

J.- “Os do dia, de manhã quando eles estão chegando e eu estou saindo, aparentemente tem muitos de manhã que quer alguma coisa, quer aprender, até pela idade também né? São jovens, até também por causa dos pais que pegam no pé. Mas, os da noite, infelizmente, acredito que só vem pro colégio para bagunçar e usar drogas”.

E.- Me diga porque você pensa assim? Por causa do comportamento deles? O que é que eles fazem? O que faz você pensar desta forma?

J. – “Acho que a pessoa que vem pro colégio... em vez de estar na sala de aula... o professor está na sala de aula e ele está na porta, nos corredores, pra lá e pra cá, está com o som alto então estes realmente não querem nada só tomar a vaga de um que quer alguma coisa, como este ano mesmo veio muita gente aqui atrás de vaga e não encontrou”.*

E - E por que isso? Este colégio é bem conceituado pela população?

J. – “Talvez seja pela localização, transporte fácil para todos os bairros, aqui tem pessoas da cidade inteira”.

E – O que você percebe da situação econômica destes jovens que estudam aqui à noite?

J. – “Boa parte deles passa por dificuldades, a gente percebe, percebe pelas roupas, como eles se vestem, como eles se expressam. Bem poucos tem certa condição, tem dois ou três que têm até moto e não são tão carente assim, mas a maioria dos alunos são carentes mesmo e moram em área perigosa, tem gente aqui que sai mais cedo por causa disso, do perigo do seu bairro.

E – Sobre a questão do uso de drogas você já presenciou alguma coisa, alguma situação ou a fala de algum aluno?

J.- “Ontem mesmo ocorreu um fato aqui no colégio. Pegaram uma pessoa aqui na frente passando droga para alunos aqui dentro. Acontece muito é de a gente passar e sentir o cheiro, no caso da maconha e quando eu vou lá conferir eles saem correndo e aí não tem como identificar, mas que eles usam dentro do colégio usam sim com certeza e não é novidade”

E- E esses alunos que usam? O que é que você pensa sobre eles?

J.- “Creio que eles têm um comportamento um pouco mais agressivo. Ficam mais agressivos, não respeitam professor, os funcionários, dá pra perceber este povo que faz uso”.

E- O que você pensa sobre o aluno que usa drogas?

J. – “Sinceramente não tenho uma opinião formada sobre isso”

E- Estes que usam mantêm isto em segredo não? Não é algo que possa ser debatido...

J. – “Geralmente mantêm em sigilo, mas a gente ouve entre eles – “vou alí fumar um”, mas ninguém fala abertamente que fuma. Esta semana teve um alí falando que era a favor da liberação mesmo, do uso livremente, então se ele não usa, pelo menos deve ter o desejo né?”

**Se refere ao som dos celulares. Ao tempo da entrevista vários jovens passavam realmente com músicas altas oriundas de aparelhos celulares.*

Discurso05 – Fala das professoras, após um momento entre elas para levantar questões, situações e experiências com relação ao uso de substâncias psicoativas por seus alunos e no geral o que elas compreendem sobre o tema:

R. – “Eu sempre vejo nosso alunos aqui como crianças ainda, eu não consigo ver... quando acontece alguma situação, como já ocorreu da gente pegar drogas nas coisas deles eu digo: que nada! É nada não! são esses meninos brincando, esses meninos procurando estória, quando pegamos uma trouxinha de maconha, eu disse isto é mato minha gente é mato e o pior é que quando os autores da estória foram aparecendo eu pensei “essa pessoa não que é isso é muito difícil”.

C. – “É por isso que a gente entende como muitas vezes as mães não querem acreditar que seus filhos estão envolvidos com isso. É difícil acreditar, lidar com a situação, saber até onde você pode ir, até onde

“você está se envolvendo, eu não me sinto preparada para lidar com este tipo de problema”.

E.- Além da questão da preparação para lidar com possíveis situações que envolvem o uso de drogas que mais vocês podem falar sobre isto?

S. – “Principalmente a gente que tem filho, o tema fica muito emocional porque a gente pensa –“o que meu filho também não deve estar fazendo?.”

C. – “E o medo, hoje em dia a gente tem medo de tudo relacionado a aluno. Que providências a gente tem que tomar? Chamar os pais? A gente chama os pais e aí? Aí de repente aquele aluno já fica com raiva porque foi a diretora da escola que foi dizer a mãe dele que ele estava usando. E aí ela fica correndo perigo lá fora. Então hoje a gente sempre diz: nossa profissão é uma profissão de risco porque a gente lida com meninos que estão na condicional, quer dizer a justiça joga pra gente um papel que é dela e não dá nenhum apoio a gente aqui. A gente faz o trabalho de mãe, o trabalho da família, o trabalho da justiça, o nosso trabalho, a escola está com uma carga muito grande nas costas.

S. “eu nunca passei por uma situação com drogas aqui não, mas em minhas aulas eu sempre aproveito algum texto, algum tema para discutir, aí eu sempre coloco assim este assunto a questão da violência, das drogas e eles sempre falam, porque todos eles moram

em bairros assim muito perigosos inclusive com toque de recolhida, mas eles dizem assim: “ que nada professora isso é barril, isso não é pra mim não, eu vejo meus colegas e amigos morrendo por causa disso”. Eu me pego muito no papel da mãe, dando conselhos...”

E. –Para dar estes conselhos que fonte você usa mais – leituras...meios de comunicação?

S. “Tudo! Até de minha experiência familiar. Eu tinha um sobrinho viciado que morava com minha mãe e sei que é difícil! Não sai! Ele já foi para um centro de recuperação passou oito meses quando saiu frequentou a igreja, mas tentando enganar e mostrar pra todo mundo que está bom, tem dois filhos, eu tenho pena das duas crianças porque ele não vai sair, então geralmente meu conhecimento vem das leituras, dos meios de comunicação, do dia-a-dia, da convivência. Tem programas como o Globo Reporter que mostrou a crackolância em São Paulo, né? Então alguns mostram a realidade mesmo e tem outros da Record que mostram aí todo dia adolescentes morrendo por causa de drogas. Estes programas mostram as coisa muito violentas como por exemplo: como era o nome daquela adolescente que morreu...?”

R. “Kelly Cyclone”

S. “Pois é, eles endeusaram aquela menina...”

E – Os alunos de vocês se parecem com Kelly Ciclone?

R. *“Alguns tem este perfil sim, inclusive já ouvi as meninas dizendo-
“olha meu namorado é bandido, é bonito ser mulher de bandido”,
então elas se relacionam mesmo com os chamados de “mala-suja”
que é aquele cara que só se veste de roupas de marca extravagante e
é geralmente perigoso. Mas, com relação à roupa só não é pior
porque a gente não deixa, eles gostam de usar roupas de marca como
Cyclone e outras que não me lembro além de piercings, tatuagens...”*

C. *“Mas a condição financeira dos meninos não permite...”*

S. *“Quem disse”? Que nada! Não é condição financeira, é estilo! As
meninas, se deixar elas querem cortar a farda e aparecer no colégio
de umbigo de fora! Tem passado uma menina aí na novela aí que elas
querem imitar mesmo...”*

E.- *Quem é esta personagem?*

S. – *É a que passa em “Avenida Brasil” que toda hora quer tirar a
roupa...*

R. – *“Suelen!”*

S.- *“é Suelen, só vive de sutiã e chortinho... então é isso aí tudo que
passa na mídia as adolescentes querem imitar... o perigo da novela é
isso aí...como eles não tem uma opinião formada... o perigo é isso
aí...elea vêem isso como algo bonito algo que vai deixar elas
gostosas para os meninos olharem. Tem uma aluna mesmo...
Brigite que o rendimento dela na escola caiu quando ela começou a
namorar um menino assim “mala-suja” e a gente chamava ela,*

conversava, mas tinha ora que a gente tinha medo de chamar ela e ele ficar com raiva...eu sempre dizia a ela oh menina você é tão bonitinha, tão inteligente tem que namorar um cara que te coloque pra frente e não que piore sua situação...”

A escola é considerada pelos jovens pesquisados como um lugar de encontro, “troca de idéias” e socialização de forma geral, porém a equipe pedagógica formal tenta artificializar este espaço tornando-o asséptico às questões pessoais e grupais que se referem à cultura ou subcultura de cada um. Esta assepsia tem seu preço, pois em nome da eficácia pedagógica se extrai as possibilidades de diálogo e de construção de interesses coletivos. As entrevistas com os jovens e as concepções da equipe pedagógica sobre os mesmos incitam a análise sobre o perfil social desta juventude. De onde são provenientes estes jovens? Quais os elementos de sua sociabilidade que os caracteriza? Estas questões me fizeram tecer algumas considerações sobre as características sociais dos jovens pesquisados que são colocadas no capítulo a seguir.

Algumas considerações sobre o lugar social, estilo de vida e a sociabilidade dos jovens desta pesquisa.

Os jovens que fazem parte do universo pesquisado são em sua maioria oriundos de famílias com baixo poder aquisitivo, que residem em bairros pouco valorizados do município. Nestes bairros existem atividades constantes de comércio de substâncias psicoativas e locais escondidos onde usuários regulares fazem uso. Entre as famílias que habitam nestes bairros existe um padrão tradicional de autoridade e gênero como descreve SARTI (2011) sobre a moral da família pobre no Brasil. Neste padrão tradicional das famílias dos adolescentes em questão é comum a persistência de papéis reificados de gênero atribuindo à mulher um lugar de subalternidade ligado a um ideal patriarcalista. Ainda que nestas famílias as mulheres sejam as principais mantenedoras do lar, por conta de separações ou desemprego dos companheiros, o ideal de sacrifício e resignação faz-se bastante presente. Ressaltar este aspecto da vida psíquica destas mulheres é de fundamental importância, pois o ideal de sacrifício e redenção através do trabalho muitas vezes entra em choque direto com as aspirações mais imediatas dos jovens que estão sobre sua tutela. Estes não aceitam de imediato uma imersão total num ideal disciplinar e muitas vezes reagem a isto com o uso de substâncias psicoativas, sendo a maconha a mais utilizada.

O Caso de Libório ilustra bem o perfil deste tipo de família de origem pobre. Jovem de 19 anos reside na casa com seu pai e sua mãe. Em entrevista com sua mãe no CREAS esta afirma:

Ana - *“Gostaria que meu filho fosse honesto e trabalhador, que procurasse uma firma para trabalhar, ele trabalha, mas não dá valor, ele bebe muito compra 1 litro de pitú e bebe toda com 2 amigos.*

E- *Além da bebida ele está usando alguma outra substância?*

Ana – *“Maconha com certeza porque eu já peguei nas coisas dele e também porque ele só anda com o pessoal da rua que todo mundo sabe que fuma”*

E- *“Na rua de vocês, como é o tratamento das pessoas com seu filho e os amigos dele?”*

Ana – *“Na rua que a gente mora as pessoas o chamam de mala suja, maconheiro, porque mala suja é o maconheiro mesmo, preguiçoso e esfarrapado.” Sempre desconfiei que ele usava pelas amizades se ele anda junto com quem usa, claro que usa também! Já passamos por um sufoco porque ele tava devendo e chegarara em minha casa para cobrar, procurei minhas pernas e não ache. Eu como mãe não me sinto bem, ele está me matando aos poucos, eu sinto medo.*

E- *como foi a criação dele?*

Ana - *eu nunca andei me estapeando com o pai dele porque isso influencia né? acho que foi o que tinha que ocorrer, as maus amizades. Criei ele com dificuldade, faltava alimentação, ele já passou fome, os vizinhos é que nos ajudávamos, faltava comida, faltava roupa e com 15 anos começou a gostar de roupas de marca. Só falava em roupa de marca no colégio via os colegas usando aí eu*

ficava com medo de ele querer , não ter e ir roubar porque uma bermuda de marca é 100 cento e tantos reais. Ele trabalha hoje ajudando pedreiro, cava fossa, acorda 10, 11 horas. Quando saí de casa não tem a preocupação em avisar ao pai a mãe. Falo para ele: a vida das drogas é um terror, olhe quantos já apareceram mortos, a vida é uma só, mas ele não é de conversar muito.

Segundo os discursos dos jovens a maconha os transporta para uma realidade mais amena, onde os imperativos vindos da sociedade e da família perdem um pouco o seu peso:

“Quando fumo um fininho fico com a mente leve, entoco ele no quintal e fumo lá mesmo sozinho, quando volto para casa a coroa fica azuando e fala “bonito heim este olho vermelho! tá certo isso?...” a coroa fala tanto parece uma matraca daí eu entro e não tô nem aí vou dormir ou ouvir um som” Carlos., 16 anos.

Este caso de Carlos é um caso muito interessante, pois contradiz quase tudo o que se diz da relação juventude X uso de maconha. Depois que aprendeu a usar a substância o jovem tornou-se mais sociável, menos agressivo e por incrível que pareça seu rendimento escolar nunca esteve tão bem. Ele descreve com detalhes seu uso antes e depois de ir para a escola e afirma que a substância o possibilita a ter reflexões mais profundas – “fico viajando no que a professora diz e tenho vários pensamentos interessantes”. Seu discurso pôde ser verificado no meio escolar como sendo verdadeiro, contrariando a afirmação padronizada de que a maconha incide de forma linear, causando prejuízos na memória e nos processos cognitivos.

Outro aspecto destas famílias das quais estes jovens estão inseridos é a predominância de relações que ultrapassam a filiação biológica (SARTI, 2003). Esta outra lógica não se restringe a estrutura de uma família nuclear e não tem nas relações consanguíneas sua principal fonte de união. Muitos destes adolescentes são criados por tios, tias ou outra pessoa conhecida dos pais biológicos e estabelecem com estes relações de filiação baseados na confiança. Portanto, a idéia de “confiança” como parâmetro que norteia as relações sociais se faz de suma importância. A “confiança” é o elo que contribui para a manutenção de relações de filiação, compadrio e de amizade de uma forma geral. A confiança engendra um padrão de controle informal, de controle societal que se estende para diversos aspectos da vida comunitária inclusive com relação ao controle do uso de substâncias psicoativas (TRAD, 2009). Não pode haver confiança onde ocorrem pequenos furtos ou alianças com pessoas marginalizadas, daí as famílias de uma mesma localidade constroem um sistema de vigilância e de interação com os jovens usuários de substâncias psicoativas.

Em quase todas as famílias dos jovens pesquisados, ao se identificar que este teve contato com alguma substância psicoativa instala-se um conflito. Da parte da família este conflito é estimulado pelas informações ameaçadoras sobre as substâncias psicoativas advindas da grande mídia, da escola ou dos grupos com os quais estes membros familiares interagem. Existe também o medo das famílias pelo perigo com relação ao lugar que as drogas ocupam na periferia por fazerem parte de uma economia marginal que movimenta grandes montas de recursos e cobra seu preço pela clandestinidade de seu comércio muitas vezes com o uso da violência. Este fenômeno da clandestinidade e criminalidade em torno do consumo e comercialização das substâncias psicoativas é também função do proibicionismo que tem efeitos ainda mais acentuados em espaços socialmente marginalizados.

A família passa então a exercer uma vigilância e um controle mais acentuado sobre este indivíduo que reage exacerbando e afirmando algumas facetas de sua identidade e de seu comportamento. A construção identitária destes adolescentes é então posta em movimento num jogo de contraposições entre grupos familiares e escolares e de identificações com novas parcerias que se estabelecem. Tais contraposições se aproximam do que SARTI (2011, p. 114) denomina como a lógica de contrastes como operante na construção das identidades sociais. Inicialmente tal lógica fora identificada nos estudos étnicos como afirma a autora:

“A analogia com os grupos étnicos faz sentido para ressaltar o caráter dinâmico das identidades sociais, definidas (e redefinidas) em função das relações a que os indivíduos estão expostos. Os estudos sobre identidades étnicas, para além de sua especificidade, demonstram como o caráter “contrastivo” e relacional na definição do “nós” – por oposição aos “outros” – está na base da própria construção (e preservação) de identidades sociais. Sobre essa base estrutural – que define pares de oposições – estabelece-se uma dinâmica que recria identidades sociais, sem necessariamente esfacelar o sentido do grupo, reelaborado por seus membros precisamente para responder às novas situações com que se defrontam.”

Este movimento de construção e reconstrução identitária engendra a procura por experiências, saberes e práticas que até então não se tinha acesso. E estes saberes e práticas são adquiridos num processo ativo de interações sociais com seus pares – amigos ocasionais ou que mantenham com o sujeito um laço afetivo mais próximo. Desta forma os saberes e práticas destes adolescentes estão ligados de forma intrínseca com as questões identitárias, com a afetividade e com a configuração que seu contexto

cultural se apresenta. A configuração cultural e a dinâmica complexa das interações sociais advindas desta impele o sujeito a assumir certas estratégias, “fachadas” e padrões para lidar com possíveis sanções sociais como afirma a teoria interacionista de GOFFMAN (2009).

As duas categorias citadas acima: identidade e afetividade encontram segundo LE BRETON (2003, p. 39) no corpo seu ponto de ancoragem. Ao discorrer sobre as marcas corporais particularmente feitas por adolescentes o autor retoma a idéia de um corpo maleável, de uma forma sempre provisória da “presença fractal própria”:

“O signo tegumentar é, a partir de então, uma maneira de escrever metaforicamente na carne os momentos-chave da existência: uma relação amorosa, uma convivência de amizade ou política, uma mudança de status, uma lembrança em forma ostentatória ou discreta, na medida em que seu significado permanece muitas vezes enigmático aos olhos dos outros e o lugar mais ou menos acessível a seu olhar na vida cotidiana. Ele é memória de um acontecimento forte, da superação pessoal de uma passagem na existência da qual o indivíduo pretende conservar uma lembrança. Uma reivindicação de identidade que faz do corpo uma escrita com relação aos outros, uma forma de proteção simbólica contra a adversidade, uma superfície protetora contra a incerteza do mundo. A marca tegumentar ou a jóia do piercing também são modos de filiação a uma comunidade flutuante, muitas vezes com uma cumplicidade que se estabelece de imediato entre aqueles que a partilham. Inscrevem-se também como atributos de um estilo mais amplo que assinala a adesão a uma comunidade

urbana particular. Rito pessoal para mudar a si mesmo mudando a forma do corpo. O indivíduo manipula as referências, as tradições e constrói um sincretismo que se ignora – a experiência da marca torna-se, então, uma experiência espiritual, um rito íntimo de passagem.”

Este corpo dos jovens aberto a novas inscrições e signos que participam do complexo sistema de trocas simbólicas e de interpretação destas traz a marca de suas transformações identitárias e da sua inserção em grupos. Embora estas marcas não sejam fixas elas podem em algumas ocasiões serem definidoras de uma personagem social tipificado. Como exemplo de uma destas personagens destaca-se na cultura baiana a figura do “brau” (PINHO, 2005). Segundo o autor esta figura social porta a história de luta da população negra na Bahia contra a hegemonia branca num contexto mais atual de reafrikanização, ou nas palavras do autor:

“O brau que não apenas desafia a norma estética, mas também o cânone da cultura negra tradicional põe em cena novas contradições de raça e gênero incorporadas no desconforto que sua presença significa para a norma hegemônica sustentada pelas classes médias brancas.” (PINHO, 2005, p. 130).

Este retrato do brau tecido pelo autor coincide em muitos aspectos com os jovens sujeitos desta pesquisa particularmente no que o autor destaca acima “...desconforto que sua presença significa para a norma hegemônica sustentada pelas classes médias brancas.” Os jovens pesquisados são em sua maioria negros oriundos de camadas economicamente menos privilegiadas e que também causam desconforto aos mais adaptados socialmente. São jovens que desde a vestimenta até as formas de

expressão veiculam uma forma própria de construção identitária. Tal construção é um verdadeiro mosaico, pois reúne elementos de grupos bem distintos como surfistas, skatistas, rappers, cowboys e elementos também da cultura interiorana pobre da qual estes jovens são originários. Um aspecto é corriqueiro na interação destes jovens com seus pares sociais: uma fácil e instantânea identificação destes pelos demais membros de suas comunidades. A cultura comunitária local cunha até outras denominações para identificá-los como é o caso da expressão “mala-suja” como uma alternativa para a palavra “brau” atualmente quase extinta neste nicho popular. Está implícito nesta denominação “mala-suja” uma dimensão de periculosidade e atenção por parte dos outros. O “mala-suja” é um sujeito potencialmente corrompido e corruptor que certamente trará más influências aos demais. Se a filha de alguma família “direita” namora com um “mala-suja” certamente isto é motivo de muita preocupação.

Estes jovens denominados como “mala-sujas” recebem tal rótulo como uma forma estigmatizada de interação social. Apesar de compartilharem entre si muitas características comuns e se assemelharem ao conjunto das “tribos urbanas”, não sei nesta etapa da pesquisa se poderia dizer que tais jovens compõem uma tribo urbana. As características comuns dizem respeito ao que CASTRO (1998) enfatiza como sendo característico das tribos:

“Nas entrevistas que realizamos pudemos observar a utilização que os jovens fazem do corpo, da aparência, demarcando o pertencimento às tribos. A possibilidade de pertencer a um grupo, de se identificar com os elementos deste, faz uso do corpo num jogo de simbolismo e de imagens. Essas características parecem fazer verdadeiros enquadramentos dos sujeitos e de suas relações, uma vez que pertencer a um grupo significa vestir-se de determinada maneira, compartilhar interesses, lugares comuns, consumir de forma semelhante.” (CASTRO, 1998, p. 117).

O estilo do vestuário é muito peculiar aos jovens da pesquisa, estes têm uma denominação própria para seu traje: “pala”. A “pala” se define como um conjunto de peças de vestuário, em sua maioria um mistura de artigos advindos de marcas esportivas com artigos próprios de surfistas. A “pala” é essencial para a identificação destes sujeitos, como afirma M:

“Posso até tomar jeito, não procurar mais confusão e deixar de brigar, mas deixar de usar minha pala, deixar de ser paloso, aí não dá nunca...” M. 15 anos.

Ser “paloso”, ou seja, utilizar a “pala” significa então mais do que simplesmente utilizar-se de determinadas peças de vestuário, mas ter uma atitude que compõe além da roupa: formas específicas de linguagem (na maioria das vezes gírias), formas de andar (a ginga ao andar), formas de cumprimentar o outro, formas específicas de se safar de situações adversas, formas próprias de julgar o comportamento de outros jovens e formas de lidar com as substâncias psicoativas e com a reprovação social e coerção de agentes da lei. Como afirma ALMEIDA (2006, p. 141)

“Gestos e movimentos corporais, o uso emblemático de adornos e adereços corporais, tatuagens, tipos de roupas, formas de olhar, interjeições verbais, acenos, emissões coletivas de sons, afasias, modos de dançar – estas são formas de expressão de uma estética comunicacional que é corporal e situada.”

É no corpo que se inscrevem as marcas socioculturais que estabelecem o lugar social destes jovens, bem como as insígnias de seus estilos de vida e os possíveis efeitos das substâncias psicoativas. Um dos autores fundamentais desta reflexão foi o já citado David Le Breton. Segundo o autor

“O indivíduo habita seu corpo em consonância com as orientações sociais e culturais que se impõem, mas ele as remaneja de acordo com seu temperamento e história pessoais.” (LE BRETON, 2009) Página 41.

Neste trecho o autor aponta para a tênue relação entre indivíduo e sociedade e coloca no corpo não só o palco de expressão de um determinado segmento social, mas também a forma própria de sentir, de afetar e ser afetado de mostrar através de adereços, mas também de gestos a posição destes jovens no mundo. Posição de humilhação, de insubordinação, de carência, de ódio, de apaixonamento e de criatividade. Uma massa indiferenciada de intensidades, semelhante à dinâmica do “Corpo Sem Órgãos” conceito elaborado por Antonin Artaud. O Corpo sem Órgãos é um corpo completamente atravessado pela experiência e pela vivência e gerado por estados próprios de percepção e consciência (ARTAUD, 1975). É uma experiência onde o sujeito coloca em parênteses o seu eu demarcado e pode sentir as coisas de outras perspectivas, inclusive da perspectiva mágica, muito semelhante a alguns estados de consciência gerados pelas substâncias psicoativas.

Dois casos em que o discurso proibicionista e as concepções pautadas no preconceito encontram seus limites: os casos de Romildo e Gilberto.

O objetivo em intercalar estas duas entrevistas e suas análises neste ponto da dissertação foi o de expor dois casos que fazem contraponto com a idéia comumente difundida de que necessariamente o uso de drogas conduz a um caos existencial e social.

O caso de Romildo – Nem sempre as drogas conduzem à “cadeia ou ao caixão”.

Romildo é um jovem que ao tempo das entrevistas tinha 18 anos. Foi usuário de maconha, cocaína, Crack e bebida alcóolica. Está saindo do centro de recuperação após um ano e três meses onde permanecia no centro de dia e estudava a noite. Estava orgulhoso em estar concluindo o ensino médio e entusiasmado com suas novas possibilidades de vida. Romildo morava em uma localidade chamada de Irmã Dulce que é muito conhecida pelo tráfico de drogas e ocorrências policiais, mas agora afirma que quer ir para Camaçari tentar a vida lá. A localidade da Irmã Dulce é conhecida por apresentar uma disputa territorial com a localidade denominada de 16 que por sua vez disputa territórios também com o pessoal do Pingurute, é comum a briga de gangues destas localidades muitas culminando na morte de jovens. Passemos agora a entrevista

que realizei com este jovem reveladora de várias das questões que temos tratado neste trabalho.

E- Como está sua vida atualmente, você está frequentando a escola?

Mesmo nas drogas eu sempre estudei e estou concluindo nesta sexta feira agora.

E-Parabéns, que conquista! E agora o que você está pensando em fazer?

R- Estou querendo trabalhar no ramo de construção e depois fazer um curso de solda, de soldagem...

E- Como te expliquei estou fazendo um trabalho sobre juventude, educação e drogas e gostaria de saber de você como foi sua relação com estas substâncias, o que você usava, como este uso se encaixou na sua vida... enfim fique livre para me contar e eu irei fazendo novas perguntas durante a entrevista...

R- Eu comecei a usar drogas com treze anos, a primeira vez que usei foi no colégio e comecei com a cocaína...

E- Já direto?

Este trecho é muito significativo para o estudo na área do uso de psicoativos, pois é uma exceção à teoria da escalada das drogas. Esta teoria defendida usualmente por autores de áreas organicistas postula que o dependente de drogas inicia seu uso com drogas leves e com o tempo passa a utilizar-se de substâncias mais aditivas. A teoria da escalada ou da porta de entrada (*gateway model*) é um dos modelos que mais se

popularizou e ganhou destaque, tanto entre o público leigo, quanto entre os especialistas. O modelo foi introduzido por KANDEL (1975), a partir de suas observações com alunos do ensino médio na cidade de Nova Iorque. Na época, detectou que cerca de um quarto daqueles que experimentavam cumulativamente álcool, cigarro e maconha evoluíam para o consumo de outras drogas. Este raciocínio divulgou a ideia de que a maconha seria a droga ilícita responsável pela entrada dos sujeitos no mundo das drogas, seria, portanto a “porta de entrada” da dependência. O caso de Romildo contradiz esta teoria e sugere que a substância psicoativa escolhida pelo sujeito para início de seu percurso no uso de drogas pode ser função de um conjunto de fatores contextuais e pessoais mais do que simplesmente pelas características psicofarmacológicas de determinada substância.

R- É comecei com a cocaína, depois da cocaína comecei a usar a maconha...

E- Você usava as duas juntas?

R- Usava, mas no começo não no mesmo dia, meus colegas chamam assim: “batizar”, fiquei usando a maconha e a cocaína por dois anos e depois comecei a usar o Crack. Não fazia mais efeito a maconha e a cocaína aí fui para o Crack. Vi que a “lombra” era maior, o efeito... então comecei a usar, não continuamente, porque eu tinha um emprego...trabalhava, nunca cheguei a roubar para usar o Crack não...com o tempo eu comecei a vender cocaína e a utilizar mais o Crack.

E- Quando você começou a usar, particularmente a maconha, você sentiu algum efeito logo imediatamente?

R – A maconha... quem nunca usou, quem começa a usar não sabe como é que usa, as vezes pensam que é igual cigarro, fumou, tragou... mas só isso não lombra, mas com o passar do tempo eu fui aprendendo a fumar, tragar e prensar...

E – Prensar?

R – É prensar tapando o nariz... prendendo a respiração e depois de várias prensas é que batia a lombra mesmo.

E- E como foi este aprendizado? Foi com amigos? Eles lhe diziam o que fazer? O que você sentia? Como era essa “lombra”?

R- Eu quando comecei a usar, comecei com pessoas diferentes, com amigos, conhecidos. Num dia era um que comprava no outro eram outros e fumando com eles alí eu pegava o jeito deles fumarem o jeito deles prensarem aí eu comecei a aprender e continuei... A maconha é a única droga que não faz a pessoa ficar irada, não dá vontade de brigar, assaltar, a maconha geralmente dá fome, a “larica” a pessoa só pensa em comer, comer, ... eu ficava tranquilo, dava risada, é uma droga que faz a pessoa ficar assim tranquilo, lento demais e muito brincalhão também só dava vontade de dar risada

E – Nestes primeiros momento como você relaciona o uso da maconha com os estudos? Interferiu em alguma coisa?

R – O uso não me tirou do colégio, eu sempre ia pra sala ficava muito doido na sala e as vezes até dava vontade de estudar mesmo...por incrível que pareça dava vontade de estudar...

E – Dava vontade de estudar? Por que?

R- Como eu falei a maconha deixa a pessoa tranquila demais e dava vontade de ficar quieto ali na sala eu ficava mais atento, mais ligado no assunto que a professora estava ensinando, ficava viajando, não ficava pensando em casa, na família, nos colegas, às vezes esquecia tudo e ficava viajando, quando a pessoa fica tranquila assim não dava vontade de filar aula, ficar pela rua andando de um lado para o outro...

Este trecho indica um nítido paradoxo entre as propriedades psicofarmacológicas da *cannabis* tradicionalmente elencadas pelas ciências biomédicas e de como estes efeitos são manifestos em um sujeito concreto que vive em determinado contexto social. O uso da maconha neste caso incentivou o jovem a estudar e este fato não necessita ser generalizado, ou seja, nem todo uso de maconha incentivará alguém a estudar, porém o contrário também é verdadeiro, nem todo uso da maconha lançará o sujeito numa crise amotivacional onde este permaneça em estado letárgico e improdutivo.

E – E você captava o que a professora estava dizendo? Entendia? Processava? Participava? Fazia perguntas?

R- Na maioria das vezes eu entendia e participava e o uso da maconha não me atrapalhava, só quando eu fumava muito, quatro ou cinco é que ficava doido demais e dava vontade de só ficar quieto ali,

às vezes dava vontade de dormir, mas quando eu fumava só um ou dois ficava atento e dialogando com as pessoas com a professora.

Este trecho da entrevista de Romildo é muito significativo, pois coloca diretamente a questão da possibilidade do desempenho de papel de usuário de maconha com todos os efeitos possíveis desta substância psicoativa com o desempenho do papel de aluno. Esta discussão está no cerne desta dissertação, pois como se discutirá mais adiante na análise das concepções sobre os usuários de psicoativos por uma equipe pedagógica de uma instituição de ensino local, o papel de usuário está em completa disjunção com o papel de aluno. Ou o jovem é aluno ou usuário de maconha nas concepções que prevalecem hoje nas instituições educacionais, o próprio termo “aluno” já traz historicamente a ideia de um sujeito passivo e acrítico. Os dados e as interpretações que realizei durante esta pesquisa mostram o contrário, de que o papel de usuário de substâncias psicoativas tem convivido ativamente com o papel de aluno.

O caso de Gilberto: “*Quando o cara fuma maconha o que o cara parar pra pensar o cara pensa*”.

No primeiro momento da entrevista houve apresentação mútua e a explicação de que a entrevista seria feita com o propósito de coletar dados para uma dissertação de mestrado. Foi importante nos primeiros contatos que eu me apresentasse como psicólogo sem nenhuma relação com o sistema policial ou judiciário para facilitar o estabelecimento de uma relação de confiança. O jovem logo entrou numa relação empática comigo e se mostrou disponível para relatar alguns aspectos de sua história de vida que tivesse relação com o uso de substâncias psicoativas.

Gilberto de 17 anos interno da Casa de Passagem Belém já utilizou e comercializou as drogas ilícitas mais comuns presentes em seu contexto que são a maconha, cocaína e crack. Sua mãe trabalha como empregada doméstica sem seus direitos de funcionária garantidos e tem 04 filhos de pais distintos, seu pai nunca ofereceu suporte afetivo nem material para a criação do jovem. A estrutura física da casa onde esta mãe reside é precária, existem rachaduras nas paredes, não há proteção adequada em épocas de chuva, não há sanitários internos. O bairro onde esta família está inserida chama-se Pingurute e é comum estar escrito nos comprovantes de conta de luz da Coelba a denominação de: Favela como se o bairro se chamasse Favela. A denominação é tão comum que os moradores já a utilizam como nome alternativo do bairro. A casa do adolescente fica situada em frente a um “bar” conhecido como ponto de venda de drogas. A luta pela sobrevivência é diária e tem dias em que esta senhora não disponibiliza alimentação adequada a seus filhos. Um de seus filhos porta arma

costumeiramente e o entrevistado eventualmente. Passemos agora a entrevista que realizei com este jovem reveladora de várias das questões que temos tratado neste trabalho.

E- Me fale sobre a sua relação com as drogas

G- Eu tinha um colega na escola que estudava comigo agente morava no mesmo bairro e vendia drogas na escola. Eu botava de baixo da língua, porque eu vendia o Crack, botava 06 a 08 pedras debaixo da língua e ficava lá...falava com quem eu sabia que usava e se quisesse comprar, comprava.

E- Você só vendia o Crack?

G- É vendia o Crack por causa do volume, porque o Crack é pequeno e tem como esconder mais fácil, agora a maconha é volume demais para se vender assim nas escolas. O Crack hoje é vendido mais do que qualquer droga em qualquer lugar por isso que eu já disse pelo volume.

E – E você enquanto usuário como foi sua experiência?

G- Eu comecei pela maconha, uma vez eu sentado num bar com 14 anos mais ou menos bebendo com uns amigos aí chegou um cara e perguntou: “E ai velho você curte?” Eu falei curto! Então vamos ali .. Aí eu fui e foi a primeira vez que eu fumei daí eu fumei e da outra vez um amigo já me ofereceu e eu falei vamos, já tinha experimentado.... e o ano passado era todo dia, todo dia mesmo, toda hora..

E- Que você fumava maconha?

G- Sim, eu fumava maconha todo dia, acordava cinco horas da manhã e já fumava...

E- Você dormia bem? Ficava acordando de noite?

G- Às vezes, mas não pelo fumo da maconha, porque a droga que não deixa o cara dormir é a cocaína.

E- Certo, e das primeiras vezes que você fumou como foi?

G- Quando eu fumei com este cara aí quando eu estava bebendo, quando eu terminei de fumar que sentei na cadeira parecia que o mundo estava rodando o cara me ofereceu outro copo de cerveja e eu falei não meu velho não vou beber mais não, parecia que o mundo estava rodando mesmo, eu sentado na cadeira e mundo só rodando. Aí a segunda vez que eu fumei, eu tinha chegado de viagem encontrei um colega na rua e ele me perguntou: “Tá fazendo o quê aqui, um bora pegar um chá? E eu falei “bora”, fumei e senti a mesma coisa, senti o mundo rodar e aí fiquei meio agoniado e enjoado com vontade de vomitar...mas depois desta vez fumando direto comecei a me acostumar...

E- E seu amigo falou alguma coisa para você?

G- Falou “não é normal o cara ficar tonto das primeiras vezes, é normal!” aí me aconselhou a fumar um cigarro branco que aumenta ainda mais a sensação que a pessoa está sentindo e me aconselharam

a fumar pra aumentar mais a sensação da droga aí eu fui e fumei e aí aumentou mais a sensação fiquei ainda mais tonto. Aí a partir da terceira vez eu já acostumei até chegar a um ponto que se eu não fumasse eu ficava estressado.

E- Nesta terceira vez em diante como foi?

G- Da terceira vez eu fumei e senti que parecia que eu estava leve, flutuando, senti de outro jeito sem ficar agoniado, fiquei só sentado e viajando, parecia que eu estava dentro de mim, mas minha mente estava voando lá...

E- Estava voando aonde você lembrou de alguma coisa? Você pensou em quê nessa hora?

G – Quando o cara fuma maconha o que o cara parar pra pensar o cara pensa alí, se o cara disser vou pensar que eu estou rico, o cara fica alí parado achando que está rico...

E- É como se uma ideia ganhasse relevância, é como se o cara fosse desenvolvendo aquela idéia ou fantasia?

G- É e parece que o cara está vivendo ela, o cara não se mexendo, o cara parado, mas parece que está vendo aquilo que está pensando se o cara se concentrar chega até a dormir só pensando...

Neste ponto da entrevista é importante mais uma vez a discussão sobre as possibilidades do uso da maconha e o desempenho de outras atividades sociais, particularmente as de ensino e aprendizagem. Não estou afirmando que qualquer uso da

substância psicoativa pode proporcionar uma condição favorável para a aprendizagem, porém, se este uso estiver circunscrito em um contexto (Setting) propício, ou seja, um ambiente de alegria, descontração, reflexão e sociabilidade positiva e se este uso favorecer a expressão de características idiossincráticas adaptativas (Set) pode haver sim grandes possibilidades de que o uso da maconha auxilie em determinados aspectos educacionais. É de grande importância relativizar a ideia de que o uso de psicoativos tem efeitos contrários na realização de atividades sociais cotidianas, neste sentido vale a análise dos autores:

“Vimos que, uma vez criada certa familiaridade com a maconha, o usuário aprende a controlar seus efeitos ou, então, a programar seu uso de tal forma que não venha a ter consequências negativas sobre suas atividades cotidianas” (MACRAE e SIMÕES, 2004. Página 85).

E- O pensamento vai e volta...

G- O cara que começa a fumar maconha, qualquer mãe pode reparar isso, se chegar em casa começar a fumar de mais, já sabe que está fumando...

E- Você sentia muita fome?

G- Dá muita fome.

E- E depois como se desenvolveu suas experiências?

G- Eu trabalhava na oficina, então de dia eu não fumava, fumava de noite quando eu chegava...aí já tinha os caras me esperando pra

quando eu chegasse de noite eu fumar... aí com o tempo nessa história de fumar quatro cinco baseados numa noite

E- Você sozinho?

G- Eu e mais uns três rapaz

E- Aí passei a fumar todo dia, vi que já estava viciado e passei a vender o Crack junto com um colega que eu tinha que vendia maconha. Nesse tempo tinha vezes que só eu e ele fumava 08 baseados de uma vez só...

E- De uma vez só? E aí como era isso?

G- Tinha vez que eu nem conseguia levantar, ficava lá jogado, Como é que levanta lombrado demais? ficava viajando sentado

E- Vocês ficavam aonde?

G- No mato, nós saía pra uma casa que tinha lá abandonada, descia e ficava ali... aí depois de muito tempo nesta vida traficando vendendo pedra, depois o cara me ofereceu maconha pra vender, aceitei aí vendi, passei um tempo vendendo...

E- Você vendia que quantidade mais ou menos

G- Duzentas gramas, meio quilo..., fazia as balinhas e vendia....aí passei um tempo vendendo maconha e nesse tempo que eu passei vendendo fumei maconha de mais! Só andava lombrado, 24 horas por dia lombrado...

E- Aí pra quanto foi seu consumo?

G- Não sei te dizer não, era muita maconha, quando eu comecei a vender maconha tinha uns caras que ficavam lá de outra área que disseram que eu estava atrapalhando o negócio deles, porque eu comecei a vender no meio do caminho para a área deles aí os cara não iam mais lá, paravam em mim e compravam. Aí eles começaram a botar olho, botar olho, foi logo na época que eu fui preso...

E- Como foi este episódio da prisão?

G- Eu tava na casa de... foi num domingo dia 20 de novembro de 2011. Eu tava na casa de uma menina e todo mundo ia descer para o rio, aí eu estava lá, fumei até um baseado lá, eu tava com oito dólar enrolado na calça e oitenta reais...

E-O dólar que você vendia era mais ou menos de quantas gramas?

G- O dólar? Mais ou menos oito gramas, mas varia de vendedor para vendedor...aí quando a menina disse assim: “Vá ali falar com fulano pra vê se ele vai lá fazer a comida, aí tinha um beco em frente à casa dela e quando eu saí os policiais já estavam lá parado, parecia que já estavam me esperando, na hora que eu saí do beco o policial: “é você mesmo, Encosta!” aí fui preso...e quando eu saí os caras vieram atrás de mim querendo me matar

E- Você foi levado para a delegacia?

G- foi, mas me soltaram no mesmo dia...

E- falaram o que pra você?

G- Quando pega o cara com drogas a depender da quantidade, se os policiais pega o cara com uma balinha ou com um pedra pode ser até que solte, mas se pegar com duas balinhas e dinheiro é surra na certa! Aí tomei minha péia que é de lei! Aí eles me levaram até minha casa, chegando em casa acharam mais drogas aí me levaram e minha mãe foi lá e me soltou, eles me deram um bocado de conselho lá, o policial da civil disse que se me pegasse de novo com drogas ia me matar...Aí com o passar do tempo fiquei viciado mesmo em maconha, pó, tudo.... Aí o cigarro que fazia era de dois Colomi (papel de cigarro), já cheguei a fumar maconha até em papel de maisena...

E- Você escolhia o tipo da substância que usava? Como você sabia se aquele material era bom ou ruim?

G- Identificar a maconha é fácil! Se ela for verde demais aí não presta, o cara que fuma não tem lombra nenhuma, quanto mais escura ou vermelha mais forte é, quanto mais vermelha e escura o cara lombra mais, uma coisa que os caras fazem para a maconha ter um efeito maior é banhar com conhaque ou um Dreher.

E- Borrifa?

G- Ou então derrama cachaça mesmo em cima, deixa secar, se quiser bota açúcar, aí fica um veneno!

E- Você sentia a diferença com a maconha preparada deste jeito?

G- Sente! Não tem como o cara não sentir não, parece que envenena mesmo a droga

E- Você chegou a fumar na escola?

G- Oxi! Direto, quando eu chegava na escola já era pra fumar maconha, às vezes nem entrava na sala, ficava todo mundo fora da sala, a polícia ia lá direto, a polícia tava lá todo o dia. Eu fumava maconha dentro do banheiro...

E- E usava alguma coisa pra disfarçar

G- Que nada fumava mesmo como é que ia saber quem foi? Tinha uma sala vazia da escola que era comum a gente fumar lá dentro, eram três salas no final que não tinha aula aí ficava uma menina na porta sentada olhando e nós tudo lá dentro quando vinha alguém a menina falava

E- A menina fumava?

G- Fumava

E- E como vocês viam o uso delas?

G- Depende muito da mulher! Mas é difícil a mulher guentar fumar maconha. Uma vez eu fumei 50 gramas numa tarde com uma mulher aí ela não guentou e foi dormir Ela já estava quase caindo sentada. Todas as mulheres que eu conheci até agora fumava um, dois e já estavam mal. Agora eu quando comecei a me acostumar mesmo fumava 10 baseados até chegar num ponto que a lombra era tanta que

parecia que nem lombrava mais. Tinha vezes também que eu fumava tanto que dava até dor de cabeça...

E- E aí você tomava alguma coisa

G- Não, esperava a dor de cabeça passar

E- Você usava algum colírio ou algo para disfarçar?

G- Não, usava óculos boné baixo, a maioria que usa maconha usa boné baixo.

O uso do boné rebaixado quase na altura dos olhos tem sido um comportamento comum entre os jovens usuários de psicoativos ou entre os jovens que querem se passar por usuários para impressionar os colegas e as meninas que paqueram. Este tipo de vestimenta tem sido observado como parte de um estilo de vida juvenil. Particularmente observei jovens com este estilo na pesquisa em uma instituição escolar relatada mais adiante.

E- Porque você foi se envolvendo, se envolvendo na venda e não ficou só no uso?

G- No começo quando eu fumava maconha eu fumava escondido, não queria que ninguém soubesse aí depois comecei a andar com uns colegas que se arrumavam bem e não tinham medo de nada, aí pensei “Oxi se eles são assim porque eu também não posso ser?” Aí comecei a investir, me lembro de que estava sentado com um colega aí veio um cara e falou “é velho vou ali pegar umas drogas na casa de um cara, bora? Quem sabe ele não te coloca no esquema também?” Daí foi aí

que comecei, oxii!, eu já vendi muito Crack e nunca fui preso, quantas vezes a polícia já me barrou e eu com oito pedras de Crack debaixo da língua..

E- Como é você escondia debaixo da língua?

G- Debaixo da língua...

E-Embalado?

G- É! embalado num plástico, a única polícia que manda o cara levantar a língua aqui é a Caatinga. Eu falava normal e ninguém percebia...

Neste trecho o jovem expõe sua técnica de transporte da substância psicoativa que comercializava exprimindo uma grande perícia técnica para manter oculta a substância em sua boca mesmo enquanto falava.

E- E você tinha namorada ou algum relacionamento?

G- Eu tenho e ela está grávida

E- E aí você está curtindo esta idéia?

G- Estou, estou tentando parar um pouco com o uso de drogas mais por conta disso...

E- Está com quantos meses?

G- seis...

E- E ela tem sua idade também?

G- Ela tem 16 anos.

Os casos de Gilberto, assim como o de Romildo demonstram que o uso de psicoativos pode conviver com outras atividades sociais sem necessariamente lançar os jovens no caos e na morte. Estes casos são contraprovas da lógica indutiva onde os “cruzados morais” utilizam sempre de exemplos onde o contato com a droga gerou um comportamento compulsivo e até mesmo a morte do sujeito para generalizar a ideia de que qualquer uso de drogas promoverá o caos e a morte. São dois casos em que os sujeitos ajustaram suas carreiras de desviantes ao convívio cotidiano considerado aceito socialmente. Estes casos, assim como os outros trabalhados acima mobilizaram uma série de reflexões e possíveis conclusões inteiramente relacionados com a perspectiva teórica escolhida. Passemos agora para algumas destas reflexões no capítulo das considerações finais.

Considerações Finais

Os casos trabalhados nesta dissertação e a análise dos discursos sobre a questão do uso de psicoativos numa instituição escolar confirmam um pressuposto que acredito ser um ponto em comum entre todos os autores interacionistas que analisaram de forma direta ou indireta a questão do uso de drogas e do desvio: Não existem Outsiders ou desviantes a priori. A categoria de desviante é uma categoria acusatória forjada nos interstícios das relações sociais e processada pelo sujeito acusado.

Seguindo este raciocínio, a leitura de Howard Becker foi de muita importância já que o autor sugere que o desvio se processa em diferentes momentos e de que cada momento guarda uma característica lógica específica que não pode ser transposta. O fato do qual trata Erving Goffman ao descrever diversos casos onde o estigmatizado manipulava seu estigma para obter aceitação social e vantagens sociais foi também de grande relevância para as reflexões nesta dissertação (GOFFMAN, 2008). Os achados desta dissertação ao mesmo tempo confirmam e vão além do pensamento destes dois grandes autores por razões que afirmarei a seguir.

A análise dos casos como, por exemplo, dos dois últimos trabalhados acima mostra, porém, que alguns dos sujeitos considerados desviantes podem querer mesclar sua identidade de desviante com uma identidade socialmente aceita. Eles vão em muitos casos no limite da tentativa desta junção e em alguns casos, em alguns momentos, esta mescla se torna inconciliável como Mateus afirma que “badalou”, ou seja minha identidade de desviante se sobressaiu em relação a minha identidade socialmente aceita.

A situação destes jovens é diversa da analisada por BECKER (2008) onde os músicos de Jazz assumem sua identidade de desviante, a sociedade compra um serviço destes desviantes e um dos dilemas citados pelo autor é conciliar a criatividade e espontaneidade musical com o gosto e os pedidos do público e dos donos de estabelecimento. O conflito parece estar situado muito mais na expressão da musicalidade e na contradição entre as sensibilidades musicais entre os músicos e destes para o público do que no conflito entre se mostrar ou não enquanto usuário de maconha como mostra o trecho adiante:

“Os músicos são hostis a seus públicos, temerosos de ter de sacrificar seus padrões artísticos aos quadrados. Eles exibem certos padrões de comportamento e crenças que podem ser considerados ajustes a essa situação. Esses padrões de isolamento e auto-segregação são expressos na situação real de execução musical e na participação no intercurso social da comunidade mais ampla. A principal função desse comportamento é proteger o músico da interferência do público quadrado e, por extensão, da sociedade convencional. Sua principal consequência é intensificar o status do músico como um outsider, por meio da operação de um ciclo de desvio crescente que, por sua vez, aumenta as possibilidades de dificuldades adicionais” (BECKER, 2008, Página 105).

Este trecho é muito importante, pois refere a dois aspectos que gostaria de discutir nestas considerações finais: Um se refere aos “padrões de comportamento” que parecem ser ajustes a uma distância entre Outsiders e estabelecidos. Estes padrões de

comportamento citados pelo autor são oriundos dos Outsiders que necessitam se ajustar a uma demanda de consumo por seus serviços. Estes padrões de ajustamento também são observados nos jovens desta pesquisa que como no caso de Mateus, Romildo e Gilberto e nos casos relatados pela equipe pedagógica, estes jovens necessitam vender sua força de trabalho, com uma diferença de que este trabalho é do tipo subalternizado, pouco valorizado socialmente e que não permite a conciliação das facetas identitárias de Outsider e convencional. A vida escolar, como foi pesquisada acima, também não tem permitido a possibilidade de conciliação destas duas facetas, ou seja, por mais que os jovens se esforcem por fazer estes ajustamentos, a escola e o mundo do trabalho subalternizado os impõem uma escolha definitiva e não dialética: ou você é usuário de substâncias psicoativas ou você é um aluno ou trabalhador convencional.

O outro aspecto da afirmação de Becker que gostaria de discutir é o de que a leitura deste autor sugere de que as atividades desviantes tendem a crescer, ou seja, os sujeitos desviantes tendem a ficar cada vez mais especializado em seus desvios e o trecho já citado acima confirma em parte este aspecto: “Sua principal consequência é intensificar o status do músico como um outsider, por meio da operação de um ciclo de desvio crescente que, por sua vez, aumenta as possibilidades de dificuldades adicionais”. Os casos trabalhados nesta dissertação apontam para possibilidades diversas como: o jovem pode se inserir por um tempo em atividades tipificadas como desviantes e manter atividades consideradas como convencionais sem necessariamente intensificar uma ou outra e os jovens podem se inserir em atividades desviantes e em outro momento se tornar completamente convencionais como foi o caso de Romildo. Então, os dados apontam para uma relativização da idéia de um ciclo de desvio necessariamente crescente. Este achado se faz de suma importância também para relativizar concepções elementaristas sobre “delinquência” juvenil.

As afirmações de Goffman citadas acima também são em parte aplicáveis na análise dos dados obtidos nesta pesquisa. Na análise das entrevistas as afirmações de Luciano em que este afirma ter sucumbido pelo uso compulsivo de drogas é um exemplo de manipulação da “*identidade deteriorada*”. O jovem só não afirma de que é um toxicômano por desconhecimento de termos técnicos, mas é nítida uma tentativa de reinserção no mundo social convencional por uma assunção de culpa. Mas, nos outros relatos não se trata de manipulação da “*identidade deteriorada*” e sim de uma tentativa real de sobreviver socialmente apesar de ter uma forma própria de estar no mundo que diverge em muitos aspectos da forma convencional e do uso de psicoativos. Esta forma própria de estar no mundo problematizada em capítulo acima, mas não esgotada, pois a pesquisa sobre a expressividade, estética, afetividade e sociabilidades juvenis são inesgotáveis devido à multiplicidade e complexidade do fenômeno que está sempre em movimento e mudança em função do tempo e espaços sociais.

A análise das entrevistas e interações sociais aponta para a desmistificação de que o jovem usuário de psicoativos é necessariamente um sujeito manipulador e perigoso. Mais perigosa é a atitude de uma sociedade excludente que se manifesta nos discursos dos agentes de socialização com uma alta dose de cinismo, pois o estilo de vida destes jovens é apontado como algo indecifrável ou completamente estranho quando na verdade é uma alteridade que não é reconhecida pelo modo de vida convencional. Não é reconhecida porque reúne elementos que foram historicamente estigmatizados como origens de classe social, etnia e usos de psicoativo e outros. Sobre esta última afirmação vale ressaltar a tese de ADIALA (2011) onde o autor demonstra a partir de outras pesquisas como a de David Musto de que a ideologia proibicionista em muitas ocasiões associou o uso de determinadas substâncias psicoativas a determinados

grupos étnicos e etário com o objetivo claro de estigmatizá-los e desmoralizá-los socialmente.

Os dados colhidos com o corpo técnico da instituição escolar pesquisada apontam para a permanência de um saber pouco científico, acrítico e altamente influenciado pela mídia pouco qualificada o que sem dúvida perpetua uma crença do usuário comprometido socialmente e amplifica sobremaneira os dispositivos de estigmatização e exclusão social. Estas representações são originadas em larga escala na publicidade de prevenção às drogas de matriz proibicionista. Neste tipo de publicidade são reforçadas as imagens de perdedor, delinquente ou enfermo que aparecem atreladas ao usuário de psicoativos. É exacerbado o caráter ilícito do uso das drogas e suas implicações quase que necessárias com a violência, o tráfico e o crime organizado. (TRAD, 2004). De acordo com TRAD (2010) a história da prevenção às drogas no Brasil contribuiu em muito para a construção e divulgação da figura estigmatizada do “drogado” enquanto um ser destituído de capacidades decisórias, um ser susceptível ao contágio pelas drogas e que, por conseguinte contagia aos outros e à sociedade em geral. A categoria acusatória “drogado” foi então publicitada e respaldada cientificamente através da história pelos saberes biomédicos e jurídicos. E este saber é acriticamente apropriado pelos educadores quando se dispõem a refletir sobre o tema na maioria das vezes através de material de pouca qualidade ou revistas não especializadas.

Os relatos da equipe pedagógica mostraram uma mistura entre uma posição maternal que coloca o aluno como um ser sob tutela, incapaz de decidir sobre sua vida e o que BECKER (2008) denomina como “cruzados morais”. Estes que são um tipo de “empreendedores morais” e são situados em geral nos níveis superiores da estrutura social e querem geralmente “ajudar” os que estão abaixo deles. Ajudar, tirar do mau

caminho, oferecer apoio para melhorar o modo de vida do outro que por alguma razão direcionou-se de forma “errada” na vida. O autor é muito pertinente em exemplificar que a questão das drogas está inserida na maioria das vezes numa espécie de “cruzada moral”. Neste sentido, a escola quando se predispõe a tratar do tema, aborda-o do lugar da moralidade, dos considerados bons costumes ou do lugar do terror, do discurso catastrófico em relação ao uso de psicoativos.

Na investigação feita na instituição escolar sobre os saberes e práticas a respeito do uso de psicoativos foi constatado: Predomínio da disjunção aluno X usuário de substâncias psicoativas no ambiente escolar pesquisado. As entrevistas com o corpo docente e com os alunos não usuários revelaram o predomínio de uma idéia de que o uso de drogas de qualquer natureza torna-se incompatível com o papel de aluno. Seguindo esta forma de pensar, a categoria aluno estaria indissociavelmente atrelada a um ideal de um ser em preparação para o mundo do trabalho formal onde comportamentos indesejáveis e considerados inaceitáveis em um ambiente de trabalho cada vez mais competitivo seriam severamente punidos.

Além deste aspecto existe a preocupação moral do corpo docente em estar acobertando este possível uso de psicoativos. Existe um medo de ser cúmplice de um aluno que poderia ser filho desta ou daquela professora. Este receio reforça a concepção de aluno como um ser que precisa ser sempre tutelado pelo outro.

Presença do estigma em relação ao aluno usuário de substâncias psicoativas que tem que gerenciar suas facetas identitárias. Ser usuário de maconha neste contexto significa estar sob suspeita. A família e a escola traçam um caminho rígido e inexorável para o usuário de drogas. Tal caminho aponta para seu fracasso certo e o agravamento de sua situação social geralmente culminando em problemas com a polícia ou morte. No

âmbito do trabalho também é condenada a prática do uso de drogas, havendo relato de jovens que foram dispensados de seus trabalhos como ajudantes em oficinas por usarem maconha.

Por estes motivos, os jovens necessariamente têm que manipular esta faceta de sua identidade e muitas vezes esconder tal prática e preferência dos outros mais próximos. Eles muitas vezes tornam-se desconfiados e preferem o silêncio sobre o assunto quando a pessoa não lhes inspira confiança.

Saber aprofundado sobre os tipos, usos e efeitos causados pelas substâncias por usuários e saber superficial dos não usuários. Através dos relatos se percebeu que os usuários têm um conhecimento empírico aprofundado sobre as substâncias psicoativas principalmente sobre a que eles utilizam que no caso é a maconha. Descrevem as propriedades físicas do produto com detalhes e no que tais diferenças de propriedades físicas implicam em diferenças nos estados de consciência subsequentes. Utilizam critérios como cor, cheiro, grau de e tempo de queima durante o uso propriamente dito.

Predomínio de informações veiculadas pela mídia televisiva sobre o assunto e assimilado de forma acrítica por não usuários. Os não usuários de forma geral admitem que seus conhecimentos sobre a questão das substâncias psicoativas advêm em sua maioria da mídia televisiva. Esta fonte também varia em termos de classificação dos programas. Há relatos de programas mais sofisticados como o Fantástico e o Globo Repórter e programas pouco elaborados como os que geralmente passam ao meio dia e que associam de forma inseparável o mundo das drogas a um cenário de violência, conflitos com a lei e caos social.

Essa matriz discursiva, hegemônica entre os anúncios de prevenção na mídia marcada por um cunho autoritário, fundamenta-se mais nos mitos do que em evidências científicas e é questionada por parte da comunidade científica, que, por exemplo, descarta a hipótese de que as drogas tenham uma ação *fisiológica simples*, igual em todos os seres humanos (TRAD, 2004).

Existência de exceções a idéia comum de que o usuário de maconha necessariamente torna-se um mau aluno. Existiram dois relatos que apontam que o uso recreativo, mesmo que habitual da maconha não causou prejuízos significativos na vida escolar de tais alunos usuários. Os mesmos afirmam que a erva os deixou mais calmo, diminuiu sua ansiedade no âmbito da família e da escola.

De acordo com FERNANDEZ (2007) a pesquisa antropológica ao focar os discursos nativos dos sujeitos envolvidos no fenômeno pode contribuir de forma decisiva para a relativização de uma ideologia proibicionista e trazer contribuições para abordagens e políticas públicas mais democráticas e contextualizadas. A pesquisa contou muito com as leituras antropológicas e sociais, apesar da minha inserção iniciante com este tipo de olhar e de proposta metodológica. A substância psicoativa enfocada foi a maconha, embora como já afirmei anteriormente a quase totalidade dos sujeitos eram poliusuários. Os discursos sobre os usos da maconha foram ricos e cheio de detalhes.

Os discursos dos jovens tenderam a confirmar a qualidade plurifarmacológica da maconha apontada por MACRAE e SIMÕES (2004) e de seus efeitos diversos de sujeito para sujeito. Embora, no geral foi atribuído por todos a qualidade de ficar “sossegado” com o uso da maconha. Esta foi denominada como “chá” ou “massa” e o cigarro chamado de “beck” ou “baseado”. O uso do termo “lombra” ou “lombrado” foi

largamente utilizado para se referir aos efeitos da substância, semelhante ao que se chamava de “barato” nas gerações mais antigas. Eram feitas referências ao tamanho do cigarro como “fino” ou “fininho” obviamente para os cigarros menores e “Bob Marley” e “dedo de Hulk” para os de calibre mais alto. O relato dos jovens também aponta para a relativização da idéia da presença de síndromes e sintomas psiquiátricos e neurocognitivos associados ao uso constante da cannabis. Este aspecto corrobora com as afirmações de pesquisas citadas por SANTOS (2003) entre elas a da pesquisadora Vera Rubin de que o uso contínuo da maconha não necessariamente produz danos neurocognitivos, déficits nas funções psicológicas superiores ou síndromes amotivacionais. Os jovens entrevistados nesta dissertação, com a exceção de Luciano que relatou um uso de drogas mais compulsivo, são todos jovens motivados e com muita energia para trabalhar, estudar e realizar atividades. Então concluo que a escolha de determinadas atividades não formais em detrimento das convencionais como as escolares não decorrem exclusivamente das propriedades psicofarmacológicas da maconha, mas da dinâmica complexa e multifacetada destes jovens com suas carreiras desviantes e das motivações envolvidas nestas carreiras, o que foi amplamente discutido no decorrer deste trabalho.

Existiu uma situação que poderia ser um contra exemplo das afirmações feitas no parágrafo acima que gostaria de expor. O jovem Adriano em determinado ponto da entrevista afirmou que tinha visões quando utilizava a maconha. Como psicólogo pude esmiuçar o que o jovem tentava dizer com o termo “visões” ou “eu via coisas”. Tratava-se de uma alucinação induzida pelo uso da cannabis? A resposta é negativa, pois o que o jovem relatou é de que se via projetado numa imagem jogando capoeira com seu antigo mestre. Ele se via jogando capoeira, era mais do que uma memória, porém menos do que uma alucinação, pois o sujeito guardava a integridade de seu senso crítico e de seu

juízo ao saber que naquele momento ele era dois, um espectador “lombado” e emocionado e uma personagem de sua própria história de vida. Este episódio de hipermnésia, em minha opinião, é muito mais um encontro privilegiado e afetivo consigo mesmo do que um sintoma estritamente psicopatológico.

Os jovens se referiam à estigmatização social com a palavra “fama”, “o sujeito que cria fama na comunidade”, mas não no sentido de celebridade, mas como um elemento perigoso ou “badalou” que provavelmente quer dizer “escancarou”, mostrou sua face de usuário e em algumas situações de pequeno traficante ou também um sujeito que não se pode brincar. A palavra “paloso” também foi muito utilizada e geralmente significa que o sujeito assume uma identidade de usuário, a palavra “pala” é reservada para o que antigamente se chamava de “Beca”, ou seja, a arrumação do sujeito, suas roupas, sandálias, bonés e demais adereços. Foi utilizada a palavra “peça” para se referir a arma. Foi utilizada a expressão “fazer um corre” para significar fazer uma venda de droga, geralmente de uma quantidade razoável medida em quilo. Eles utilizaram a expressão antiga “dar um tapa” para o uso da maconha e “pegar um raio” para o uso da cocaína. O Crack foi denominado também de queijo, pedra ou brita. Não houve referência em nenhum relato a drogas sintéticas como o MDMA ou Ecstasy e de drogas opiáceas.

O relato dos jovens revela variações de formas de uso da maconha quanto à adição de bebida alcoólica destilada como conhaque e cachaça e com uma nova secagem do produto. É descrito nos relatos que as bebidas são borrifadas ou derramadas puras ou com a adição de mel, melaço ou açúcar. Este processo leva a uma mudança na cor da maconha tornando-a avermelhada e em muitos relatos tal adição é responsável por uma “lombra maior”. Não encontrei na literatura uma pesquisa que explique

cientificamente este processo, não se sabe até o momento se tal efeito é farmacológico ou subjetivo tampouco os possíveis danos causados por esta modificação no uso da maconha. De qualquer sorte é um aspecto a ser futuramente pesquisado e pode contribuir para o saber de possíveis trabalhos em redução de danos. Não há consenso nos relatos sobre a modificação dos efeitos quando se adiciona tais produtos e houve relato contrário a esta mistura afirmando que isto estraga a maconha. Os tipos de maconha citados mais comumente foram: a prensada, a natural, a vermelha (que passa por este processo acima descrito) e o alecrim que apresenta tonalidade de verde um pouco mais clara. Para a natural e a prensada se utilizou respectivamente tonalidades de verde mais escuro ou verde escuro quase amarronzado. Não houve relatos sobre outras formas de consumo que não fosse a “fumada com seda”, como por exemplo, a fumada com outros aparelhos inalatórios ou consumida como alimento.

Em nenhum caso o uso da maconha foi associado a sintomas psicopatológicos como alucinações ou delírios. Houve consenso em afirmar que o uso da maconha estimula o apetite e um relato (Luciano) afirmou que o uso da maconha oferece efeito protetivo em relação a outras drogas, pois promove o apetite e possibilita o sono, o jovem chega a afirmar que na época de uso do Crack só conseguia realizar estas duas atividades fisiológicas essenciais se utilizasse a maconha.

Esta modificação do uso da maconha por jovens nos leva também a outra discussão: até que ponto este uso da maconha guarda ainda um caráter ritualístico ou está entregue as técnicas de alteração da consciência ligadas puramente ao consumismo e a esta dinâmica subjetiva da contemporaneidade? Diante dos dados coletados arrisco a afirmar de que os dois aspectos não são excludentes e estão presentes neste uso da maconha por jovens de meio urbano. Em um extremo está um tipo de uso pouco

ritualizado apresentando traços de compulsão, competição e prova de virilidade. É um uso de quantidades consideradas pelos próprios jovens como abusivas que conduzem a uma “lombra” intensa com efeitos ora sedativos ora indesejados.

No polo oposto ao do uso compulsivo está o uso considerado “legal”, um uso compartilhado em pequenos grupos, onde existem altos níveis de sociabilidade, conversas, afetos e utilização de música. É muito comum que os jovens ouçam música atualmente através do aparelho celular que possuem alta potência sonora e comportam formatos compactados de arquivos musicais. Foram citadas músicas e personagens que estão historicamente relacionados ao uso da maconha como o Bob Marley, o reggae como estilo musical apreciado, principalmente a música de Edson Gomes que já não é tão nova, ou seja, participou do gosto musical de gerações anteriores. Então isto aponta para certo grau de ritualização com a releitura e ressignificação de certos ícones e de certas práticas do uso da maconha no passado, existe aí uma ligação intergeracional, uma memória, uma história.

Esta pesquisa sugere em suas linhas de conclusão de que o fenômeno que cerca os saberes relativos às substâncias psicoativas pela juventude é advindo de uma construção ativa e interativa dos sujeitos envolvidos nestas práticas, de suas relações sociais e da sociedade mais ampla que os cerca. Espero que esta dissertação tenha contribuído com algumas reflexões sobre o tema do uso de psicoativos pela juventude e de que proporcione subsídios para discussões mais contextualizadas e menos proibicionistas e terroristas sobre o assunto. Espero também que contribua para a desconstrução do estigma do jovem que utiliza drogas como um sujeito necessariamente psicopata, amoral e perigoso. Estes jovens continuam com seus sonhos, sonhos de adultos, sonhos de crianças, sonhos que nos ajudam também a continuar com os nossos.

Referências:

ABRAMOVAY, Miriam.; RUA, M. **Avaliação das ações de prevenção de DST/Aids e o uso indevido de drogas nas escolas de ensino fundamental e médio em capitais brasileiras.** Brasília: UNESCO, Ministério da Saúde, Grupo Temático UNAIDS, UNDCP, 2001.

ABRAMOVAY, Miriam (et al...). **Gangues, galeras, chegados e rappers:** juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

ABRAMO, Helena. W. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil.** In: Revista Brasileira de Educação, Número Especial: Juventude e Contemporaneidade, 1997.

ADIALA, Júlio César. **Drogas, Medicina e Civilização na Primeira República.** Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2011. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/ppghcs/media/tese_julio_adiala.pdf >. Acessado em Abril de 2013.

ADIALA, Júlio César. **O problema da maconha no Brasil:** ensaio sobre racismo e drogas. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1986.

ALMEIDA, M. I. M., EUGENIO, F. (ORGs) **Culturas Juvenis:** novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ALMEIDA, Felipe Quintão. Bauman e a Educação / Felipe Quintão de Almeida, Ivan Marcelo Gomes, Valter Bracht. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

AQUINO, Júlio Groppa. *Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998.

ARTAUD, Antonin. **O Teatro e Seu Duplo**. São Paulo: Max Limonad, 1987.

ARTAUD, Antonin. **A Arte e a Morte**. Lisboa: Hiena, 1975.

AQUINO, Júlio. G. (Org.). **Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. SP, Cultrix, 1979.

BARTHES, Roland. **Aula**. SP, Cultrix, 1980.

BARTHES, Roland. **S/Z**. RJ, Nova Fronteira, 1992.

BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zigmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECKER, Howard. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1973.

BILL, MV; ATHAYDE, Celso. **Falcão – meninos do tráfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CALLIGARIS, Contardo. **Terra de ninguém**. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2004.

CARNEIRO, H. **A fabricação do vício**. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP), 2002. Disponível em: <www.neip.info>. Acessado em janeiro de 2013.

CASTEL, Robert. **A dinâmica dos processos de marginalização**: da vulnerabilidade à “desfiliação”. Bahia: Cadernos CRH - UFBA, nº 26 e 27, pp. 19-40, 1997.

CASTRO, L. R. "**Estetização do corpo**: identificação e pertencimento na contemporaneidade". In: L. R. Castro (Org.), *Infância e adolescência na cultura do consumo*. Rio de Janeiro: Nau, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Público, privado, despotismo**. In: Novaes A, organizador. *Ética*. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

CHARLOT, B. **Os jovens e o saber**: perspectivas mundiais. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CARLINI-COTRIM, B. **Drogas na escola**: prevenção, tolerância e pluralidade. In:

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COSTA, J. F. **Perspectivas da juventude na sociedade de mercado**. In: Novaes R, Vannuchi P., organizadores. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2004.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>.>

DUBET, François. **A escola e a exclusão**. Publicado originalmente em francês na revista *Éducation et Sociétés*, n.5, p.43-57, 2000/2001. *Cadernos de Pesquisa*, n. 119, julho/ 2003.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. São Paulo: Idéias e Letras, 2010.

ELIAS, Norbert. e SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade/Norbert Elias e John L. Scotson; tradução, Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Siissekind; apresentação e revisão técnica, Federico Neiburg. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ESPINHEIRA, Gey. **Sociedade do medo**: teoria e método da análise sociológica em bairros populares de Salvador: juventude, pobreza e violência. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDEZ, O. **Coca Light?** Usos do Corpo, Rituais de Consumo e Carreiras de Cheiradores de cocaína em São Paulo. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais – Antropologia) –Universidade Federal da Bahia, 2007.

FILHO, Antonio Nery, MESSEDER, Marcos. L. **Exclusão ou desvio? Sofrimento ou prazer?** In: *Drogas: tempos, lugares e olhares sobre seu consumo*. Salvador: EDUFBA, 2004.

GATTI, Bernadete. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GOFFMAN, Erving. Estigma. **Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 2009.

GOFFMAN, Erving. **A Elaboração da face** – Uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. *Psicanálise e Ciências Sociais*: Rio de Janeiro: Fransisco Alves, 1980.

GOMES, Rogério Rodrigues. Caminhos sobre a especificidade da redução de danos frente aos modelos de abordagem ao uso de psicoativos no Brasil. In: *As drogas na Contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais*. Antonio Nery Filho [ET AL.] (orgs). Salvador: EDUFBA, 2012.

GOULART, S. L. **Estigmas de grupos ayahuasqueiros.** In: *Drogas e Cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GROPPO, Luís. A. **Juventude:** ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GRUND, Jean-Paul C. **Drug use as a social ritual:** functionality, symbolism and determinantsof self-regul ation. Rotterdam: Institut voor Verslavingsonderzoek (IVO), 1993.

GUIMARÃES, Marcelo Amrader, MACRAE, Edward, ALVES, Wagner Coutinho. **Coletivo Balance de redução de riscos e danos:** ações globais em festas e festivais de

música eletrônica no Brasil. In: As drogas na Contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais. Bahia: EDUFBA, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2000.

Jean-Paul C. Grund- **Drug Use as a Social Ritual**- Functionality, Symbolism and Determinants of Self-regulation ; Rotterdam, Institut voor Verslavingsonderzoek (IVO), Erasmus Universiteit Rotterdam, 1993

KANDEL D. Stages in adolescent involvement in drug use. Science 1975; 190(4217):912-4.

KIND, L. **Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais**. Psicologia em revista, Belo Horizonte, v.10, n.15, p.124-36, 2004.

LABATE, Beatriz Caiuby. **Drogas e cultura: novas perspectivas** / Beatriz Caiuby Labate ... [et al.], (orgs.) .Salvador : EDUFBA, 2008.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. São Paulo: Papiрус, 2003.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LE BRETON, David. **Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica**. In: Horizontes Antropológicos, Traduzido do francês por Débora Krischke Leitão e Maria Eunice Maciel. Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 25-40, jan./jun. 2010.

LIMA, Rita de Cássia Pereira. **Sociologia do desvio e interacionismo**. In: Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(1): 185-201, 2001.

LUDKE, M, ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACRAE, Edward. **O uso ritual de substâncias psicoativas na religião do Santo Daime como um exemplo de redução de danos**. In: Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas. Antonio Nery Filho [ET AL.] (orgs). Salvador: EDUFBA, 2009.

MACRAE, Edward, SIMÕES, Júlio Assis. **Rodas de Fumo: o uso da maconha entre camadas médias**. Salvador: EDUFBA, 2004.

MACRAE, Edward. **A prevenção da AIDS entre usuários de Drogas Injetáveis**. Disponível em <www.giesp.ffch.ufba.br> Acessado em janeiro de 2013.

MALHEIROS, Luana. **Tornando-se um usuário de Crack**. In: As drogas na Contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais Antonio Nery Filho [ET AL.] (orgs). Salvador: EDUFBA, 2012.

MAUSS, Marcel. “**As técnicas Corporais**” [1934]. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

MOREIRA, E. C. **O uso do crack nas metrópoles modernas: observações preliminares sobre o fenômeno em Salvador, Bahia**. In: Toxicomanias: incidências clínicas e sócio-antropológicas. Nery Filho (org). Salvador: EDUFBA: CETAD, 2009.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MAGNANI, J. G. C. **Discurso e Representação**: Como os Baloma de Kiriwina Podem Reencarnar-se nas Atuais Pesquisas. In CARDOSO, RUTH C.L. (Org.) *A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

NETO, **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre, Sulina, 2000.

REY, F. L. G. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

NILCE, S., COSTA, P. C. **A autobiografização mútua na pesquisa sobre a formação dos professores por meio das histórias de vida: algumas considerações epistemológicas**. IN: *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 17, n. 29, p. 51-66, jan./jun., 2008.

PEREIRA, Patrícia de Andrade e LIMA, Olivar Antônio Lima. **Estrutura elétrica da contaminação hídrica provocada por fluidos provenientes dos depósitos de lixo urbano e de um curtume no município de Alagoinhas**. In: *Revista Brasileira de Geofísica* (2007) 25(1): 5-19 2007 Sociedade Brasileira de Geofísica ISSN 0102-261X, 2007.

PINHO, O. A. **Etnografias do Brau**: Corpo, Masculinidade e Raça na Reafricanização em Salvador. In: *Revista Estudos Feministas*, janeiro-abril, ano/vol. 13, número 001. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

QEIROZ, M. I. **Relatos orais**: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON (org.) *Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, 1988.

SANTOS, R.G. Um panorama sobre a maconha. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP), 2009. Disponível em: www.neip.info. Acessado em abril de 2013.

SARAIVA, J. E. M. (2000). **Do individualismo moderno ao narcisismo contemporâneo**: A produção da subjetividade na cultura do consumo. In S. Souza (Org.). *Subjetividade em questão: A infância como crítica da cultura* (pp. 47- 64). Rio de Janeiro: 7 letras.

SILVA, T. T. **O projeto educacional moderno**: identidade terminal? In: A. VEIGA-SARTI, Cynthia. A. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortês, 2011.

SARTI, Cynthia. A. **A Continuidade entre Casa e Rua no Mundo da Criança**, *Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.*, São Paulo, 5 (1/2), 1995.

SARTI, Cynthia. A. **O jovem na família: o outro necessário**. In: Vannuchi, Paulo e Novaes, Regina (org.), *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; 2004. p. 115-29.

SPOSITO, M. P. **Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil**. In: *Retratos da Juventude Brasileira. Análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

TRAD, Sergio. **Mídia e Drogas**: confrontando texto e contexto da publicidade comercial e de prevenção In: *Drogas; tempos, lugares e olhares sobre seu consumo*.

TAVARES, Luiz Alberto [ET AL.] (orgs). Salvador: EDUFBA, 2004.

TRAD, Sergio. **Controle do uso de drogas e prevenção no Brasil**: revisitando sua trajetória para entender os desafios atuais. In: *Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas*. Antonio Nery Filho [ET AL.] (orgs). Salvador: EDUFBA, 2009.

TRAD, Sergio. **A trajetória da prevenção às drogas no Brasil**: Do proibicionismo à redução de danos e seus reflexos nas políticas locais. Tese de Doutorado.

UNIVERSITAT ROVIRA I VIRGILI, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Pesquisa Qualitativa**. In: Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TOURAINÉ, A. **Poderemos viver juntos?** Petrópoles: Vozes, 1998.

VALENÇA, Tom. Consumir e ser consumido, eis a questão. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Salvador: PPGCS/ UFBA, 2010.

VELHO, Gilberto. **O consumo de psicoativos como campo de pesquisa e de intervenção política**. In: Drogas e Cultura: Novas perspectivas. Beatriz Caiuby Labate...[et al.] (orgs). Salvador: EDUFBA, 2008.

VELHO, Gilberto. **A dimensão cultural e política dos mundos das drogas**. In: Drogas e Cidadania – Alba Zaluar (Org.). São Paulo: Brasiliense, 2008.

VELHO, Gilberto. **Nobres e Anjos**: um estudo de tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VIDAL, Sérgio. A regulamentação do cultivo de maconha para consumo próprio: uma proposta de Redução de Danos. In: Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas. Antonio Nery Filho [ET AL.] (orgs). Salvador: EDUFBA, 2009.

VIDAL, Sérgio. História do cultivo indoor da cannabis sativa. In: As drogas na Contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais. Antonio Nery Filho [ET AL.] (orgs). Salvador: EDUFBA, 2012.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ZINBERG, Norman Earl. Drug, set, and setting: the basis for controlled intoxicant use. Nova Haven, Yale University Press, 1984.

ZIZEK, Slavoj. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. São Paulo: Boitempo, 2011.

APÊNDICES

Entrevista com o Pastor João Maria

E- Como é seu nome todo?

J- João Maria de Araújo.

E- Me diga aí João como foi esta relação de pensar este lugar para a juventude me conte um pouco da história da casa de passagem Belém...e do seu envolvimento com essa causa da juventude.

J- Na verdade acho que se entrelaçam eu já tive envolvimento com drogas quando eu tinha meus 10 pra 12 anos de idade...

E- Isto é um fato que eu possa tornar público?

J – Pode! Não tenho dificuldade nenhuma! Pode ficar a vontade! Eu tinha saído para fumar com um amigo e fui preso pela primeira vez e nesse momento minha família soube e teve aquele momento meio de... discussão e tudo e depois um pouco teve um envolvimento com meu irmão uma briga minha com ele e de lá eu saí de casa...na verdade meu pai me colocou para fora de casa, porque eu já estava pegando as coisas dentro de casa aquela coisa toda e aí começou uma estória de se virar por mim mesmo e eu já fazia uso com sinais de dependência e passei doze anos neste processo né? E aí deste processo saí de casa, fiquei sem contato com minha família, cheguei a morar quase dois anos na rua, passei oito anos sem contato com minha família então eu vivi

bem todo este processo da droga, da relação com a droga, da relação com a marginalidade que na minha realidade foi mais um processo de sobrevivência do que necessariamente da droga mesmo que tenha me induzido a isto. Foi uma questão mais de turma de rapaziada, de sobreviver, de ter o que comer e de vestir, de ter onde morar! Então veio as práticas né? Aí este processo vai e percorre um bom tempo aí eu tenho uma experiência primeira e única que eu tive com um centro de recuperação... neste processo eu morava em Belém aí tive que sair de Belém, tive que sair corrido de Belém aí fui pra Fortaleza depois fui pra Natal onde tinha uma senhora que criou minha mãe em Natal né? E lá fiquei e lá em Natal conheci um pastor presbiteriano que foi indicado por um ex- maluco também ne? E este Pastor, Pastor Roberto Bittencurt é... me recebeu e a priori a gente vai mais pra tirar proveito.. mas com a forma do acolhimento e tudo a gente vai...achando um espaço pra ser ouvido, pra ser entendido...

E- Como assim tirar proveito?

J- Não neste processo foi mais um processo de sobrevivência eu tinha necessidade de estar zanzando por aí, mas também havia a malícia do descuido, da necessidade de tirar proveito, de tirar um dinheiro, mas lá dentro, tem toda esta realidade, só que lá dentro conversando você muda o Norte né?

- Neste momento da entrevista o Pastor João relata o processo que o levou a se tornar um líder religioso. Primeiro como “obreiro” de centros de recuperações relatando que na época não se tinha muitos instrumentos técnicos para lidar com a questão da dependência de drogas em Recife.

J - Os obreiros eram ex-alunos que passaram pelo processo. Havia muita ignorância na forma de ajudar...

E- continuação do relato afirmando que teve recaídas lá...foi morar numa igreja em um pensionato...ficou morando numa creche e nessa igreja se batizou...se casou...e foi convidado a trabalhar não mais como aluno, mas como coordenador...

J- e foi minha experiência de estar do outro lado e aí a gente vê a necessidade de ter mais recursos, de ter ferramentas, de fazer um trabalho melhor...comecei como obreiro, depois fui crescendo lá dentro e virei coordenador...houve uma necessidade de busca pessoal minha e foi quando tive necessidade de ir para o seminário...

E- continuidade do relato... -percurso do “uso da palavra” “chamado e vocação...”.

J- Quando vim para Alagoinhas encontro uma igreja elitizada, uma igreja de famílias uma igreja que tinha certo status, mas que não havia..., havia um trabalho muito litúrgico com pouca realidade e a gente foi trazendo... e aprendendo com eles e na cidade acontecia falas e fatos de jovens que estavam... adolescentes que estavam sendo abordados por gente mascarada,, alguns diziam que eram policiais, outros diziam que não eram...

E- Isso em que período?

J- Mais ou menos 99 pra 2000 por aí. E simultaneamente eu conheci um menino que pedia comida aqui na Rua na Luiz Viana e o nome dele era André.

J-André era aquele caso clássico de abandono, de ser deixado na casa de alguém, mas um belo dia o fato era que o corpo de André havia sido encontrado na estrada que vai para Aramari e já havia na cidade estes fatos acontecendo e nisso a gente já tinha um envolvimento com o conselho de direitos, com o CMDCA já tínhamos envolvimento com Padre Freddy da pastoral (A pastoral do menor de Alagoinhas atende a crianças e

adolescente em situação de vulnerabilidade e Pe. Freddy é seu fundador) com o bispo Dom Jaime, Neuzinha da UNEB..., o próprio pessoal que já tinha sido educador da Pastoral... e aí nós fomos nos encontrando para discutir estes fatos e até com um cunho investigativo também...e chegamos a ouvir relatos de várias mães que testemunharam essas pessoas tirando seus filhos de dentro de casa e depois aparecendo morto no dito eucalipto, onde eram jogados a desova dos corpos...Aqui na igreja mais diretamente teve o fato de André e de Alex, que a irmã dele era daqui da igreja, então Alex Cravo que desapareceu e depois ele foi... o corpo dele foi descoberto num poço depois de mais de uma semana...o fato que se descobriu depois foi que ele tinha roubado um motor de bomba de uma fazenda...aí foi chegando os casos eu cheguei a ouvir algumas mães relatando o procedimento destas pessoas. E então a gente fez alguns contatos com CEDECA e com outras instituições para a gente se mobilizar e nos organizar e aí foi quando surgiu a idéia de fazermos uma caminhada na cidade pra denunciar.

E- Foi uma caminhada só? Teve mais algum movimento?

J- Existiram duas caminhadas e a ideia era a de pegarmos os nomes dos adolescentes que haviam sido mortos... **foram 64** que eram de periferia que depois apareciam mortos e então estes nomes foram colocados nesta cruz...estes nomes foram colocados nesta cruz e fizemos uma mobilização na cidade...fizemos um percurso.. [continuidade do relato sobre as duas mobilizações e das retaliações que os manifestantes sofreram].

J-...telefonemas foram dados pra mim, pra Freddy, pra dom Jaime com ameaças dizendo “Tá defendendo vagabundo...” [continuidade do relato afirmando que houve muitas ameaças e que a primeira cruz foi destruída e eles construíram uma segunda cruz parte da população não aprovava estas manifestações].

J- a partir destes acontecimentos e do que eu já tinha vivido fizemos uma campanha dentro da Igreja para abrirmos este espaço [a casa de Passagem Belém] aí veio a caminhada, as dificuldades de mão de obra, alguns membros na época se colocaram como voluntários, mas aquela coisa muito ingênua, sem a malícia, sem a coisa né? A gente então deu vida para a instituição aí depois vieram pessoas mais experimentadas...depois deste processo de matança, deste absurdo desta coisa monstruosa de ter 64 jovens ceifados desta forma veio a casa de passagem eu continuei no conselho de direitos e foi assim que aconteceu aqui na cidade...

E- Você acha que a situação destes jovens que usam drogas na cidade mudou? Você acha que eles ainda são muito discriminados? Como é que você percebe o jovem usuário desde estes fatos até agora?

J- Uma coisa interessante que eu percebi na época da cruz era que o olhar da sociedade sobre o usuário era o de malandro, de ladrão, não era o de “usuário”, estava muito atrelada à vagabundagem, então o olhar é uma cultura muito da violência de se fez tem que pegar e... então a gente percebe que a população apoiou este tipo de...reação. Hoje em dia eu acredito que isto continua, este olhar ainda predomina de que se roubou tem que matar, tem que tirar de circulação, ainda existe intolerância ao usuário, ao jovem, de onde está vindo...da periferia, agora paralelo a isto a gente já ouve um discurso mais elaborado das instituições sobre o uso, da sociedade sobre não criminalizar mais o uso da maconha, hoje em dia até passeata já tem! A marcha da maconha! Então existem estes novos discursos e outras políticas que tem o olhar mais de cuidador, de humanista que sabe diferenciar uma coisa da outra. Por outro lado existe uma mídia aí feroz que faz disto um espetáculo e dá aquela imagem que todo mundo rouba por causa de drogas, todo mundo mata por causa de drogas, mas eu acho que já

tem andado pra frente em termos de políticas e de discursos que abordam a questão de forma bem mais interessante.